

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**THAIS BORGES RAMOS**

**RESILIÊNCIA FINANCEIRA EM EVENTOS CLIMÁTICOS: UMA  
PROPOSTA DE MEDIDA.**

**Santana do Livramento  
2025**

**THAIS BORGES RAMOS**

**RESILIÊNCIA FINANCEIRA EM EVENTOS CLIMÁTICOS: UMA  
PROPOSTA DE MEDIDA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração, linha de pesquisa Organizações e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Rabelo Dutra

**Santana do Livramento**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R175r Ramos, Thais Borges

Resiliência financeira em eventos climáticos: uma  
proposta de medida. / Thais Borges Ramos.

126 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Pampa, MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO, 2025.

"Orientação: Vanessa Rabelo Dutra".

1. Resiliência financeira. 2. Cidadãos. 3.  
Medida. 4. Eventos climáticos. I. Título.

Todos os direitos autorais reservados a Thais Borges Ramos. A reprodução em partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante citação da fonte. E-mail: [thaisramos@unipampa.edu.br](mailto:thaisramos@unipampa.edu.br)

THAIS BORGES RAMOS

RESILIÊNCIA FINANCEIRA EM EVENTOS CLIMÁTICOS: UMA PROPOSTA DE  
MEDIDA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.  
Área de concentração: Organizações e Desenvolvimento

Dissertação defendida e aprovada em: 04 de junho de 2025.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Rabelo Dutra

Orientadora

PPGA/UNIPAMPA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Amélia Mendonça Flores

(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kelmara Mendes Vieira

(UFSM)



Assinado eletronicamente por **VANESSA RABELO DUTRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/06/2025, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1743013** e o código CRC **1F393FB0**.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças ao apoio, incentivo e colaboração de muitas pessoas e instituições, às quais expresso minha profunda gratidão.

Agradeço, primeiramente, à minha família, por todo o amor e suporte incondicional ao longo desta jornada. Em especial, ao meu irmão Igor Borges Ramos, por viabilizar minha ida à pesquisa de campo, gesto essencial para a concretização deste trabalho.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanessa Rabelo Dutra, agradeço pela orientação atenta, pelo incentivo constante, pela confiança no meu trabalho e pelos valiosos conselhos que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, registro meu agradecimento pela generosidade em aceitar o convite, pelas contribuições pertinentes e pelas sugestões que enriqueceram significativamente este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), agradeço pelas aulas, debates e ensinamentos que ampliaram minha visão acadêmica e profissional. Suas trajetórias e compromissos com o ensino me inspiram a guiar minha atuação profissional com ainda mais propósito, despertando em mim o desejo de seguir o caminho da docência.

A todas as pessoas que participaram do grupo focal e aos especialistas que gentilmente contribuíram avaliando as questões da medida proposta, meu sincero agradecimento. Suas colaborações foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa.

Aos colegas do mestrado, que compartilharam angústias, trocas e conquistas durante essa caminhada, minha gratidão pela parceria e amizade.

Agradeço também à Universidade Federal do Pampa (Unipampa), pela oportunidade de formação, pelo espaço acadêmico e pelo compromisso com a educação pública e de qualidade.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio fez a diferença.

Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.

Leonardo da Vinci

## RESUMO

A Resiliência financeira é definida como a capacidade de acessar a fundos de emergência e representa a capacidade de uma família ou indivíduo de se recuperar de um choque ao construir e preservar seus ativos financeiros líquidos. A falta de resiliência financeira não afeta apenas as famílias, mas também repercute na economia em geral. Em todo o mundo, diversos reguladores e formuladores de políticas estão preocupados, pois indivíduos menos resilientes tendem a depender financeiramente do Estado, enfrentando frequentemente dificuldades ao lidar com choques inesperados, como doenças, morte de familiares, perda de emprego ou catástrofes naturais provenientes de eventos climáticos. À medida que se reconhece cada vez mais a gravidade potencial das mudanças climáticas, cresce rapidamente o interesse em entender como as comunidades locais e os indivíduos podem aumentar sua resiliência diante dos choques e tensões decorrentes do clima. Nesse contexto, eventos climáticos extremos, como ciclones tropicais, inundações e precipitações intensas, podem ter impactos severos nas economias, levando a um declínio de curto prazo de diferentes variáveis macroeconômicas. Apesar do crescente tamanho, da variedade de indicadores empregados e da diversidade de literatura sobre resiliência financeira, ainda não existe um entendimento ou definições padronizadas e amplamente aceitas deste conceito, bem como métricas para sua avaliação. O objetivo proposto é construir e validar uma medida de percepção da resiliência financeira em eventos climáticos. A pesquisa foi aplicada em 764 indivíduos residentes em 14 cidades do estado do Rio Grande do Sul, atingidas pelas enchentes de maio de 2024. A construção da escala ocorreu em duas etapas: qualitativa e quantitativa. A etapa qualitativa foi dividida em três fases: um grupo focal com oito participantes de diferentes perfis socioeconômicos e demográficos; validação do instrumento por seis especialistas; e um pré-teste com 16 indivíduos. Na etapa quantitativa, foram realizadas Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para validação estatística da medida proposta. Ao observar a distribuição por níveis de resiliência financeira, verifica-se uma predominância significativa nos estratos mais baixos: a maioria das participantes foi classificada com resiliência financeira baixa ou muito baixa, indicando um cenário de vulnerabilidade financeira generalizada entre os respondentes. Na esfera acadêmica, a construção de uma medida padronizada permitirá uma avaliação mais precisa e robusta da resiliência financeira. Para a sociedade, essa medida possibilita que formuladores de políticas públicas e profissionais da área financeira avaliem com maior eficácia o impacto de

programas e intervenções voltadas à promoção da resiliência financeira em diferentes contextos. Para o cidadão, traz implicações diretas na vida cotidiana, permitindo uma compreensão mais clara de sua própria capacidade de enfrentar adversidades financeiras.

Palavras-chave: Resiliência financeira; Cidadãos; Medida; Eventos climáticos

## ABSTRACT

Financial resilience is defined as the ability to access emergency funds and represents the capacity of a family or individual to recover from a shock by building and preserving their liquid financial assets. A lack of financial resilience affects not only families but also has broader implications for the overall economy. Across the world, various regulators and policymakers are concerned, as less resilient individuals tend to rely financially on the State and often face difficulties when dealing with unexpected shocks, such as illness, the death of a family member, job loss, or natural disasters resulting from climate events. As the potential severity of climate change becomes increasingly recognized, there is growing interest in understanding how local communities and individuals can enhance their resilience to climate-related shocks and stresses. In this context, extreme weather events such as tropical cyclones, floods, and heavy rainfall can have severe impacts on economies, leading to short-term declines in several macroeconomic indicators. Despite the growing body of literature, the variety of indicators used, and the increasing relevance of the topic, there is still no standardized or widely accepted definition of financial resilience, nor are there established metrics for its evaluation. This study aims to develop and validate a measure of financial resilience in the context of climate events. The survey was conducted with 764 individuals residing in 14 cities in the state of Rio Grande do Sul that were affected by the May 2024 floods. The development of the scale followed two main stages: qualitative and quantitative. The qualitative stage was divided into three phases: a focus group with eight participants from diverse socioeconomic and demographic backgrounds; validation of the instrument by six experts; and a pilot test involving 16 individuals. In the quantitative stage, Exploratory Factor Analysis (EFA) and Confirmatory Factor Analysis (CFA) were conducted for statistical validation of the proposed measure. When analyzing the distribution by levels of financial resilience, a significant predominance in the lower strata was observed: most participants were classified as having low or very low financial resilience, indicating a generalized scenario of financial vulnerability among respondents. In the academic sphere, the construction of a standardized measure will allow for more accurate and robust assessment of financial resilience. For society, such a measure enables public policymakers and financial professionals to more effectively evaluate the impact of programs and interventions aimed at promoting financial resilience in different contexts.

For individuals, it brings direct implications to their daily lives by offering a clearer understanding of their own capacity to cope with financial adversity.

Keywords: Financial resilience; Citizens; Measurement; Climate events

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número de artigos publicados por ano. ....	27
Figura 2 - Mapa mundial com a apresentação dos países que estão desenvolvendo pesquisas sobre resiliência financeira. ....	29
Figura 3 - Contribuição por países de acordo com vínculo institucional. ....	30
Figura 4 - Nuvem de palavras. ....	30
Figura 5 - Rede de cocitação. ....	31
Figura 6 - Modelo teórico preliminar de medição da resiliência financeira dos cidadãos. ....	45
Figura 7 - Percorso metodológico. ....	51
Figura 8 - Modelo final da ERESF. ....	75
Figura 9 - Histograma e Distribuição por nível de resiliência financeira. ....	77
Figura 10 - Modelo final do antecedente Adaptação financeira. ....	81
Figura 11 - Modelo final do antecedente Apoio social financeiro. ....	82
Figura 12 - Modelo integrado da ERESF. ....	84

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de artigos por periódico que abordou a temática Resiliência financeira. ....	28
Tabela 2 - Procedimentos metodológicos adotados nos estudos pertencentes a base de dados da Revisão Sistemática de Literatura. ....	32
Tabela 3 - População e amostra por cidade da pesquisa.....	55
Tabela 4 - Amostra calculada e questionários aplicados por cidade. ....	57
Tabela 5 - Nível de impacto das enchentes percebido pelos respondentes. ....	57
Tabela 6 - Principais impactos da enchente.....	58
Tabela 7 - Tipo de moradia antes das enchentes e danos físicos às moradias após às enchentes. ....	59
Tabela 8 - Despesas com alojamento temporário devido às enchentes. ....	60
Tabela 9 - Despesas com moradia devido às enchentes. ....	60
Tabela 10 - Perda de vidas humanas na família e estados psicológicos de estresse ou ansiedade enfrentados devido às enchentes.....	61
Tabela 11 - Perda de renda nas famílias e gerenciamento de dívidas devido às enchentes. ....	62
Tabela 12 - Nível de economias antes das enchentes, capacidade de obter R\$4.000,00 em caso de emergência e capacidade de cobrir as despesas com o sustento.....	62
Tabela 13 - Apoio social recebido devido às enchentes.....	63
Tabela 14 - Situação financeira daqui 60 dias e daqui 6 meses. ....	65
Tabela 15 - Alteração na situação financeira devido às enchentes e tempo para retomar o equilíbrio financeiro que tinha antes das enchentes. ....	66
Tabela 16 - Gênero, Estado civil e Raça. ....	67
Tabela 17 - Renda bruta familiar, Ocupação e Escolaridade. ....	67
Tabela 18 - Coeficiente de Validade de Conteúdo. ....	70
Tabela 19 - Carga fatorial, variância explicada, análise paralela, índice H, Alfa de Cronbach e ômega de McDonald para a ERESF.....	73
Tabela 20 - Índices de ajuste para a ERESF.....	74
Tabela 21 - Classificação do nível de Resiliência financeira dos cidadãos.....	76
Tabela 22 - Cargas fatoriais, variância explicada, análise paralela, índice H, Alfa de Cronbach e ômega de McDonald para a as dimensões Adaptação financeira e Apoio social financeiro.....	79

Tabela 23 - Índices de ajuste para os antecedentes Adaptação financeira e apoio social financeiro.....	80
Tabela 24 - Índices de ajuste para a ERESF.....	83

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais conceitos que envolvem resiliência financeira.....	39
Quadro 2 - Síntese do instrumento de pesquisa.....	54
Quadro 3 - Percepção do grupo focal sobre Resiliência financeira.....	69
Quadro 4 - Instrumento de pesquisa aplicado à amostra principal.....	71
Quadro 5- Questões que permaneceram na escala. ....	75
Quadro 6 - Codificação das questões da ERESF.....	76

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1	Problema de pesquisa.....	19
1.2	Objetivos .....	21
1.2.1	Objetivo geral .....	21
1.2.2	Objetivos específicos .....	21
1.3	Justificativa .....	21
1.4	Estrutura do trabalho.....	24
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>26</b>
2.1	Revisão Sistemática de Literatura.....	26
2.2	Resiliência financeira.....	34
2.3	Antecedentes da Resiliência Financeira.....	40
2.3.1	Adaptação financeira .....	40
2.3.2	Apoio social financeiro .....	42
2.4	Modelo teórico .....	45
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>47</b>
3.1	Estratégia da pesquisa .....	47
3.1.1	Construção dos Itens da escala: etapas qualitativas.....	47
3.1.2	Construção dos Itens da escala: etapas quantitativas.....	49
3.2	Aspectos éticos.....	52
3.2.1	Riscos e benefícios.....	52
3.3	Síntese do instrumento de pesquisa .....	53
3.4	Cenário da pesquisa e população .....	54
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>56</b>
4.1	Enchentes no Rio Grande do Sul: o cenário e as características da população	56
4.2	Construção da escala de resiliência financeira.....	68

4.2.1	Procedimentos exploratórios.....	72
4.2.2	Procedimentos confirmatórios .....	73
4.2.3	Metodologia de aplicação .....	75
4.3	Validação dos Antecedentes da resiliência financeira: Adaptação financeira e Apoio social financeiro .....	78
4.3.1	Procedimentos exploratórios de validação .....	78
4.3.2	Procedimentos confirmatórios de validação .....	80
4.4	Modelo integrado .....	83
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>
	<b>APÊNDICE A - INFORMAÇÕES BASE DE DADOS.....</b>	<b>102</b>
	<b>APÊNDICE B - APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO.....</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A crescente complexidade das decisões financeiras no século XXI, impulsionada pela ampla variedade de produtos financeiros e pela instabilidade econômica global, impõe desafios sem precedentes aos consumidores nas suas atividades econômicas e financeiras (Brasil *et al.*, 2024). Esses desafios demandam abordagens proativas e adaptáveis para garantir a estabilidade financeira diante de um cenário em constante mudança.

No âmbito dos serviços e políticas de combate à pobreza, uma das principais preocupações é a fragilidade das famílias em lidar com emergências financeiras agudas (Hall, 2021), tornando essencial que todas as famílias permaneçam financeiramente resilientes durante essas situações (Yao; Zhang, 2023). Essa vulnerabilidade evidencia a insuficiência das redes de segurança socioeconômica e reforça a necessidade urgente de estratégias sólidas e acessíveis que fortaleçam a capacidade das famílias em enfrentar crises econômicas repentinas.

Muitos lares se deparam com a realidade de não estarem preparados financeiramente para atender às suas necessidades básicas, enquanto outros, embora relativamente estáveis, correm o risco iminente de enfrentar uma situação financeira desastrosa. Nesse contexto, é importante que todas as famílias permaneçam financeiramente resilientes durante emergências financeiras (Mitchell; Clark; Lusardi, 2022), pois para famílias com membros trabalhadores, a renda do trabalho é o principal recurso para cobrir despesas básicas (Yao; Zhang, 2023). Para evitar este cenário, alguns autores, como Hall (2021), recomendam que as pessoas acumulem um fundo para emergências.

À medida que surgem crises econômicas e incertezas sociais a nível nacional e global, a capacidade de lidar com emergências e adversidades financeiras, conhecida como resiliência financeira, torna-se cada vez mais importante (Liu; Chen, 2023). Diante desses desafios, observa-se uma mudança de ênfase em direção à capacidade de recuperação dos efeitos adversos, tornando-a mais crucial do que nunca. Esse enfoque vai além da mera identificação de vulnerabilidades financeiras, constituindo uma perspectiva essencial para compreender os desafios enfrentados pelos indivíduos em situações de instabilidades (Mohd Daud *et al.*, 2024).

Aproximadamente 3,3 a 3,6 milhões de pessoas vivem em contextos altamente vulneráveis às instabilidades como as alterações climáticas (IPCC, 2023). Da mesma forma, à medida que se reconhece cada vez mais a gravidade potencial das mudanças climáticas induzidas pelo homem, cresce rapidamente o interesse em entender como as comunidades locais e os indivíduos podem aumentar sua resiliência diante dos choques e tensões decorrentes do clima (Goss *et al.*, 2020). Assim, eventos climáticos, como ciclones tropicais, inundações e precipitações intensas, podem ter impactos severos nas economias, levando a um declínio de curto prazo de várias variáveis macroeconômicas (Ciullo *et al.*, 2023).

Além desses impactos macroeconômicos, os efeitos desses eventos se estendem diretamente aos meios de subsistência individuais, afetando a produtividade agrícola, a saúde humana, a segurança alimentar, a infraestrutura e a renda. Tais consequências não apenas aprofundam desigualdades sociais e de gênero, como também impõem desafios adicionais à resiliência financeira das famílias (IPCC, 2023) e exigirão aumentos nos gastos governamentais (Ouattara; Strobl, 2013) através do financiamento de déficits de curto prazo, o que, por sua vez, leva ao aumento da dívida (Mohan; Strobl, 2021).

Alguns estudos buscaram entender os fatores que influenciaram a capacidade das famílias de se adaptarem e se recuperarem dessas adversidades financeiras (Mundi; Vashisht, 2023; Sun *et al.*, 2022; Lusardi; Hasler; Yakoboski, 2021). Contudo, a maioria dos estudos existentes sobre este tema se concentraram na definição e medição do conceito de resiliência financeira (Liu; Chen, 2023), não tendo a literatura avançado para uma medida padrão comumente aceita (Yao; Zhang, 2023).

## **1.1 Problema de pesquisa**

A realidade financeira da população brasileira é marcada por desafios significativos, com altos índices de endividamento que se destacam como uma preocupação constante. Somado a isso, o Brasil apresenta um baixo nível de alfabetização financeira entre a população, juntamente com pouca ou nenhuma capacidade de poupança e planejamento de longo prazo, além de altos níveis de endividamento (Dutra *et al.*, 2023). Muitas famílias enfrentam dificuldades para equilibrar seus orçamentos mensais, enfrentando problemas para cobrir despesas básicas e lidar com imprevistos financeiros (Larsen *et al.*, 2023).

Essa situação se agrava com a falta de reservas de emergência, o que torna os lares ainda mais vulneráveis a crises financeiras repentinas, capazes de desencadear um ciclo de endividamento ainda mais profundo. Um estudo realizado no Brasil (Dutra *et al.*, 2023) corrobora resultados obtidos em uma pesquisa conduzida na Austrália, na qual Sun *et al.*, (2022) afirmam que famílias monoparentais com baixos rendimentos e crianças experimentam mais dificuldades financeiras, estresse financeiro e menor resiliência financeira, sobrevivendo essencialmente com recursos financeiros providos pelo governo australiano, em função da ausência de reservas.

A carência de conhecimento sobre orçamento, poupança e investimento contribui para a ausência dessas reservas, deixando as famílias despreparadas para lidar com imprevistos, como perda de emprego, doenças ou despesas inesperadas (Abushammala, 2022). Mesmo com esforços pontuais para promover a educação financeira, muitas famílias continuam sem acesso a recursos e orientações adequadas para gerenciar suas finanças de forma eficaz. Sem a implementação de estratégias nacionais de educação financeira e planejamento financeiro, com metodologias direcionadas aos grupos mais vulneráveis, existe o risco de que a rápida e crescente digitalização dos serviços financeiros amplie ainda mais a vulnerabilidade dessas populações, mantendo-os financeiramente excluídos (Fernández-Olit; Paredes-Gázquez; de la Cuesta-González, 2018).

Nesse contexto, ressalta-se a importância primordial da constituição e manutenção de reservas financeiras de emergência. Essas reservas desempenham um papel crucial ao oferecer proteção contra choques econômicos inesperados, como crises de desemprego e custos médicos imprevistos (Babiarz; Robb, 2014), proporcionando uma rede de segurança que permite enfrentar períodos de adversidade sem recorrer a empréstimos ou endividamento excessivo (Abushammala, 2022). No entanto, para muitas famílias brasileiras, a construção dessa reserva parece uma meta inatingível, diante da constante pressão das despesas diárias e a limitação de recursos disponíveis para economizar.

Superar esse cenário desafiador requer um esforço conjunto entre o governo, as instituições financeiras e as organizações da sociedade civil. Outro desafio importante é como mensurar a capacidade das populações a resistir aos choques inesperados. A avaliação da resiliência financeira se torna ainda mais relevante em contextos de desastres climáticos, cada vez mais frequentes. As alterações climáticas na Terra estão progredindo a um ritmo alarmante (Elshamy; Eladl; Zaitoun, 2024), a intensificação e o aumento da

frequência de eventos, como tempestades, inundações, deslizamentos de terra, secas e incêndios, têm impactado profunda e notavelmente tanto a natureza quanto a vida humana (IPCC, 2023). Os impactos climáticos afetam de forma desproporcional as populações mais vulneráveis (Butler; Hanigan, 2019); IPCC, 2023) o que pode levar à destruição generalizada e à tragédias humanas, comprometendo comunidades, negócios, serviços públicos, ecossistemas e indivíduos (Surminski; Oramas-Dorta, 2014).

Diante da complexidade das condições financeiras enfrentadas pela população e da importância crescente da resiliência financeira como uma medida crucial de bem-estar econômico, torna-se imprescindível ampliar a análise da resiliência financeira a partir da perspectiva dos cidadãos, promovendo uma compreensão mais ampla das necessidades e desafios enfrentados pelas comunidades (Kass-Hanna; Lyons; Liu, 2022). Nesse contexto, surge a seguinte questão central: Como avaliar a resiliência financeira em desastres climáticos a partir da percepção dos cidadãos?

## **1.2 Objetivos**

Nesta subseção serão apresentados os objetivos geral e específicos.

### **1.2.1 Objetivo geral**

Construir e validar uma medida da percepção de resiliência financeira dos cidadãos em eventos climáticos.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

Quanto aos objetivos específicos, esses são:

- a) Realizar a revisão sistemática sobre resiliência financeira;
- b) Descrever o perfil socioeconômico dos cidadãos atingidos pelas enchentes;
- c) Identificar e construir as dimensões e os antecedentes da resiliência financeira;
- d) Identificar a percepção de resiliência financeira a partir da proposta de medida.

## **1.3 Justificativa**

A resiliência financeira é um conceito de suma importância em um mundo marcado por crescentes incertezas econômicas e financeiras. Agendas políticas internacionais de alto nível enfatizam a necessidade de fortalecer a resiliência financeira dos países diante dos impactos dos perigos naturais extremos, através do uso de instrumentos financeiros *ex-ante*. Tais instrumentos aumentam a resiliência financeira

porque garantem um fluxo previsível de recursos após os desastres, permitindo que os governos distribuam os custos ao longo do tempo a uma taxa previsível (Ciullo *et al.*, 2023).

A compreensão da resiliência financeira torna-se ainda mais premente diante da realidade enfrentada por diversas famílias. Estudos têm evidenciado que muitas delas enfrentam dificuldades significativas para lidar com choques financeiros inesperados (Ciullo *et al.*, 2023), como aqueles decorrentes de eventos climáticos extremos. Estudos na União Europeia relatam que um em cada três lares não consegue enfrentar um choque inesperado mesmo em tempos regulares, o que se torna ainda mais desafiador durante crises como a pandemia global (Demertzis; Domínguez-Jiménez; Lusardi, 2020).

O estudo dos fatores relacionados à angústia e à fragilidade financeira tem sido uma das abordagens para analisar a resiliência financeira no ambiente familiar. Além disso, uma outra perspectiva para avaliar a capacidade das famílias de enfrentar choques financeiros tem se concentrado nos desafios enfrentados ao lidar com essas despesas inesperadas (Mitchell; Clark; Lusardi, 2022) e nas possíveis soluções, como a obtenção de empréstimos ou o uso de crédito (McKnight, 2019).

Apesar do crescente destaque da resiliência financeira na literatura (Salignac *et al.*, 2019; Salignac; Hanoteau; Ramia, 2022; Lusardi; Hasler; Yakoboski, 2021), ainda não há um consenso sobre sua definição nem uma padronização de métricas para sua avaliação (Rakhimova, 2018; Yao; Xu; Zhang, 2023). Diversos estudos têm adotado diferentes indicadores para mensurar esse conceito, refletindo a diversidade de abordagens, mas sem consolidar um método amplamente aceito (Bialowolski; Cwynar; Weziak-Bialowolska, 2022; Tahir; Shahid; Richards, 2022).

A falta de uniformidade evidencia uma lacuna na literatura, já que, apesar do avanço das pesquisas, ainda não se estabeleceu uma medida padronizada para avaliar a resiliência financeira de forma abrangente (Yao; Xu; Zhang, 2023). Diante desse cenário, este estudo busca contribuir para a construção de uma métrica que possibilite uma avaliação mais consistente e comparável do tema.

A ausência de uma medida formal para a resiliência financeira dificulta a avaliação precisa e comparativa do grau de resiliência financeira em diferentes contextos e populações (Liu; Chen, 2023), limitando, assim, a compreensão abrangente de como os indivíduos e as comunidades enfrentam e se recuperam de desafios financeiros, especialmente em eventos climáticos extremos. Com base nessa abordagem, as

contribuições deste estudo são amplas e significativas. A necessidade de desenvolver uma métrica para a resiliência financeira é abrangente, impactando a esfera acadêmica, a sociedade em geral e a vida individual dos cidadãos.

Do ponto de vista acadêmico, a construção de uma medida padronizada permitirá uma avaliação mais precisa e robusta da resiliência financeira, possibilitando o desenvolvimento de teorias mais sólidas e a condução de estudos comparativos. Uma medida formal para a resiliência financeira em eventos climáticos promoverá uma abordagem mais sistemática e rigorosa para a pesquisa nesse campo, impulsionando, assim, o desenvolvimento científico.

Para a sociedade, a criação de uma medida para a resiliência financeira em eventos climáticos é igualmente crucial. Uma medida padronizada permitirá aos formuladores de políticas públicas e aos profissionais da área financeira uma avaliação mais eficaz no impacto de políticas, programas e intervenções voltadas para a promoção da resiliência financeira em diferentes contextos (Temple; Williams, 2018). Além disso, orientará a alocação de recursos e o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes para lidar com os desafios financeiros enfrentados por indivíduos e comunidades (Essel-Gaisey *et al.*, 2023).

Para o cidadão, a instituição de uma medida para a resiliência financeira traz implicações na vida cotidiana. Com uma métrica padronizada, os indivíduos compreenderão com mais clareza a sua própria resiliência financeira, possibilitando uma avaliação precisa de sua capacidade de enfrentar choques econômicos inesperados (Larsen *et al.*, 2023), especialmente diante dos desafios impostos por eventos climáticos extremos. Isso permite que tomem decisões financeiras mais informadas, como a gestão de dívidas de forma mais eficiente (Van Der Schoor *et al.*, 2022), a adoção de estratégias de poupança mais adequadas (Kass-Hanna; Lyons; Liu, 2022) e a busca por proteção financeira (Bialowolski; Cwynar; Weziak-Bialowolska, 2022).

Promover o acesso a serviços financeiros adequados, programas de incentivo à poupança e medidas de proteção social desempenham um papel fundamental na construção da resiliência financeira da população (Yao; Xu; Zhang, 2023). Além disso, uma medida formal de resiliência financeira em eventos climáticos aumenta a conscientização pública sobre a importância da preparação financeira e incentiva a adoção de comportamentos financeiros mais prudentes e sustentáveis (Nguyen *et al.*, 2022). Dessa forma, a instituição de uma métrica para a resiliência financeira em eventos

climáticos empodera os cidadãos individualmente e também contribui para o fortalecimento da estabilidade financeira de toda a sociedade. Ao enfrentar esses desafios de frente e adotar abordagens inovadoras e inclusivas, é possível criar um ambiente financeiro mais estável e seguro para as famílias brasileiras, garantindo que estejam preparadas para enfrentar situações adversas e construir um futuro financeiro mais promissor.

#### **1.4 Estrutura do trabalho**

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, além desta introdução. O Capítulo 2 apresenta o referencial teórico, dividido em quatro seções. A primeira seção (2.1) descreve a revisão sistemática da literatura realizada para identificar o estado da arte sobre resiliência financeira. A segunda seção (2.2) discute o conceito e as diversas abordagens utilizadas no estudo da resiliência financeira. Já a terceira seção (2.3) apresenta os antecedentes da resiliência financeira e, por fim, (2.4) apresenta o modelo teórico adotado para embasar a pesquisa.

O Capítulo 3 detalha os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e está dividido em quatro seções. A primeira seção (3.1) apresenta a estratégia utilizada bem como as etapas qualitativas (3.1.1) e quantitativas (3.1.2) da construção dos itens da escala. A segunda seção (3.2) discute os aspectos éticos envolvidos, incluindo os riscos e benefícios do estudo (3.2.1). A terceira seção (3.3) sintetiza o instrumento de pesquisa desenvolvido. Em seguida, a quarta seção (3.4) caracteriza o cenário da pesquisa e a população estudada.

O Capítulo 4 apresenta os resultados da pesquisa e a discussão dos achados. Inicialmente, a seção (4.1) descreve o perfil da amostra, detalhando as características sociodemográficas e financeiras dos participantes. A seção (4.2), por sua vez, trata da construção da escala de resiliência financeira, sendo dividida em três partes: a seção (4.2.1) aborda os procedimentos exploratórios, que incluem as análises preliminares para identificar a estrutura da escala; a seção (4.2.2) descreve os procedimentos confirmatórios, que validam estatisticamente o instrumento desenvolvido; e, por fim, a seção (4.2.3) expõe a metodologia de aplicação, facilitando o uso prático da medida. A seção (4.3) examina os antecedentes da resiliência financeira, destacando os fatores adaptação financeira e apoio social financeiro. Ela é subdividida em dois momentos: os procedimentos exploratórios de validação (4.3.1), que visam explorar as bases teóricas e

empíricas, e os procedimentos confirmatórios de validação (4.3.2), que buscam assegurar a consistência do modelo. A seção (4.4) apresenta o modelo integrado, que sintetiza os principais achados da pesquisa e fornece uma visão abrangente sobre a resiliência financeira e seus determinantes.

O Capítulo 5 apresenta as considerações finais, destacando as principais contribuições do estudo, implicações teóricas, práticas e sociais, limitações da pesquisa e sugestões para estudos futuros. Por fim, a dissertação inclui as referências bibliográficas utilizadas ao longo do trabalho, bem como apêndices e anexos relevantes para a pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo concentra-se nas temáticas relacionadas à resiliência financeira, com base em uma revisão sistemática da literatura. O principal objetivo dessa revisão foi compreender a evolução teórica e as fronteiras do conhecimento sobre a resiliência financeira.

O referencial teórico está dividido em quatro seções: (2.1) revisão sistemática de literatura, (2.2) resiliência financeira, (2.3) antecedentes da resiliência financeira e (2.4) modelo teórico.

### 2.1 Revisão Sistemática de Literatura

A revisão sistemática de literatura foi conduzida por meio de buscas realizadas em duas bases de dados: *Web of Science* e *Scopus*, realizadas em 09 de fevereiro de 2024. Na *Web of Science* foram empregadas as seguintes *strings* de busca: All Fields = “financial resilience” OR All Fields = “financial resilien\*” AND individual OR All Fields = “financial resilien\*” AND famil\* enquanto na *Scopus*, foram empregados em Title, Abstract, Keywords os seguintes termos = “financial resilience”, seguido de Title, Abstract, Keywords = “financial resilien\*” AND individual OR Title, Abstract, Keywords = “financial resilien\*” AND famil\*. A pesquisa foi restrita exclusivamente a artigos científicos e limitada ao idioma inglês.

Inicialmente, um total de 448 artigos foram identificados nas duas bases de dados selecionadas, sendo 205 na *Web of Science* e 243 na *Scopus*. Foram identificados 193 artigos duplicados que foram removidos. Após esse processo, os resumos foram lidos para determinar sua correspondência com o escopo da pesquisa, o que resultou em 182 artigos excluídos. A base de dados ficou previamente composta por 73 artigos. A impossibilidade de download de quatro artigos representou uma restrição na condução da revisão sistemática da literatura, limitando-a a um total de 69 artigos que representam o conjunto de estudos a serem analisados e sintetizados nesta revisão sistemática de literatura.

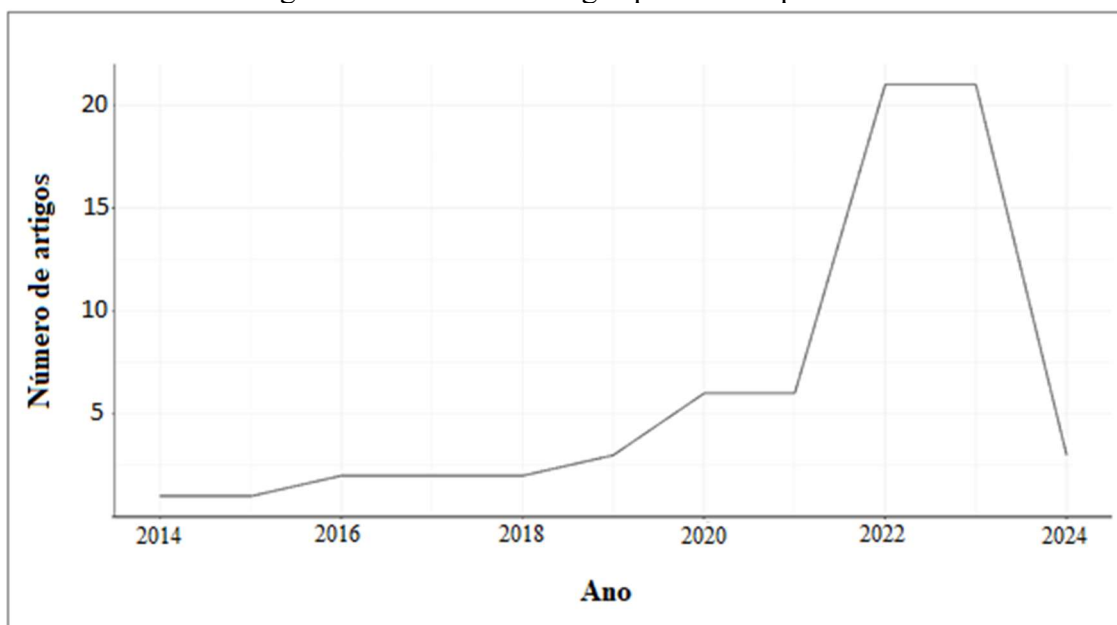
Cada uma destes artigos foi minuciosamente examinado em sua totalidade, garantindo assim uma análise abrangente e detalhada. Como resultado, a análise bibliométrica foi conduzida com base nesses 69 artigos identificados nas plataformas. Para oferecer uma transparência completa e facilitar o acesso às informações essenciais sobre a base de dados, detalhes abrangentes, incluindo o ano de publicação, título, autores

e links de acesso aos registros, foram compilados e estão disponíveis para consulta no Apêndice A.

Como esperado, a abordagem à resiliência financeira emerge como um campo de pesquisa relativamente recente. O primeiro registro de um artigo sobre o tema ocorre no ano de 2014 e é de autoria de Surminski e Oramas-Dorta, com o trabalho intitulado “*Flood insurance schemes and climate adaptation in developing countries*”. Neste estudo são examinadas ferramentas, como seguros, para analisar a resiliência financeira contra eventos climáticos.

Ao examinar a evolução temporal desses registros, é evidente um substancial crescimento a partir do ano de 2020, atingindo seu ponto mais alto em 2022. A progressão desses registros na literatura sugere que o contexto de incertezas instaurado pela pandemia proporcionou um ambiente propício para a investigação da resiliência financeira. A distribuição anual da produção científica é ilustrada na Figura 1.

Figura 1 - Número de artigos publicados por ano.



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação aos periódicos que abordaram a temática, destaca-se o *International Journal of Bank Marketing*, que publicou oito artigos e pertence à área de marketing de serviços financeiros. Fundado em 1983 pela MCB University Press, este periódico tem sido uma plataforma proeminente para a disseminação de pesquisas na área. Com um fator de impacto de 5,1 e classificado como revista nível A pelo *Australian Business Deans Council* é possível verificar a sua relevância e qualidade acadêmica. Outros

periódicos que também contribuíram com a temática, por meio da publicação de mais de um artigo estão detalhados na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de artigos por periódico que abordou a temática Resiliência financeira.

Periódico	No de artigos
International Journal of Bank Marketing	8
Sustainability	4
International Journal of Disaster Risk Reduction	2
Jornal of Social Policy	2
Social Indicators Research	2
Social Policy and Society	2
Outros	49
Total	69

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao examinar os autores mais relevantes, observa-se que três deles têm três artigos publicados sob sua autoria: Mulska O., Salignac F. e Voznyak H. Entre os autores locais mais citados nos artigos analisados, estão Salignac F., com 33 citações, seguido por Muir K., com 27 citações, e Marjolin A. e Reeve R., ambos com 23 citações. É importante notar que no artigo intitulado "*Conceptualizing and measuring financial resilience: a multidimensional framework*", publicado em 2019, Salignac figura como autor principal, enquanto os outros três atuam como coautores.

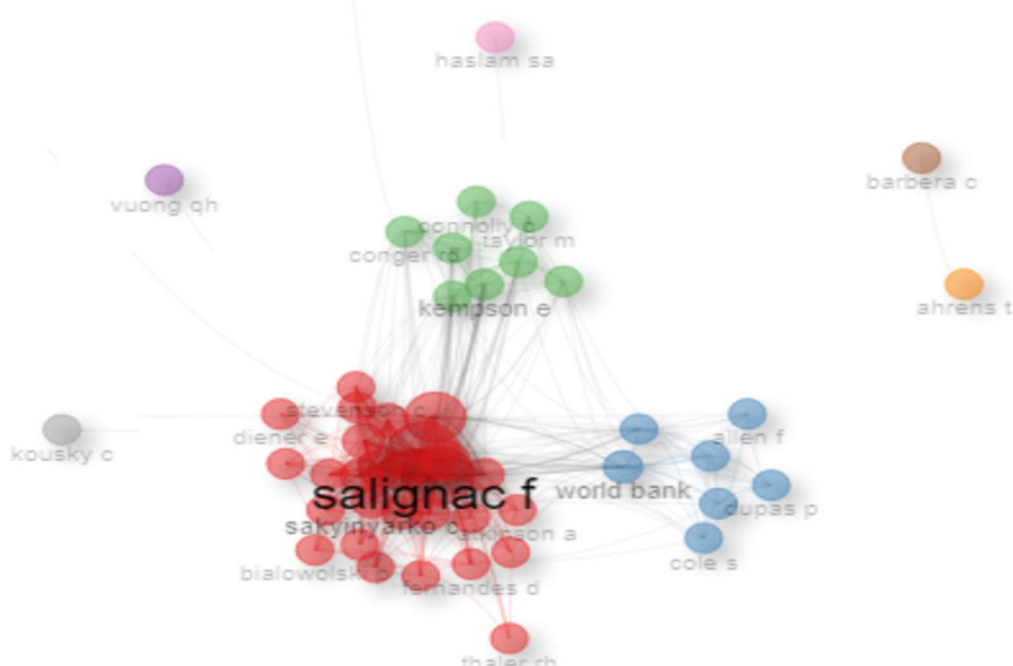
A Figura 2 representa graficamente a produção científica sobre resiliência financeira, expressa pelo Mapa Mundi, oferecendo uma visão panorâmica das contribuições de diferentes países para o campo de estudo. Além de evidenciar a diversidade geográfica na pesquisa, o mapa destaca a abrangência global e a pertinência. O Reino Unido emerge como o país mais citado, com 190 citações, seguido pela Austrália (91 citações), França (76 citações), Estados Unidos (48 citações), Líbano (35 citações), Malásia (23 citações), Índia (19 citações), Holanda (14 citações), Burkina Faso (11 citações), China, Nova Zelândia e Polônia com 7 citações cada. Indonésia e Irã apresentam 6 citações, enquanto Vietnã, Espanha, Ucrânia, Brasil, Irlanda e Suíça acumulam 5 citações ou menos do tema.





Ao analisar a rede de citações, representada na Figura 5, é possível notar a conexão temática entre os documentos citados em conjunto, o que sugere que os autores abordam tópicos similares ou contribuem para uma mesma área de pesquisa. Portanto, identifica-se que um artigo cita duas ou mais fontes em comum com outro artigo.

Figura 5 - Rede de cocitação.



Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre os artigos mais citados na base de dados, destaca-se o trabalho de Demirgüç-Kunt *et al.*, (2020), intitulado "*The Global Findex Database 2017: Measuring Financial Inclusion and Opportunities to Expand Access to and Use of Financial Services*," que analisa a inclusão financeira na África com base nos dados do Findex. Em seguida, o segundo artigo mais citado (64 vezes) é de autoria de Barbera *et al.*, (2017), com o título "*Governmental Financial Resilience under Austerity in Austria, England, and Italy: How do Local Governments Cope with Financial Shocks?*" Este estudo investiga as capacidades organizacionais desenvolvidas por governos locais para enfrentar choques econômicos.

O terceiro artigo mais citado é de Salignac *et al.*, (2019) intitulado "*Conceptualizing and Measuring Financial Resilience: A Multidimensional Framework*". Neste trabalho, a resiliência financeira é abordada a partir de quatro componentes: recursos econômicos, produtos e serviços financeiros, conhecimento e comportamento

financeiro, e capital social. Por fim, o quarto artigo mais citado (54 vezes) é de Surminski; Oramas-Dorta, (2014) intitulado "*Flood Insurance Schemes and Climate Adaptation in Developing Countries*".

Os artigos são, em sua maioria, quantitativos e fazem uso de dados secundários. A Tabela 2 resume esses dados.

Tabela 2 - Procedimentos metodológicos adotados nos estudos pertencentes a base de dados da Revisão Sistemática de Literatura.

<b>Abordagem</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>	<b>%</b>
Qualitativa	12	17,39
Quantitativa	53	76,81
Quantitativa-qualitativa	04	5,8
Total	69	100
<b>Coleta de Dados</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>	<b>% Acumulada</b>
Primários- entrevistas, <i>surveys</i>	26	37,68
Secundários - bases de dados, literatura	43	62,32
Total	69	100

Fonte: Elaborada pela autora.

Para uma análise mais aprofundada do estudo, foram examinados os objetivos e resultados principais apresentados pelos autores. A síntese dos estudos está disponível para consulta no Apêndice B.

Após o levantamento e a identificação de como a resiliência financeira tem sido estudada, é possível observar que o tema tem progredido ao longo do tempo, abordando diversas perspectivas. Os estudos pioneiros, datados de 2014, inicialmente apresentavam como foco as conexões entre a transferência financeira de riscos e a redução de riscos, avaliando o papel dessa transferência, incluindo instrumentos como seguros, na promoção da resiliência financeira diante de eventos climáticos severos, como inundações (Surminski; Oramas-Dorta, 2014; Tesselaar *et al.*, 2020; Collier *et al.*, 2022; Ciullo *et al.*, 2023). Essa perspectiva pode ser considerada como um marco, destacando a importância de compreender como as práticas financeiras podem atenuar ou mitigar os impactos de eventos adversos.

À medida que a pesquisa avançou, houve uma expansão conceitual significativa na definição de exclusão financeira (Salignac; Muir; Wong, 2015; Brassett; Holmes, 2016; Barbera *et al.*, 2017; Tahir; Shahid; Richards, 2022). O tema abordou a crítica à

definição tradicional desse conceito, incorporando teorias de exclusão social, resiliência e sistemas ecológicos. Isso resultou na introdução de um conceito alternativo de exclusão financeira, ampliando o escopo da discussão para além de abordagens convencionais.

A pesquisa subsequente explorou o papel da contabilidade na formação dos preços de mercado de ações ao longo do tempo. Desenvolvendo um modelo de agentes heterogêneos (HAM), o pesquisador Biondi, (2015) analisou a eficácia relativa de diferentes regimes contábeis na promoção da estabilidade e resiliência do mercado financeiro, considerando o contexto socioeconômico que influencia a formação dos preços das ações.

Além disso, a análise crítica do conceito de resiliência, como expandido e associado às finanças, destacou a necessidade de uma compreensão mais aprofundada desse termo. Paralelamente, a pesquisa abordou questões práticas, como a avaliação de programas terapêuticos online e a exploração das capacidades organizacionais implementadas pelos governos locais para responder a choques financeiros.

A amplitude da pesquisa se estendeu para além de questões individuais, transitando entre o empresarial e o individual, examinando o bem-estar financeiro de idosos (Bialowolski; Cwynar; Weziak-Bialowolska, 2022), o impacto da educação financeira na tomada de decisão do consumidor (Zokaityte, 2018; Yadav; Shaikh, 2023) e até mesmo questões agrícolas, como o endividamento prudente dos agricultores (Greig; Nuthall; Old, 2019). A inclusão financeira, tanto em contextos globais quanto em países específicos, também emergiu como um tema recorrente (Belayeth Hussain *et al.*, 2019; Demirgüç-Kunt *et al.*, 2020; Pomeroy *et al.*, 2020; Tinta; Ouédraogo; Al-Hassan, 2022; Sakyi-Nyarko; Ahmad; Green, 2022; Mabrouk *et al.*, 2023; Chipunza; Fanta, 2023).

As pesquisas subsequentes, que visavam preencher lacunas conceituais e contextuais na resiliência financeira a nível micro, aprofundaram a compreensão dos determinantes do bem-estar financeiro (Smail *et al.*, 2017; Temple; Williams, 2018; Stevenson *et al.*, 2022), e indicaram um movimento em direção à personalização e especificidade em estudos de casos. A análise do impacto do conhecimento financeiro, inclusão financeira e características sociodemográficas na resiliência financeira, bem como a investigação do bem-estar financeiro de pessoas autistas (Pellicano; Hall; Ying Cai, 2023), a associação entre habilidades cognitivas e resiliência financeira entre pais solteiros (Mundi; Vashisht, 2023), a associação entre resiliência financeira e satisfação com a vida dos indígenas (Jayasinghe; Selvanathan; Selvanathan, 2020), a resiliência

financeira de médicos (Kijowski *et al.*, 2021), a análise de gênero na resiliência financeira (Zeka; Alhassan, 2023) e a resiliência financeira de trabalhadores temporários (Mohd Daud *et al.*, 2024), exemplificam a crescente diversidade de foco, reconhecendo as diferentes experiências e desafios enfrentados por grupos específicos.

As pesquisas mais recentes, centradas na resiliência financeira durante a pandemia da COVID-19, oferecem uma percepção sobre como eventos globais impactam as finanças individuais e familiares. Estudos que exploram a relação entre choques de renda durante a pandemia, satisfação com políticas públicas e o bem-estar financeiro, medidos pela resiliência financeira e psicológica, revelam uma resposta dinâmica a circunstâncias extraordinárias (Goyal *et al.*, 2021; Lusardi; Hasler; Yakoboski, 2021; Sun *et al.*, 2022; Abushammala, 2022; Kulshreshtha *et al.*, 2023; Dutra *et al.*, 2023; Brasil *et al.*, 2024). Essa ênfase em acontecimentos recentes destaca a relevância contínua da pesquisa sobre resiliência financeira, demonstrando sua aplicabilidade imediata em cenários socioeconômicos em constante transformação.

Apesar da vasta gama de estudos abordando resiliência financeira, é notável a ausência de uma medida consolidada que possa quantificar e comparar os níveis de resiliência financeira entre indivíduos e comunidades (Yao; Zhang, 2023). A necessidade de desenvolver uma medida da percepção de resiliência financeira torna-se evidente diante da diversidade de contextos abordados nas pesquisas, desde a gestão de desastres naturais até os impactos específicos de eventos como a pandemia de COVID-19. Estudos sugerem que uma medida padronizada permitiria uma avaliação mais precisa e comparativa dos resultados dessas investigações, facilitando o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para fortalecer a resiliência financeira em diferentes cenários (Greig; Nuthall; Old, 2019; Goyal *et al.*, 2021; Coyle; Ferry, 2022; Salignac; Hanoteau; Ramia, 2022; Angsten Clark *et al.*, 2024).

## **2.2 Resiliência financeira**

A raiz da palavra inglesa "resiliência" vem do termo "resile", que significa saltar ou retornar para trás, o que reflete a ideia de recuperação após adversidades. Esse conceito de "voltar para trás" é fundamental para estudar a resiliência financeira, pois implica a habilidade de um indivíduo ou uma família se restabelecer diante de crises financeiras (Smith *et al.*, 2008). Em relação às suas origens etimológicas, o termo resiliência pode

ser associado à ideia de retorno ao estado original, conforme observado na física (Brandão; Mahfoud; Gianordoli-Nascimento, 2011).

Com o tempo, esse conceito foi sendo difundido e adaptado em diferentes contextos. No Brasil, o termo resiliência era praticamente desconhecido pela maioria da população até o final da década de 1990, quando começou a ser empregado em estudos de psicologia e se disseminou entre o público em geral por meio de materiais de autoajuda veiculados na mídia (Brandão; Mahfoud; Gianordoli-Nascimento, 2011). Esse conceito foi adaptado e adotado em diversas outras áreas do conhecimento, incluindo as ciências comportamentais, psicologia e economia (Salignac *et al.*, 2019). Conforme revisão sistemática de literatura, descrita no item 2.1 desta dissertação, observa-se que, especificamente no contexto das finanças pessoais, a ideia de resiliência financeira tem ganhado destaque desde o início do século XXI. Particularmente, as discussões e estudos sobre a resiliência financeira foram impulsionados por um ambiente de incertezas decorrente da pandemia de COVID-19.

A Resiliência financeira é definida como a possibilidade de acender a fundos de emergência (Belayeth Hussain *et al.*, 2019) e representa a capacidade de uma família ou indivíduo de se recuperar de um choque mediante a construção e preservação dos seus ativos financeiros líquidos (Bialowolski; Cwynar; Weziak-Bialowolska, 2022). Essa capacidade não impacta apenas indivíduos e famílias, mas também tem repercussões na economia em geral (Hamid; Loke; Chin, 2023). Sob essa perspectiva, diversos reguladores e formuladores de políticas em todo o mundo estão preocupados, uma vez que os indivíduos menos resilientes tendem a depender financeiramente do Estado, enfrentando frequentemente dificuldades ao lidar com choques inesperados, como doença, morte de um membro da família, perda de emprego ou catástrofe natural (Hamid; Loke; Chin, 2023). Dessa forma, a resiliência financeira não se limita à resistência a crises, mas também envolve a recuperação financeira, permitindo que os indivíduos reconstruam sua estabilidade econômica após adversidades.

As características socioeconômicas e sociodemográficas também estão sendo associadas com a perda de resiliência financeira. Estudos indicam que indivíduos empregados têm uma menor probabilidade de perder resiliência financeira em comparação aos aposentados (Bialowolski; Cwynar; Weziak-Bialowolska, 2022). Essa evidência é corroborada pelo fato de que apenas um em cada dez adultos entre 30 e 49 anos relatam ter reservado dinheiro para a aposentadoria (Suh, 2022). Além disso,

pesquisas mostram que pessoas com baixos rendimentos, próximo a aposentadoria, tendem a enfrentar desafios financeiros durante essa fase da vida (Mitchell; Clark; Lusardi, 2022).

Alguns grupos demográficos estão particularmente vulneráveis, como negros, hispânicos, indivíduos com filhos dependentes e pessoas com problemas de saúde. A falta de seguro de saúde privado ou fornecido pelo empregador também aumenta a probabilidade de pertencer a esse grupo de risco (Mitchell; Clark; Lusardi, 2022). Pais solteiros, por exemplo, têm sua capacidade reduzida de resistir a choques econômicos determinada pela combinação de recursos financeiros, gênero, idade, diploma universitário e situação profissional (Mundi; Vashisht, 2023).

A relação entre gênero e resiliência financeira também gera discussões. Salignac *et al.*, (2019) identificaram que não há diferença significativa entre homens e mulheres. Por outro lado, estudos como o de Zeka e Alhassan, (2023) revelaram uma discrepância marcante entre homens e mulheres na resiliência financeira na África do Sul, indicando que os homens apresentam um comportamento de resiliência financeira superior em comparação às mulheres. Contudo, os autores descobriram que mulheres empregadas e com níveis mais altos de educação exibem maior resiliência financeira. Ao observarem esses aspectos no contexto da pandemia, Mabrouk *et al.*, (2023) destacaram que as mulheres estão desempenhando um papel econômico mais significativo na tomada de decisões do que antes da crise sanitária global. Esse aumento de participação é impulsionado pelo acesso a serviços financeiros digitais, como pagamentos digitais, que podem facilitar sua inclusão e participação no mercado financeiro.

Recentemente, Mohd Daud *et al.*, (2024) examinaram o estado atual da resiliência financeira dos trabalhadores temporários da Malásia, revelando que mais da metade desses trabalhadores apresentava baixa resiliência financeira. Os principais fatores identificados foram a falta de recursos econômicos, o endividamento e as dificuldades de acesso a produtos financeiros e seguros.

A resiliência financeira permite uma abordagem baseada em ativos e reconhece que a capacidade de um indivíduo de lidar com situações inesperadas pode variar ao longo do tempo, sendo influenciada pelo contexto, estruturas e redes de apoio que os cercam (Salignac *et al.*, 2019). Essa perspectiva, aliada a um enfoque de sistemas ecológicos, valoriza as contribuições de todos os atores envolvidos - indivíduos, famílias, organizações comunitárias, organizações sem fins lucrativos, empresas, indústria,

reguladores e governos - na formação da capacidade de resiliência de um indivíduo de se recuperar de eventos financeiros adversos (Salignac; Muir; Wong, 2015). Dessa forma, um sistema financeiro robusto e políticas adequadas são essenciais para garantir que indivíduos e famílias possam se recuperar de eventos adversos e reconstruir sua segurança financeira ao longo do tempo.

Nesse contexto, a recuperação financeira é um processo essencial para garantir que indivíduos e famílias possam reconstruir sua segurança econômica após eventos adversos. Ela é definida como o ato ou processo de retornar a um estado normal após um período de dificuldade (Platt; Brown; Hughes, 2016). Em cenários como desastres naturais, perdas de emprego ou outros imprevistos econômicos, a capacidade de se recuperar e retomar a estabilidade financeira é um dos aspectos essenciais da resiliência financeira (Yao; Zhang, 2023).

No entanto, para muitos, a recuperação de desastres é vista simplesmente como um retorno à condição anterior ao evento e esse retorno nem sempre é possível ou desejável, especialmente em locais com alta vulnerabilidade a novos riscos. Nesse sentido, a *United Nations International Strategy for Disaster Reduction* (UNISDR) estabeleceu definições fundamentais para a redução de riscos de desastres, incluindo os conceitos de resiliência e recuperação. Segundo a organização, a recuperação de desastres envolve não apenas a restauração, mas também a melhoria, sempre que possível, das infraestruturas, dos meios de subsistência e das condições de vida das comunidades afetadas, integrando medidas para reduzir futuros fatores de risco.

A resiliência financeira vai além da superação das dificuldades momentâneas, sendo essencial a adaptação e o aprendizado durante o processo, bem como o apoio social, que pode desempenhar um papel fundamental no enfrentamento e na recuperação diante de adversidades financeiras. Isso permite que o indivíduo ou a família se fortaleça e se prepare para enfrentar futuros desafios econômicos (Chen; He, 2022). Um elemento essencial nesse processo é a resiliência emocional, que influencia diretamente a forma como as pessoas lidam com crises financeiras. Indivíduos emocionalmente resilientes tendem a manter maior controle sobre suas emoções em situações adversas, facilitando sua adaptação e recuperação financeira (Smith *et al.*, 2008). Em contraste, aqueles com menor resiliência emocional apresentam uma maior reatividade afetiva, o que pode prolongar os efeitos negativos das adversidades financeiras e dificultar sua recuperação. Em um estudo comparativo, observou-se que pessoas com baixa resiliência não apenas

experimentam um aumento no afeto negativo no dia estressor, mas também no dia seguinte, evidenciando como a reatividade emocional pode comprometer a recuperação financeira (Ventus; Söderberg, 2024).

Além da resiliência emocional, a confiança financeira é um fator determinante para a recuperação econômica, pois influencia diretamente a capacidade de tomar decisões estratégicas e enfrentar desafios financeiros. A confiança financeira de um indivíduo envolve a motivação para buscar informações e conselhos sobre questões financeiras, aplicar o conhecimento adquirido na prática e gerenciar emoções e fatores psicológicos que afetam a tomada de decisões financeiras (OECD, 2019). Estudo realizado para investigar a associação dos fatores de socialização financeira com a confiança financeira sugere que atores socioeconômicos e demográficos influenciam tanto a socialização financeira quanto a confiança dos indivíduos em usar serviços financeiros (Silinskas; Ahonen; Wilska, 2023).

No contexto de eventos climáticos, a confiança financeira pode influenciar diretamente a capacidade dos indivíduos de lidar com crises econômicas geradas por desastres naturais. Indivíduos que possuem maior confiança financeira tendem a buscar informações sobre auxílios governamentais, acessar produtos financeiros emergenciais e tomar decisões estratégicas para mitigar os impactos econômicos dessas crises (Fontes; Azzi, 2012). Em cenários como enchentes e secas, aqueles que confiam mais em suas habilidades financeiras podem estar mais propensos a solicitar crédito emergencial, renegociar dívidas ou reestruturar seus gastos para manter sua estabilidade financeira durante o período de recuperação do desastre (Dawood; Shili, 2023).

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) reforça essa perspectiva ao definir o objetivo da recuperação de desastres como restaurar a capacidade das instituições e comunidades nacionais de se recuperarem de um conflito ou desastre natural, entrar em transição ou reconstruir melhor e evitar recaídas. Essa visão amplia a compreensão de recuperação, indo além da simples restauração e incluindo a preparação para minimizar riscos futuros.

Assim, resiliência pode ser entendida como a própria recuperação financeira, ou seja, o processo de restabelecimento após perdas ou dificuldades, pois envolve tanto a superação do momento crítico quanto a adaptação a novas realidades financeiras. Esse processo de adaptação e aprendizado é fundamental para que a pessoa se fortaleça e se prepare para enfrentar futuros desafios econômicos.

A capacidade de recuperação é um conceito central para compreender como indivíduos lidam com crises econômicas. Salignac *et al.*, (2019) conceituam a resiliência financeira como a capacidade de um indivíduo de acessar e recorrer a capacidades internas e recursos externos, assim como apoios apropriados, aceitáveis e acessíveis em tempos de adversidade financeira. Alicerçados no entendimento de que focar exclusivamente na capacidade individual em gerir o choque financeiro não é suficiente, os autores sugeriram uma abordagem multidimensional abrangendo quatro componentes: (1) recursos econômicos; (2) produtos e serviços financeiros; (3) conhecimento e comportamento financeiro; e (4) capital social.

Além de abranger múltiplas dimensões, esse conceito se destaca por reconhecer que a resiliência financeira não depende apenas das condições individuais, mas também do acesso a estruturas de suporte externas. Essa perspectiva é importante para compreender como diferentes fatores influenciam a capacidade dos indivíduos de enfrentar adversidades econômicas. Assim, ao adotar essa definição, esta pesquisa considera uma visão ampliada da resiliência financeira, alinhada à complexidade dos desafios enfrentados em cenários de vulnerabilidade. No Quadro 1, são apresentados diferentes conceitos de resiliência financeira encontrados na literatura, destacando as diversas abordagens existentes sobre o tema.

Quadro 1 - Principais conceitos que envolvem resiliência financeira.

<b>Autores</b>	<b>Conceitos de resiliência financeira</b>
Salignac <i>et al.</i> , (2019)	“Capacidade do indivíduo de acessar e utilizar suas habilidades internas, bem como recursos e apoios externos apropriados, aceitáveis e acessíveis em tempos de adversidade financeira.”
Chen; He, (2022)	“Capacidade das condições financeiras de manterem sua própria estabilidade, ajustarem-se autonomamente e se recuperarem diante de choques externos.”
Sakyi-Nyarko; Ahmad; Green, (2022)	“Capacidade de um indivíduo de lidar com resultados econômicos adversos, especialmente os inesperados.”
Tahir; Shahid; Richards, (2022)	“Capacidade percebida de um indivíduo de acessar recursos financeiros em caso de emergência.”
Essel-Gaisey <i>et al.</i> , (2023)	“É conhecida por proteger as pessoas das consequências negativas de eventos inesperados (por exemplo, perda de emprego, desastres naturais) e por aumentar sua capacidade de buscar oportunidades e investimentos.”
Yao; Zhang, (2023)	“Avalia a capacidade de uma família resistir a choques financeiros negativos.”
Angsten Clark <i>et al.</i> , (2024)	“Descreve como indivíduos ou famílias conseguem lidar com choques financeiros ou econômicos, como uma despesa inesperada ou a perda de renda.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise das diferentes abordagens sobre resiliência financeira, observa-se que diversos pesquisadores têm adotado a estrutura multidimensional proposta por Salignac *et al.*, (2019) como base para suas investigações (Jayasinghe; Selvanathan; Selvanathan, 2020; Salignac; Hanoteau; Ramia, 2022; Liu; Chen, 2023; Mundi; Vashisht, 2023; Kulshreshtha *et al.*, 2023; Mohd Daud *et al.*, 2024). No entanto, embora se compartilhe o entendimento de que a resiliência financeira deve ser analisada de forma multidimensional, a escala proposta neste estudo adota uma composição distinta de construtos. Esta pesquisa considera os seguintes aspectos como antecedentes do construto resiliência financeira: adaptação financeira e o apoio social financeiro. Ao incorporar essas dimensões, busca-se ampliar a compreensão do fenômeno, valorizando tanto os recursos internos quanto os externos que influenciam a capacidade de resiliência dos cidadãos.

### **2.3 Antecedentes da Resiliência Financeira**

Nessa seção, serão apresentados os antecedentes da resiliência financeira, ou seja, os fatores que influenciam diretamente a capacidade dos indivíduos de se recuperar de adversidades econômicas. Entre esses antecedentes, destacam-se a adaptação financeira e o apoio social financeiro.

A adaptação financeira refere-se à habilidade dos indivíduos de ajustarem seus padrões de consumo, reavaliar prioridades e buscar novas fontes de renda em momentos de crise (Lusardi; Mitchell, 2014). Já o apoio social financeiro diz respeito à rede de suporte formada por familiares, amigos e comunidades, que pode oferecer assistência material, emocional ou informacional para ajudar na recuperação financeira (Bufe *et al.*, 2022). A compreensão desses antecedentes é essencial para avaliar como diferentes fatores contribuem para a resiliência financeira e para o desenvolvimento de estratégias que minimizem os impactos de choques econômicos.

#### **2.3.1 Adaptação financeira**

A adaptação financeira refere-se à capacidade dos indivíduos de ajustarem suas finanças pessoais em resposta a mudanças inesperadas, como perda de emprego, emergências médicas ou crises econômicas (Lusardi; Mitchell, 2014). Essa habilidade é componente essencial da resiliência financeira, permitindo que as pessoas mantenham a estabilidade econômica diante de adversidades. Choques inesperados podem ter impactos

significativos na renda dos indivíduos, evidenciando fragilidades como a baixa diversificação de investimentos, a ausência de planejamento previdenciário e a falta de reservas de emergência. Esses fatores limitam a capacidade de adaptação financeira, especialmente entre pessoas de baixa renda e menor nível de escolaridade, tornando-as mais vulneráveis aos impactos econômicos da crise (Goyal *et al.*, 2021).

Além dos aspectos financeiros, aspectos psicológicos também podem ser relevantes para a adaptação financeira. A flexibilidade psicológica, por exemplo, desempenha um papel importante na adaptação financeira. Indivíduos mais flexíveis tendem a ajustar seu padrão de vida conforme necessário, seja por meio da redução de despesas supérfluas, da busca por fontes alternativas de renda ou da reavaliação das prioridades financeiras (Araújo, 2024). Em circunstâncias desafiadoras, essa flexibilidade se torna importante, uma vez que os indivíduos frequentemente experimentam estresse financeiro, um fenômeno amplamente discutido na literatura (Mullainathan; Shafir, 2013).

O estresse financeiro é definido como uma construção psicológica que reflete um estado em que as preocupações financeiras iminentes superam os recursos disponíveis, comprometendo o bem-estar do indivíduo (Van Dijk; Van Der Werf; Van Dillen, 2022). Esse conceito está fundamentado na teoria do estresse psicológico (Folkman; Lazarus, 1986), segundo a qual uma ameaça ocorre quando um indivíduo antecipa um confronto com um estímulo percebido como um risco para seus valores e objetivos essenciais. Nesse contexto, a adaptação financeira, conforme destacado por Rutter, (1985), é um elemento chave da resiliência, pois é fundamental para gerenciar o estresse financeiro e manter o bem-estar econômico durante períodos de incerteza.

O estresse financeiro envolve tanto avaliações subjetivas da situação quanto respostas afetivas e cognitivas associadas. Ele está diretamente relacionado à situação financeira atual dos indivíduos e à percepção da incapacidade de atender às demandas econômicas (Simonse *et al.*, 2024). Um dos principais aspectos desse fenômeno é a sensação de descontrole financeiro, caracterizada pelo atraso no pagamento de compromissos financeiros, pela percepção de que as finanças governam a vida e pela constante preocupação com dinheiro (Kim; Cho; Xiao, 2023). De forma consistente, a literatura tem apontado impactos adversos expressivos do estresse financeiro no bem-estar geral e na saúde mental, associando-o a condições como ansiedade e depressão (De Almeida *et al.*, 2024). Um estudo realizado com famílias Holandesas identificou que

fatores econômicos, como baixos níveis de reservas financeiras, endividamento elevado e desemprego, estão fortemente relacionados ao aumento do estresse financeiro (Simonse *et al.*, 2024).

Por outro lado, indivíduos que desenvolvem estratégias adaptativas e habilidades de enfrentamento para gerenciar pressões financeiras tendem a mitigar os efeitos negativos do estresse, preservando sua estabilidade emocional e financeira (Dawood; Shili, 2023). Essa capacidade se torna ainda mais importante em contextos de desastres climáticos, nos quais perdas materiais, interrupção de renda e incertezas econômicas intensificam o estresse financeiro, exigindo maior resiliência para enfrentar e se recuperar dessas adversidades.

A resiliência, conforme definida por Luthar, Cicchetti e Becker, (2000), é um processo dinâmico que envolve adaptação positiva diante de adversidades significativas. Esse conceito reforça a ideia de que a adaptação financeira não ocorre de maneira passiva, mas sim como uma resposta ativa dos indivíduos para manter sua estabilidade econômica, mesmo em situações de crise. A capacidade de manter um funcionamento positivo frente a dificuldades, como apontado na literatura sobre resiliência (Luthar; Cicchetti; Becker, 2000), demonstra que a adaptação financeira vai além da simples reação a eventos inesperados, englobando também a busca por soluções sustentáveis e estratégias eficazes para minimizar impactos negativos.

O desenvolvimento dessa capacidade envolve práticas como o planejamento financeiro, a educação continuada sobre finanças pessoais e a construção de uma rede de apoio social (Araújo, 2024). Essas estratégias fortalecem a capacidade dos indivíduos de se recuperarem de contratempos financeiros e de se prepararem para futuras eventualidades, promovendo uma vida financeira mais saudável e resiliente.

### **2.3.2 Apoio social financeiro**

O apoio social financeiro emerge como um componente essencial no contexto da resiliência financeira, abrangendo não apenas a capacidade dos indivíduos de contar com amigos e familiares em momentos de necessidade financeira (Demirguc-Kunt *et al.*, 2015), mas também a relevância das conexões comunitárias como fonte de apoio durante períodos de dificuldade (Secombe, 2002). Essas interações sociais positivas oferecem um senso de segurança e contribuem para a formação de um sistema de apoio emocional durante uma crise (Yeo; Lee, 2019). Esse entendimento ressalta a importância de uma rede de pessoas que se apoiam financeiramente em tempos de emergência e também

trocam conhecimentos e informações sobre questões financeiras (Demirguc-Kunt *et al.*, 2015).

A resiliência financeira é significativamente impactada pelo apoio social financeiro, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. Estudos como o de Stevenson *et al.*, (2022) destacam sua importância em contextos mais avançados, enquanto pesquisas como as de Jayasinghe, Selvanathan e Selvanathan (2020) e Sakyi-Nyarko, Ahmad e Green (2022) ressaltam seu papel fundamental em economias em desenvolvimento. Em ambos os casos, indivíduos se apoiam em suas redes sociais, incluindo amigos, família e conexões comunitárias, para obter suporte financeiro e informações. Esse tipo de apoio adquire especial importância em países em desenvolvimento, no qual os recursos formais são escassos e os serviços financeiros apresentam limitações estruturais, tornando as interações formais e informais comunitárias e familiares ainda mais relevantes (Okten; Osili, 2004).

As conexões interpessoais, nesse contexto, configuram-se como pilares na formação de uma rede de apoio abrangente. Conforme observado por Bufe *et al.*, (2022), essa rede é composta por membros da família, vizinhos, pessoas da comunidade, amigos e colegas de trabalho, e pode assumir múltiplas funções, oferecendo suporte em várias dimensões, incluindo psicológica, financeira e informacional. A importância das comunidades e círculos familiares mais amplos como fontes de motivação e apoio é destacada por (Angsten Clark *et al.*, 2024). Fazer parte de uma comunidade não só mantém uma atitude positiva, mas também fornece conselhos, informações e, muitas vezes, apoio financeiro direto ou indireto. Isso demonstra como os laços familiares e comunitários desempenham um papel na resiliência financeira das pessoas, como também observado por Angsten Clark *et al.*, (2024), no qual o suporte financeiro regular de membros da família é destacado como essencial em muitas situações.

Durante a pandemia de COVID-19, muitos indivíduos enfrentaram incertezas financeiras e recorreram a empréstimos de amigos e familiares como uma medida de enfrentamento, destacando a importância das redes sociais e do capital social na resiliência financeira (Goyal *et al.*, 2021). Essa dinâmica foi observada no Reino Unido, em que Stevenson *et al.*, (2022), ao analisarem o período inicial de bloqueio da COVID-19, revelaram que a identificação com membros da família estava correlacionada com maior eficácia financeira familiar, resultando em níveis superiores de bem-estar financeiro. Além disso, Jayasinghe, Selvanathan e Selvanathan (2020) investigaram a

resiliência financeira da população aborígine indígena na Austrália e descobriram que recursos econômicos e capital social estavam associados positivamente a uma maior satisfação com a vida. Essas pesquisas destacam como o apoio financeiro de amigos, familiares e o suporte da comunidade exercem influência importante na capacidade das pessoas de lidarem com desafios financeiros e alcançarem um maior bem-estar financeiro e satisfação pessoal.

O componente apoio social não se limita apenas à conectividade social das pessoas; ele também examina o nível de apoio social disponível durante momentos de crise e a importância do acesso a apoios comunitários e/ou governamentais, conforme destacado por Jayasinghe, Selvanathan e Selvanathan (2020). Isso é reforçado pela pesquisa de Orthner, Jones-Sanpei e Williamson (2004), que ressalta a relevância dos serviços de apoio comunitários e governamentais na resiliência financeira, especialmente para famílias de renda mais baixa. Em contextos onde o apoio do governo é limitado, como em países em desenvolvimento, as redes de capital social se tornam essenciais, com os lares dependendo significativamente de transferências privadas (Deb; Okten; Osili, 2010).

Esta dependência das comunidades como amortecedores contra choques de renda súbitos em áreas onde não há regimes formais de segurança social financiados pelo governo é destacada por (Kulshreshtha *et al.*, 2023). A ausência de apoio financeiro governamental em certos contextos destaca ainda mais a importância do capital social na construção da resiliência financeira da população (Goyal *et al.*, 2021). Essa falta de suporte estatal direciona os indivíduos a dependerem ainda mais das redes sociais formadas por meio do envolvimento comunitário para enfrentar desafios financeiros.

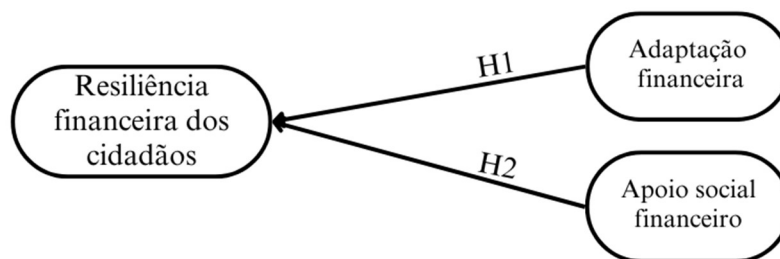
A pesquisa de Kulshreshtha *et al.*, (2023) sublinha essa interconexão, ao demonstrar como as redes sociais facilitam a inclusão social e fortalecem a resiliência financeira. Tais achados corroboram a ideia de que as conexões sociais podem impactar na capacidade das famílias de lidarem com choques econômicos. Os estudos de Mundi e Vashisht (2023) e de Angsten Clark *et al.*, (2024), destacam a importância das conexões sociais tanto para pais solteiros quanto para mães na busca por estabilidade financeira. Assim, a promoção do capital social e o fortalecimento das redes comunitárias emergem como estratégias essenciais para promover a inclusão social e a resiliência financeira em face da ausência ou insuficiência de apoio financeiro governamental.

Torna-se evidente que a identificação familiar tem capacidade de influenciar diretamente os recursos disponíveis para enfrentar desafios financeiros (Stevenson *et al.*, 2020). Essa conexão entre identificação familiar e apoio financeiro ressalta a importância das redes sociais na capacidade das famílias de lidarem com dificuldades econômicas. A ligação a fatores sociais, como a comunidade e a família complementa essa compreensão, demonstrando como essas redes são uma fonte de crédito e apoio financeiro (Angsten Clark *et al.*, 2024).

## 2.4 Modelo teórico

A resiliência financeira é um fenômeno complexo que exige uma abordagem multidimensional para sua compreensão e mensuração. Nesse sentido, este estudo propõe um modelo teórico no qual a adaptação financeira e apoio social financeiro são considerados antecedentes da resiliência financeira. Esses fatores são relevantes para entender a capacidade dos indivíduos de enfrentar e superar adversidades econômicas, refletindo diferentes aspectos do processo de recuperação financeira. A Figura 6 apresenta a estrutura proposta, destacando a relação entre os antecedentes e a resiliência financeira dos cidadãos.

Figura 6 - Modelo teórico preliminar de medição da resiliência financeira dos cidadãos.



Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, a mensuração da resiliência financeira dos cidadãos é fundamentada em dois antecedentes teóricos particularmente relevantes em contextos de crise, como os eventos climáticos extremos nas enchentes vivenciados no Rio Grande do Sul. O primeiro diz respeito à adaptação financeira, compreendida como a capacidade de reorganizar recursos e comportamentos econômicos diante de mudanças abruptas e imprevisíveis. Em situações marcadas por perdas materiais e mudanças abruptas na renda, a habilidade de reconfigurar o orçamento, reavaliar prioridades de consumo e adotar estratégias

alternativas para assegurar a estabilidade financeira. Assim, formula-se a primeira hipótese.

H1: *Quanto maior a adaptação financeira, maior a resiliência financeira dos cidadãos.*

Da mesma forma, o segundo antecedente refere-se ao apoio social financeiro, entendido como a disponibilidade de recursos materiais, informacionais e emocionais provenientes das redes interpessoais – familiares, amigos, vizinhos e organizações comunitárias ou governamentais. Em contextos de crise, esse suporte atua como amortecedor social, mitigando os efeitos das perdas econômicas por meio de auxílio como doações, moradia temporária, ou mesmo orientação e acolhimento emocional. Esses mecanismos reforçam a capacidade de enfrentamento dos indivíduos e contribuem para a reconstrução da estabilidade financeira e subjetiva. Diante disso, propõe-se a segunda hipótese.

H2: *Quanto maior o apoio social financeiro, maior a resiliência financeira dos cidadãos.*

A próxima seção apresenta os principais procedimentos metodológicos sugeridos para a aplicação do modelo teórico, bem como as variáveis utilizadas para alcançar os objetivos do estudo.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção busca descrever os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos estabelecidos neste estudo. São discutidos o método da pesquisa e sua estratégia, aspectos éticos, riscos e benefícios, síntese do instrumento da pesquisa, bem como a apresentação do cenário da pesquisa e população. Nessa seção também são apresentadas a forma de coleta de dados, assim como as técnicas de análise e tratamento dos dados.

#### 3.1 Estratégia da pesquisa

A pesquisa adota um caráter descritivo, o que implica na análise das características de determinada população, como sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, entre outros (Gil, 2002). Essa caracterização é considerada a mais apropriada para o propósito deste estudo.

Quanto a abordagem de pesquisa é qualitativa e quantitativa. A pesquisa está dividida em três etapas, sendo as duas primeiras qualitativas e a terceira etapa de abordagem quantitativa. A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswell, 2016).

##### 3.1.1 Construção dos Itens da escala: etapas qualitativas

O desenvolvimento e a construção da Escala de Resiliência Financeira (ERESF) seguiram as etapas metodológicas propostas por Boateng *et al.*, (2018). Inicialmente, realizou-se uma revisão abrangente da literatura sobre o tema, a fim de estabelecer uma base teórica sólida para a definição dos construtos que compõem a escala. Durante essa fase, foram analisados artigos indexados nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*, e, mediante a aplicação de um rigoroso protocolo de buscas, a amostra final foi composta de 69 estudos. Encerrada essa primeira etapa, que possibilitou a definição dos construtos da resiliência financeira, deu-se início à segunda fase da pesquisa, também de abordagem qualitativa, com o objetivo de aprofundar o entendimento dos elementos que fundamentam a escala.

Para identificar as percepções sobre a resiliência financeira, foi realizado um grupo focal com oito participantes. A discussão, mediada por um moderador, utilizou perguntas abertas para estimular a interação e promover a exploração das percepções,

opiniões, experiências e sentimentos dos participantes acerca do tema. Aos participantes foram apresentadas três perguntas principais:

1. “Para você, o que é resiliência financeira?”
2. “Como você gerencia situações financeiras difíceis?”
3. “Quando você passa por situações financeiras estressantes, como é o seu apoio social e financeiro?”

Além do moderador e dos participantes, a sessão contou com a presença de quatro observadores, sendo dois internos e dois externos. Com base na revisão da literatura e na análise das respostas obtidas no grupo focal, foram elaboradas as definições dos construtos e formulada a versão preliminar dos itens. Posteriormente, procedeu-se à validação por especialistas, visando legitimar e refinar as dimensões e os itens propostos.

A validação por especialistas foi realizada com seis profissionais da área, sendo três com experiência na construção de escalas e três com experiência no tema da pesquisa (Devellis e Thorpe, 2021). Para essa etapa, foi desenvolvido um instrumento específico com instruções detalhadas para os especialistas. Cada item foi avaliado quanto ao grau de pertinência (1 — Deve ser removido, 2 — Deve ser mantido após reformulação, 3 — Deve ser mantido como está), grau de relevância (1 — Pouco relevante, 2 — Relevante, 3 — Muito relevante), clareza da linguagem (1 — Linguagem não adequada, 2 — Linguagem adequada).

Para analisar o nível de concordância entre os especialistas, foi utilizado o Coeficiente de validade de conteúdo (CVC), que mede a proporção ou porcentagem de juízes que estão em concordância sobre determinados aspectos do instrumento e de seus itens (Alexandre; Coluci, 2011). Nesse tipo de análise, a literatura recomenda CVC no mínimo de 0,80 (Polit; Beck, 2006). O cálculo do CVC foi realizado no software Stata.

Ainda na segunda etapa da pesquisa, realizou-se um pré-teste com 16 indivíduos, selecionados por conveniência, em conformidade com a recomendação de que amostras de pré-teste incluam entre 5 e 15 participantes (Boateng *et al.*, 2018). A escolha da cidade baseou-se na conveniência, pois, embora também tenha sido impactada pelo mesmo evento que motivou a seleção da amostra principal, não integrou essa amostra, permitindo a inclusão de indivíduos com experiências relevantes para o estudo. Durante o pré-teste, os participantes avaliaram as questões do instrumento de pesquisa. Não foram apontados erros ou a necessidade de modificações substanciais. As sugestões se limitaram a ajustes gramaticais, correções de espaçamento e pontuação, evidenciando a clareza e a adequação

do instrumento. Essas alterações foram implementadas para assegurar a melhor compreensão e fluidez das questões antes da aplicação na amostra principal.

Com o término da fase qualitativa, iniciou a etapa quantitativa, na qual o instrumento foi aplicado à amostra prevista.

### **3.1.2 Construção dos Itens da escala: etapas quantitativas**

A pesquisa, de abordagem quantitativa, foi conduzida por meio de um levantamento (*survey*) de corte transversal, envolvendo indivíduos diretamente atingidos pela última enchente ocorrida no Rio Grande do Sul. A seleção do público-alvo baseou-se em um estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que mapeou áreas impactadas pelas inundações com auxílio de observação por satélite em 6 de maio de 2024. Os municípios com maior estimativa de população relativa afetada incluíram Eldorado do Sul, Estrela, Canoas, São Leopoldo, Roca Sales, Muçum, Arroio do Meio, Dona Francisca, Encantado, Cerro Branco, Guaíba, Cruzeiro do Sul, Lajeado, Marques de Souza e Triunfo.

A coleta de dados ocorreu presencialmente nas cidades atingidas. Utilizou-se uma amostragem por conveniência, na qual os participantes foram abordados em locais públicos, incluindo albergues, alojamentos temporários, barracas nas rodovias, centros comunitários, ginásios esportivos, escolas, igrejas, residências situadas em áreas afetadas pelo desastre climático e Centros Humanitários e de Acolhimento (CHA). Todos os procedimentos seguiram as diretrizes aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa Brasil (CAAE nº 80347524.2.0000.5323). De acordo com Gil (2002), essa abordagem permite a seleção de respondentes mais acessíveis, facilitando o alcance de um número significativo de participantes. A amostra incluiu moradores dos municípios mapeados, cuja população total era estimada em 911.656 pessoas em 2022, segundo o IBGE. Com um nível de confiança de 95% e margem de erro de 3%, foi calculado um tamanho de amostra mínimo de 1.068 respondentes.

Na primeira fase da etapa quantitativa, foi realizada Análise Fatorial Exploratória (AFE) para validar cada dimensão da escala por meio do software Factor. A análise fatorial é uma técnica desenvolvida para sintetizar as informações através da combinação das variáveis, reduzindo-as e obtendo fatores (Hair *et al.*, 2014). Utilizou-se uma matriz de correlações policóricas, com o método de extração *Unweighted e rotação Robust Promin* (Lorenzo-Seva; Ferrando, 2019). Com base em Timmerman e Lorenzo-Seva, (2011), realizou-se a Análise Paralela Ótima, visando estimar o número de fatores.

Destaca-se que a análise fatorial utilizando correlações policóricas tende a identificar com maior precisão o número de fatores subjacentes aos dados, além de produzir estimativas mais consistentes dos pesos fatoriais e das correlações entre os fatores (Asún; Rdz-Navarro; Alvarado, 2016).

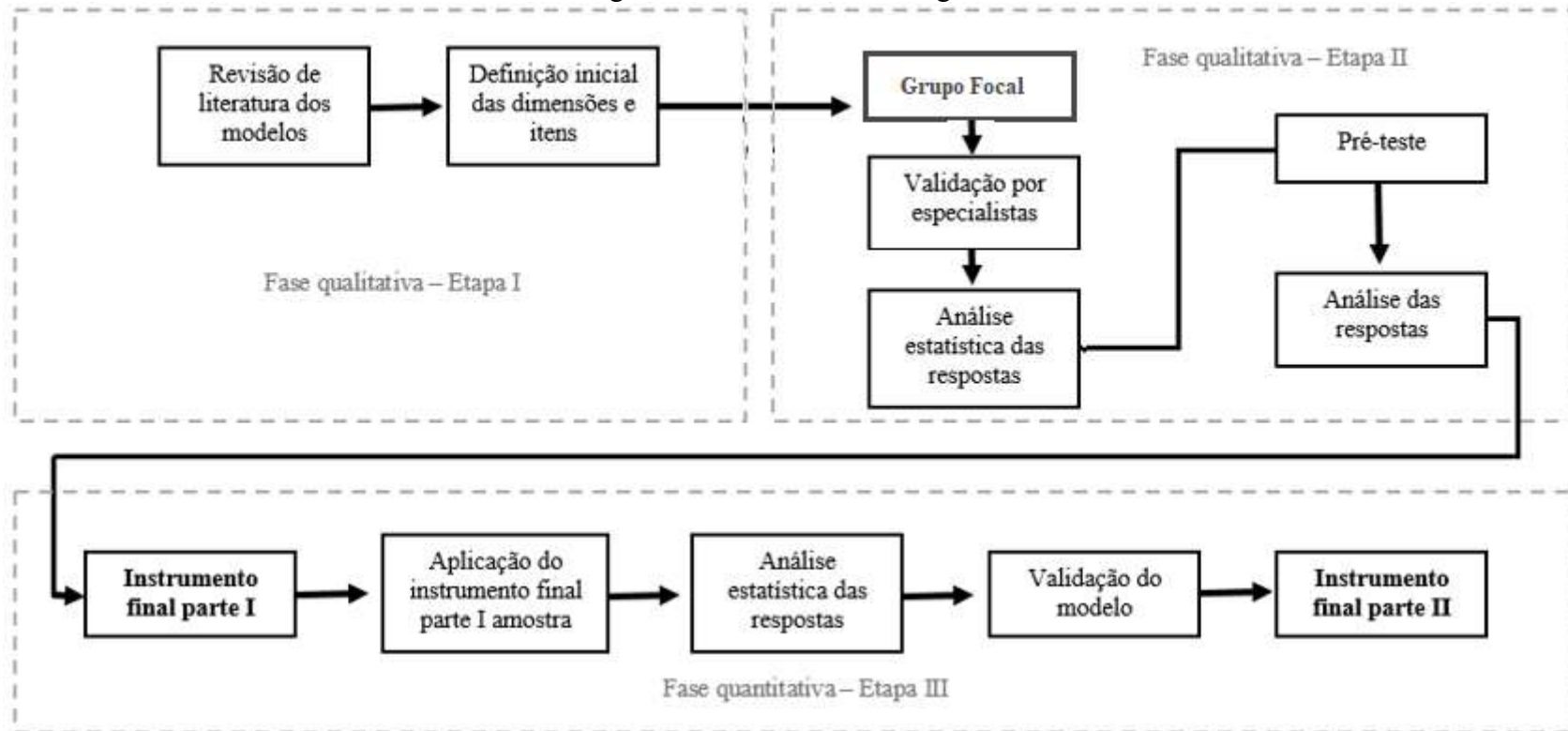
A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018). Esse índice mensura a precisão com que um conjunto de itens representa um fator comum, variando de 0 a 1. Valores de H superiores a 0,80 indicam uma variável latente bem definida, sugerindo maior estabilidade do fator em diferentes amostras. Já valores mais baixos indicam uma estrutura menos definida e, portanto, mais suscetível a variações entre estudos (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018).

Além disso, a consistência interna foi analisada por meio dos coeficientes Alfa de Cronbach (Cronbach, 1951) e Ômega de McDonald ( $\omega$ ) (McDonald, 1999). Para ambos, os valores iguais ou superiores a 0,7 foram considerados adequados (Hair *et al.*, 2014). O Alfa de Cronbach é a medida de consistência interna mais utilizada (Hair *et al.*, 2014; Boateng *et al.*, 2018); no entanto, como seu resultado pode ser influenciado pelo número de itens do construto (Hayes; Coutts, 2020), optou-se também pelo uso do Ômega de McDonald.

Na segunda fase, foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para verificar a validade convergente, unidimensionalidade e validade discriminante dos construtos por meio do software Amos. Os modelos foram estimados por máxima verossimilhança, utilizando índices de ajuste absolutos e comparativos. Para os índices absolutos foram calculados a Estatística Qui-quadrado ( $\frac{\chi^2}{df}$ ) considerando os graus de liberdade, *standardized root mean square residual* (SRMR), *root mean square error of approximation* (RMSEA) e índice de qualidade do ajuste (GFI).

De acordo com Hu e Bentler (1999) e Hair *et al.*, 2014, a adequação do modelo é considerada boa quando  $\frac{\chi^2}{df}$  é inferior a 5, CFI > 0,95, TLI > 0,95, RMSEA < 0,06, e RMSR < 0,08 (Kline, 2023; Lomax, 2004; Mueller; Hancock, 2018). O percurso metodológico deste estudo está apresentado na Figura 7.

Figura 7 - Percurso metodológico.



Fonte: Adaptado de Santos (2023).

## **3.2 Aspectos éticos**

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa e está disponível para verificação dos usuários no sítio eletrônico da Unipampa. Além disso, foi submetida ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP), o qual tem por objetivo garantir a proteção dos direitos dos sujeitos da pesquisa. Esse procedimento será realizado no SISNEP, por meio da Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos.

Para cumprir com as determinações do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que está apresentado no Apêndice C. Os instrumentos foram aplicados aos sujeitos que, após a leitura do TCLE, concordaram em participar da pesquisa. Este documento assegura, entre outros aspectos, que os participantes serão plenamente informados sobre os métodos utilizados antes e durante o curso da pesquisa. Eles terão total liberdade de abandonar o estudo a qualquer momento, sem sofrerem qualquer tipo de penalização ou prejuízo. Além disso, serão ressarcidos por eventuais danos causados e, principalmente, será mantido o sigilo em relação aos dados ou informações que serão divulgados posteriormente.

A privacidade dos respondentes e a garantia de que os dados serão utilizados exclusivamente para a realização do estudo são asseguradas por meio do Termo de Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados, que está assinado pela orientadora desta dissertação.

### **3.2.1 Riscos e benefícios**

Dado que os indivíduos foram abordados em locais públicos, como albergues, alojamentos temporários, barracas nas rodovias, centros comunitários, ginásios esportivos, escolas, igrejas, e outros locais onde as vítimas de desastres climáticos se abrigaram, é importante considerar o risco de não aceitação ou desistência durante a aplicação do questionário. Esses eventos podem ocorrer a qualquer momento e podem ser motivados por constrangimento ou por estarem em um momento inoportuno. Visando reduzir ou mitigar esse risco, os pesquisadores podem solicitar que aguardem até que os indivíduos tenham melhores condições para responder.

Assim, o pesquisador deixará o indivíduo à vontade para pensar, interromper o questionário sem pressão e sem incentivo para retornar ou desistir. Além disso, ficará

claro que o indivíduo não é obrigado a responder todas as questões. Caso o participante se sinta lesado pela pesquisa, terá direito à assistência integral, imediata e gratuita, conforme estabelece a Resolução CNS nº 466/2012.

### 3.3 Síntese do instrumento de pesquisa

Elaborar um instrumento de pesquisa não é uma atividade simples, porém é um passo crucial no planejamento da análise. O desenvolvimento do instrumento de pesquisa está ligado à formulação exata do problema a ser pesquisado e ao objetivo da pesquisa (Chagas, 2000). Neste estudo, foi adotado o uso de questionário como técnica de investigação. Os questionários são caracterizados por apresentarem um número relativamente alto de questões, visando conhecer as opiniões, crenças, emoções e interesses dos entrevistados. Esses instrumentos são considerados fáceis de aplicar, asseguram o anonimato dos participantes e constituem meios mais rápidos e econômicos para a aquisição de informações (Gil, 2002).

O questionário foi organizado em três blocos distintos, cada um abordando uma temática específica. A versão final do instrumento encontra-se no Apêndice D.

- Bloco 1: Resiliência financeira - Composto por seis questões que investigam a capacidade de superar dificuldades financeiras rapidamente e manter estabilidade emocional diante de desafios. As bases teóricas incluem os trabalhos de Smith *et al.*, (2008); Chen; Wang; Yan, (2016).

- Bloco 2: Adaptação financeira - Contém dezesseis questões que exploram a capacidade dos indivíduos de ajustar estratégias e comportamentos financeiros diante de perdas e dificuldades e analisam a habilidade de lidar emocionalmente com desafios financeiros sem desestabilização significativa. Essa seção é embasada nos estudos de Kocalevent *et al.*, (2017), Platt; Brown; Hughes, (2016), Connor; Davidson, (2003), Chen; Wang; Yan, (2016), Smith *et al.*, (2008) e Liebenberg; Ungar; van d.V.jver, (2012).

- Bloco 3: Apoio social financeiro - Composto por treze questões que abordam o papel das redes sociais e o apoio disponível em momentos de crise. Esse bloco se baseia nos estudos de Liebenberg; Ungar; Van d.V.Jver, (2012) e De Benedicto *et al.*, (2011), destacando a relevância do suporte social para a resiliência financeira dos participantes.

A síntese das questões que serão abordadas no questionário, bem como o tema de cada bloco e a quantidade de itens com as respectivas referências utilizadas na elaboração do instrumento de pesquisa, são exibidas no Quadro 2.

Quadro 2 - Síntese do instrumento de pesquisa.

Constructos	Questões	Suporte teórico	Número de itens
<b>Resiliência financeira</b>	Q4,	Smith <i>et al.</i> , 2008; Chen; Wang; Yan, 2016	6
	Q5, Q6	Smith <i>et al.</i> , 2008	
	Q7, Q8, Q9	Chen; Wang; Yan, 2016	
<b>Adaptação financeira</b>	Q10, Q11, Q17, Q18	Kocalevent <i>et al.</i> , 2017	16
	Q12	Platt; Brown; Hughes, 2016	
	Q13, Q15, Q19, Q20, Q22, Q24	Connor; Davidson, 2003	
	Q16	Criado pelas autoras	
	Q14	Connor; Davidson, 2003; Chen; Wang; Yan, 2016	
	Q21	Connor; Davidson, 2003; Liebenberg; Ungar; Van d.V.jver, 2012	
	Q25	Chen; Wang; Yan, 2016	
Q23	Smith <i>et al.</i> , 2008		
<b>Apoio social financeiro</b>	Q26, Q27, Q28, Q29, Q30, Q31, Q32, Q33, Q34, Q35, Q36, Q37, Q38	Liebenberg; Ungar; Van d.V.jver, 2012, De Benedicto <i>et al.</i> , 2011	13

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.4 Cenário da pesquisa e população

A população ou universo é definida como um conjunto de elementos que compartilham determinadas características (Richardson, 1999). Nesse contexto, a população alvo desta pesquisa compreende os indivíduos atingidos pela enchente que teve início em 27 de abril de 2024 e se intensificou em 29 de abril, no Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com dados da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, até 31 de maio de 2024, estima-se que 2.347.664 pessoas foram impactadas em 473 municípios, das quais 580.111 ficaram desalojadas e 39.595 precisaram ser acomodadas em abrigos.

De acordo com um estudo conduzido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 15 municípios superaram 20% da população diretamente atingida pelas enchentes em relação à população municipal. Esse dimensionamento ocorreu via satélite em 06/05/2024. A Tabela 3 apresenta a população dos municípios e a amostra mínima calculada considerando um nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 3%.

Tabela 3 - População e amostra por cidade da pesquisa.

Município	População	Amostra mínima calculada
Arroio do Meio	21.958	26
Canoas	347.657	407
Cerro Branco	3.802	4
Cruzeiro do Sul	11.600	14
Dona Francisca	3.079	4
Eldorado do Sul	39.559	46
Encantado	22.962	27
Estrela	32.183	38
Guaíba	92.924	109
Lajeado	93.646	110
Marques de Souza	3.969	5
Muçum	4.601	5
Roca Sales	10.418	12
São Leopoldo	217.409	254
Triunfo	5.889	7
Total	911.656	1.068

Fonte: Elaborada pela autora.

A escolha dos municípios listados considerou a magnitude do impacto direto sofrido em decorrência da enchente, bem como a representatividade populacional de cada localidade. Essa delimitação permitiu abranger diferentes realidades sociais e econômicas, assegurando maior diversidade no perfil dos respondentes. Dessa forma, o cenário da pesquisa reflete um recorte significativo da crise vivida no Estado do Rio Grande do Sul, oferecendo subsídios importantes para a compreensão da resiliência financeira de indivíduos expostos a eventos climáticos extremos.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Esse capítulo apresenta os resultados da pesquisa e os relaciona com a teoria sobre resiliência financeira dos cidadãos. Os resultados são organizados em quatro seções. A seção 4.1 contextualiza o cenário das enchentes no Rio Grande do Sul, destacando as características da população afetada. Na seção 4.2, são detalhados os procedimentos utilizados na construção da escala de resiliência financeira, incluindo as análises exploratórias e confirmatórias. A seção 4.3 trata da validação dos antecedentes da resiliência financeira, adaptação financeira e apoio social financeiro, também com base em procedimentos estatísticos robustos. Por fim, a seção 4.4 apresenta o modelo teórico integrado, consolidando os elementos centrais da proposta de mensuração da resiliência financeira.

### **4.1 Enchentes no Rio Grande do Sul: o cenário e as características da população**

Os resultados deste estudo enfatizam a gravidade dos impactos financeiros e sociais decorrentes de eventos climáticos extremos, tomando como base o episódio de chuvas intensas que assolou o estado do Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024. A pesquisa foi conduzida com 764 respondentes, selecionados por meio de amostragem probabilística simples, com um nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 3%.

A coleta de dados ocorreu presencialmente e de forma individual, abrangendo municípios do Rio Grande do Sul onde a população estimada diretamente afetada pelas enchentes supera 20%. Os municípios incluídos no estudo foram: Arroio do Meio, Canoas, Cerro Branco, Cruzeiro do Sul, Dona Francisca, Eldorado do Sul, Encantado, Estrela, Guaíba, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Roca Sales, São Leopoldo e Triunfo.

Dos 15 municípios analisados, 14 atingiram ou superaram a amostra mínima necessária para garantir a representatividade dos resultados. Apenas o município de Canoas não alcançou a quantidade esperada de respondentes, obtendo 93 respostas. Ressalta-se que a amostra mínima não foi atingida no município de Canoas devido aos desafios enfrentados pelos Centros Humanitários e de Acolhimento, que estão lidando com dificuldades significativas no acolhimento da população. Adicionalmente, o período da pesquisa coincidiu com a realocação das pessoas entre os centros existentes em Canoas, o que agravou ainda mais as dificuldades na obtenção de uma amostra representativa.

Essa diferença pode impactar a precisão das estimativas para esse município, exigindo cautela na interpretação dos resultados específicos dessa localidade. No entanto, como os demais municípios atenderam às exigências amostrais, a análise geral do estudo mantém sua validade e robustez. A amostra e o número de questionários aplicados por municípios estão sistematizados na Tabela 4.

Tabela 4 - Amostra calculada e questionários aplicados por cidade.

Município	Amostra mínima calculada	Questionários aplicados
Arroio do Meio	26	26
Canoas	407	93
Cerro Branco	4	4
Cruzeiro do Sul	14	14
Dona Francisca	4	4
Eldorado do Sul	46	50
Encantado	27	27
Estrela	38	38
Guaíba	109	110
Lajeado	110	111
Marques de Souza	5	6
Muçum	5	5
Roca Sales	12	12
São Leopoldo	254	256
Triunfo	7	8
Total	1.068	764

Fonte: Elaborada pela autora.

As enchentes, que alcançaram proporções sem precedentes em diversas cidades do estado, impactaram profundamente as comunidades locais. Entre os entrevistados, 95,42% declararam ter sido bastante ou muito afetados (46,60% bastante e 48,82% muito), demonstrando a intensidade dos efeitos diretos e indiretos do desastre. Apenas 4,19% indicaram ter sido pouco ou muito pouco afetados (Tabela 5).

Tabela 5 - Nível de impacto das enchentes percebido pelos respondentes.

Nível de impacto percebido	Freq.	Percentual
Nada	3	0,39
Muito pouco	3	0,39
Pouco	29	3,8
Bastante	356	46,6
Muito	373	48,82
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

Entre os principais impactos relatados pelas comunidades (Tabela 6), a interrupção no fornecimento de eletricidade foi o mais prevalente, afetando 93,85% dos respondentes. A necessidade de evacuação também foi expressiva, sendo mencionada por 92,54% dos participantes. Além disso, observaram-se impactos substanciais na esfera econômica, com 84,42% relatando perda de emprego e renda. Danos às infraestruturas (85,21%), dificuldades na comunicação (88,22%) e falta de água potável (85,99%) também foram adversidades recorrentes. Esses achados destacam a extensão e a severidade das dificuldades enfrentadas pelas comunidades no período subsequente às enchentes.

Tabela 6 - Principais impactos da enchente.

Impacto causado pela enchente	Número de cidadãos afetados	Percentual
Mortes e ferimentos	607	79,45%
Falta de eletricidade	717	93,85%
Poluição do ar	228	29,84%
Perda de emprego e renda	645	84,42%
Dificuldades na comunicação	674	88,22%
Evacuação de residentes	707	92,54%
Desabamento de casas e edifícios	606	79,32%
Aumento da criminalidade	462	60,47%
Falta de água potável	657	85,99%
Interrupção de serviços	358	46,86%
Impacto psicológico e emocional na população	528	69,11%
Danos às infraestruturas	651	85,21%
Aumento de doenças	234	30,63%

Fonte: Elaborada pela autora.

As enchentes provocaram severos danos às moradias das comunidades afetadas. Antes do desastre, a maioria dos respondentes residia em imóveis próprios (69,37%), enquanto 20,68% ocupavam moradias alugadas e uma pequena parcela vivia em habitações emprestadas ou financiadas. Após o evento, 54,71% relataram danos severos em suas residências, incluindo inundações totais e comprometimento estrutural, enquanto 39,53% enfrentaram danos moderados, como inundações parciais e avarias no telhado. Apenas 0,92% das moradias não sofreram danos. Esses dados, apresentados na Tabela 7, destacam a magnitude dos prejuízos sofridos pelas famílias afetadas.

Tabela 7 - Tipo de moradia antes das enchentes e danos físicos às moradias após às enchentes.

Tipo de moradia	Número de respostas	Percentual
Própria	530	69,37
Alugada	158	20,68
Emprestada	27	3,53
Financiada	46	6,02
Morador de abrigo	3	0,39
Total	764	100,00
Danos físicos às moradias	Número de respostas	Percentual
Nenhum dano	7	0,92
Danos leves (rachaduras, telhas quebradas)	37	4,84
Danos moderados (inundação parcial, danos ao telhado)	302	39,53
Danos severos (inundação total, estrutura comprometida)	418	54,71
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto às despesas com alojamento temporário (Tabela 8), 86,26% dos respondentes afirmaram não ter tido tais gastos. Esse resultado pode estar diretamente ligado ao suporte oferecido por abrigos públicos, Centros de Habilitação e Assistência (CHAs) e outras iniciativas governamentais e da sociedade civil. Diante da magnitude do desastre, houve uma ampla mobilização para acolher as famílias desalojadas, garantindo moradia temporária sem custos diretos para grande parte da população atingida.

O perfil da amostra contribui para essa realidade, uma vez que a pesquisa foi realizada em abrigos temporários e nos bairros mais atingidos. Políticas de apoio emergencial também foram implementadas para atender os desabrigados, como o aluguel social e o financiamento extraordinário do Serviço de Proteção em Situação de Emergência e Estado de Calamidade Pública para Alojamentos Provisórios, conhecido como Auxílio Abrigamento. No entanto, alguns cidadãos tiveram que arcar com despesas de moradia temporária até que esses auxílios fossem efetivamente disponibilizados.

É essencial considerar que, embora essas medidas tenham sido fundamentais no curto prazo, a ausência de gastos com alojamento temporário não significa que as famílias não tenham enfrentado outros desafios financeiros. A perda de bens, os custos com a reconstrução das moradias e as dificuldades para retomar a estabilidade econômica são aspectos que continuam impactando a vida dos atingidos.

Tabela 8 - Despesas com alojamento temporário devido às enchentes.

Despesas com alojamento temporário	Número de respostas	Percentual
Não	659	86,26
Sim, por menos de uma semana	16	2,09
Sim, por 1 a 4 semanas	24	3,14
Sim, por mais de 4 semanas	65	8,51
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise das despesas relacionadas à moradia (Tabela 9) revela que os impactos das enchentes resultaram em gastos expressivos para a recuperação habitacional das famílias afetadas. Os itens mais recorrentes foram limpeza (64,53%), aquisição de mobiliário (64,01%) e pintura (59,29%), evidenciando que os domicílios sofreram danos internos moderados, demandando ações imediatas de restauração.

Um percentual significativo dos entrevistados relatou despesas com eletricidade (54,71%), indicando a necessidade de reparos na infraestrutura elétrica, possivelmente devido a curtos-circuitos e avarias causadas pela inundação. Esses dados corroboram com a indicação de que a interrupção no fornecimento de energia elétrica foi um dos principais impactos da enchente. Danos estruturais mais severos, como reparos no telhado (31,28%), reparos estruturais (31,15%) e encanamento (30,63%), também foram reportados, apontando para prejuízos que comprometeram a funcionalidade das residências.

Tabela 9 - Despesas com moradia devido às enchentes.

Despesas com moradia	Número de respostas	Percentual
Limpeza	493	64,53
Pintura	453	59,29
Mobiliário	489	64,01
Reparos estruturais	238	31,15
Eletricidade	418	54,71
Encanamento	234	30,63
Desinfestação	228	29,84
Reparo no telhado	239	31,28
Substituição de pisos	134	17,54
Drenagem de água	203	26,57
Reforço das fundações	38	4,97

Fonte: Elaborada pela autora.

Além dos danos materiais, as enchentes também causaram perdas humanas e impactos significativos na saúde mental das famílias atingidas. A maioria dos

respondentes (97,38%) relatou que não houve perda de vidas humanas em seus núcleos familiares; embora 2,62% enfrentaram essa trágica consequência. No que diz respeito aos efeitos psicológicos, 78,27% dos entrevistados indicaram que eles próprios ou algum membro de suas famílias sofreram com estresse ou ansiedade devido às enchentes. Dentre esses, 51,7% enfrentaram estresse moderado, 20,16% relataram estresse leve, e 6,41% apontaram níveis severos de estresse. Esses dados, apresentados na Tabela 10, evidenciam não apenas a devastação material causada pelas enchentes, mas também os impactos emocionais e psicológicos que afetam as comunidades atingidas, ressaltando a necessidade de suporte psicossocial no processo de recuperação.

Tabela 10 - Perda de vidas humanas na família e estados psicológicos de estresse ou ansiedade enfrentados devido às enchentes.

Perda de vidas humanas	Total de respostas	Percentual
Não	744	97,38
Sim	20	2,62
Total	764	100,00
Estresse ou ansiedade	Total de respostas	Percentual
Não	166	21,73
Sim, levemente	154	20,16
Sim, moderadamente	395	51,7
Sim, severamente	49	6,41
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

As enchentes também tiveram repercussões significativas sobre a estabilidade financeira das famílias afetadas. Cerca de 32,72% dos respondentes afirmaram ter sofrido alguma perda de renda em decorrência do desastre, sendo que 15,31% relataram perdas severas, equivalentes a mais de quatro semanas de trabalho. As dificuldades financeiras também se refletiram no gerenciamento de dívidas. Nos últimos três meses, 45,16% dos entrevistados conseguiram pagar algumas dívidas, enquanto 14,53% não conseguiram quitá-las de forma alguma. Em contraste, apenas 9,82% dos indivíduos indicaram ter conseguido manter seus compromissos financeiros de maneira confortável (Tabela 11). Esses dados evidenciam não apenas a fragilidade econômica gerada pela tragédia, mas também os desafios contínuos enfrentados pelas famílias para reconstruir suas condições de vida e restabelecer sua segurança financeira.

Tabela 11 - Perda de renda nas famílias e gerenciamento de dívidas devido às enchentes.

Perda de renda	Número de respostas	Percentual
Não	514	67,28
Sim, perda leve de renda (menos de 1 semana de trabalho)	79	10,34
Sim, perda moderada de renda (1 a 4 semanas de trabalho)	54	7,07
Sim, perda severa de renda (mais de 4 semanas de trabalho)	117	15,31
Total	764	100,00
Gerenciamento de dívidas	Número de respostas	Percentual
Não tenho dívidas	227	29,71
Não consegui pagar as dívidas	111	14,53
Consegui pagar algumas dívidas	345	45,16
Paguei as dívidas confortavelmente	75	9,82
Paguei as dívidas muito confortavelmente ou não tenho dívidas	6	0,79
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados também revelam importantes aspectos sobre a vulnerabilidade financeira das famílias antes das enchentes. Antes do desastre, 56,15% dos respondentes não tinham reservas financeiras, e 40,44% já haviam começado a utilizar suas economias. Quando questionados sobre a capacidade de obter R\$4.000,00 em caso de emergência, 80,63% afirmaram ser incapazes ou incertos de conseguir esse valor. Além disso, 70,81% dos respondentes relataram dificuldades em cobrir as despesas essenciais, o que reflete a vulnerabilidade financeira das famílias antes e após o desastre (Tabela 12).

Esses dados mostram que os choques inesperados evidenciam fragilidades como a ausência de reservas de emergência. Esse é um dos fatores que limita a capacidade de adaptação financeira, especialmente entre pessoas de baixa renda e menor nível de escolaridade, tornando-as mais vulneráveis aos impactos econômicos da crise (Goyal *et al.*, 2021).

Tabela 12 - Nível de economias antes das enchentes, capacidade de obter R\$4.000,00 em caso de emergência e capacidade de cobrir as despesas com o sustento.

Reserva financeira	Número de respostas	Percentual
Não tinha reserva financeira antes das enchentes	429	56,15
Tinha alguma reserva e ainda não precisei usar	26	3,4
Tinha uma reserva, mas já estou usando	216	28,27
Tinha uma reserva, mas já usei toda	93	12,17
Total	764	100,00

(continua)

(Continuação)		
Capacidade de obter R\$4.000,00	Número de respostas	Percentual
Incapaz de obter	313	40,97
Incerto ser capaz de obter	303	39,66
Capaz de obter por meio de crédito convencional, amigos ou familiares	68	8,9
Capaz de obter com economias próprias	80	10,47
Total	764	100,00

Despesas com o sustento	Número de respostas	Percentual
Grande dificuldade em cobrir as despesas para me sustentar	81	10,6
Alguma dificuldade em cobrir as despesas para me sustentar	460	60,21
Fácil de cobrir as despesas para me sustentar	208	27,23
Muito fácil de cobrir as despesas para me sustentar	15	1,96
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

As enchentes evidenciaram a complexidade e a diversidade no apoio recebido pelas comunidades atingidas, revelando diferentes fontes de solidariedade e auxílio. Em termos de suporte social, 74,35% dos respondentes relataram ter recebido ajuda de familiares, destacando a importância do vínculo familiar em momentos de crise. Além disso, 46,99% mencionaram ter recebido assistência direta do governo, refletindo a atuação das políticas públicas em resposta à emergência.

O apoio de vizinhos foi relatado por 40,31% dos afetados e 17,41% contaram com o apoio formal da comunidade (Tabela 13). Esse apoio é especialmente significativo em países em desenvolvimento, onde as interações formais e informais dentro da comunidade desempenham um papel ainda mais relevante devido à limitação de recursos e serviços financeiros (Okten; Osili, 2004).

Tabela 13 - Apoio social recebido devido às enchentes.

Apoio social	Número de respostas	Percentual
Não recebi apoio de ninguém	61	7,98
Governo	359	46,99
Familiares	568	74,35
Comunidade	133	17,41
Vizinhos	308	40,31

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à participação em programas sociais, 17,02% dos entrevistados eram beneficiários do Bolsa Família, um programa essencial para garantir a segurança alimentar de muitas famílias em situação de vulnerabilidade. Além disso, alguns

respondentes recebiam o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e o Auxílio Brasil. No entanto, a maioria dos participantes (79,19%) não estava inscrita em nenhum programa social do governo, o que pode indicar barreiras no acesso a essas redes de proteção social, um desconhecimento sobre os benefícios disponíveis, ou ainda a ausência de enquadramento para o recebimento desses benefícios.

Esse dado também sugere que a tragédia afetou, em grande parte, pessoas que antes não dependiam desses auxílios, mas que, diante do desastre, passaram a enfrentar novas vulnerabilidades. Isso reforça a necessidade de estratégias mais ágeis e inclusivas para garantir suporte imediato a quem se encontra em situação de emergência.

Em relação aos auxílios financeiros específicos para as enchentes, o Auxílio Reconstrução foi o mais frequentemente mencionado, com 27,59% dos respondentes relatando já tê-lo recebido. Outros benefícios, no entanto, apresentaram um alcance mais restrito. É importante observar que uma parcela significativa dos respondentes ainda estava na fase de solicitação do Auxílio Reconstrução no momento da pesquisa, o que sugere que o número de beneficiários pode aumentar significativamente à medida que o processo de aprovação e liberação dos auxílios avança.

Quando questionados sobre suas perspectivas financeiras a curto e médio prazo, os respondentes demonstraram uma grande insegurança em relação ao futuro. À luz da capacidade dos indivíduos de absorver choques e adaptar-se às adversidades, a elevada parcela de respondentes que prevê um agravamento de sua situação financeira nos próximos 60 dias (44,37%) indica um cenário de vulnerabilidade e baixa resiliência financeira no curto prazo. Por outro lado, 32,85% que esperam manter sua situação igual ao que tinham antes das enchentes, refletem um grupo que, embora tenha sido afetado, demonstra certo grau de otimismo, possivelmente devido à existência de estratégias de adaptação financeira ou acesso a suporte social (familiares, comunitárias ou institucionais). No contexto da resiliência financeira, esses resultados reforçam a necessidade de políticas que ofereçam não apenas suporte emergencial, mas que fortaleçam a capacidade de adaptação e recuperação financeira dos indivíduos (Tabela 14). A incerteza aumentou ao projetar o cenário para seis meses, pois 29,58% dos respondentes admitem não saber o que esperar de sua situação financeira.

Tabela 14 - Situação financeira daqui 60 dias e daqui 6 meses.

Situação financeira daqui 60 dias	Número de respostas	Percentual
Melhor do que eu tinha antes das enchentes	44	5,76
Igual ao que eu tinha antes das enchentes	251	32,85
Pior a que eu tinha antes das enchentes	339	44,37
Muito pior do que eu tinha antes das enchentes	16	2,09
Não sei	114	14,92
Total	764	100,00
Situação financeira daqui 6 meses	Número de respostas	Percentual
Melhor do que eu tinha antes das enchentes	88	11,52
Igual ao que eu tinha antes das enchentes	213	27,88
Pior a que eu tinha antes das enchentes	227	29,71
Muito pior do que eu tinha antes das enchentes	10	1,31
Não sei	226	29,58
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

As enchentes representaram um choque econômico significativo para os indivíduos afetados, alterando profundamente sua situação financeira. Os dados revelam que 59,42% dos entrevistados afirmaram que sua condição financeira piorou após o evento, evidenciando a vulnerabilidade econômica diante de desastres naturais. Um percentual expressivo (37,83%) indicou que não houve alteração, e apenas 2,75% consideraram que sua situação melhorou. Além disso, 41,1% acreditam que levarão cinco meses ou mais para retomar o equilíbrio financeiro que tinham antes do desastre, enquanto 19,63% acreditam que não conseguirão recuperar-se totalmente. (Tabela 15). Esses dados refletem a persistente insegurança e as dificuldades financeiras enfrentadas pelas vítimas das enchentes, que, apesar de algum apoio, ainda encaram desafios consideráveis para se recuperar plenamente.

A baixa expectativa de recuperação em curto prazo também merece destaque: apenas 0,26% afirmaram que levariam um mês para retomar o equilíbrio financeiro, e 0,52% estimaram um período de dois meses. Esse resultado reforça a gravidade do impacto financeiro das enchentes, apontando para a necessidade de políticas públicas e estratégias de assistência que promovam maior suporte à reconstrução e recuperação econômica.

Ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar que os resultados sugerem que grande parte da população afetada possui capacidade limitada para absorver choques e se recuperar rapidamente. A proporção de indivíduos que não prevê uma recuperação completa pode estar associada à baixa confiança financeira. Indivíduos que possuem

maior confiança financeira tendem tomar decisões estratégicas para mitigar os impactos econômicos dessas crises (Fontes; Azzi, 2012), buscar informações sobre auxílios governamentais, acessar produtos financeiros emergenciais, renegociar dívidas ou reestruturar seus gastos para manter estabilidade financeira durante o período de recuperação do desastre (Dawood; Shili, 2023).

Tabela 15 - Alteração na situação financeira devido às enchentes e tempo para retomar o equilíbrio financeiro que tinha antes das enchentes.

Alteração na situação financeira	Números de respostas	Percentual
Piorou	454	59,42
Não se alterou	289	37,83
Melhorou	21	2,75
Total	764	100,00

Tempo para retomar o equilíbrio financeiro	Número de respostas	Percentual
Minha situação financeira não se alterou ou melhorou	248	32,46
Levarei 1 mês	2	0,26
Levarei 2 meses	4	0,52
Levarei 3 meses	21	2,75
Levarei 4 meses	25	3,27
Levarei 5 meses ou mais	314	41,1
Acredito que não conseguirei retornar à situação financeira antes das enchentes	150	19,63
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

Essa percepção de insegurança financeira, aliada aos desafios impostos pelas enchentes, se reflete nas características da amostra de respondentes (Tabela 15). A amostra final foi composta por 764 participantes, com uma predominância do gênero feminino (54,06%), e casados (37,7%), cujas idades variam de 18 a 82 anos, com uma média de 43 anos. A maioria dos respondentes (71,7%) é composta por pais, com uma média de 2 filhos por família, o que reforça o contexto de famílias que enfrentam não só os efeitos das enchentes, mas também a pressão adicional de manter o sustento familiar. Em termos raciais, 70,29% se identificam como brancos, e não foram registradas populações indígenas entre os afetados, o que pode estar relacionado à inexistência de aldeias indígenas nas áreas mais atingidas.

Tabela 16 - Gênero, Estado civil e Raça.

Gênero	Número de respostas	Percentual
Masculino	349	45,68
Feminino	413	54,06
Outros	2	0,26
Total	764	100,00
Estado Civil	Número de respostas	Percentual
Solteiro(a)	223	29,19
Casado(a)	288	37,7
Separado(a) ou Divorciado(a)	131	17,15
Em união estável	122	15,97
Total	764	100,00
Raça	Número de respostas	Percentual
Amarela	3	0,39
Branca	537	70,29
Parda	96	12,57
Preta	127	16,62
Sem declaração	1	0,13
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

O cenário econômico também revela que a maioria dos respondentes (84,82%) possui uma renda bruta familiar até três salários mínimos, o que pode agravar as dificuldades financeiras no processo de recuperação. Verificou-se que 54,3% dos participantes possuem emprego formal, o que corrobora a ausência de benefícios como o BPC ou o Auxílio Brasil, programas destinados às famílias em situação de extrema pobreza, que são aquelas que possuem renda familiar por pessoa de até R\$ 105,00. Em termos de educação formal, 38,74% têm o Ensino médio completo, elementos que ajudam a entender o perfil socioeconômico dos atingidos pelo desastre (Tabela 16).

Tabela 17 - Renda bruta familiar, Ocupação e Escolaridade.

Renda bruta familiar	Número de respostas	Percentual
Até R\$1,412,00	326	42,67
De R\$1,413,00 a R\$4,236,00	322	42,15
De R\$4,237,00 a R\$7,060,00	100	13,09
De R\$7,061,00 a R\$21,180,00	16	2,09
Total	764	100,00

(continua)

Tabela 17 – Renda bruta familiar, Ocupação e Escolaridade.

(continuação)

Ocupação	Número de respostas	Percentual
Trabalhador formal	415	54,32
Trabalhador informal	153	20,03
Não trabalho	68	8,9
Apenas estudante	6	0,79
Aposentado	122	15,97
Total	764	100,00

Escolaridade	Número de respostas	Percentual
Não concluí o Ensino Fundamental	87	11,39
Ensino Fundamental completo	66	8,64
Não concluí o Ensino Médio	80	10,47
Ensino Médio completo	296	38,74
Não concluí o Ensino Superior	49	6,41
Ensino Superior completo	143	18,72
Não concluí Pós-graduação	13	1,7
Pós-graduação completa	30	3,93
Total	764	100,00

Fonte: Elaborada pela autora.

#### 4.2 Construção da escala de resiliência financeira

A construção das dimensões e itens da ERESF foi realizada em três etapas metodológicas complementares. A primeira etapa consistiu em uma ampla revisão da literatura, com o objetivo de identificar as principais definições, dimensões e itens presentes em escalas existentes sobre o tema. Essa revisão serviu como base teórica para a formulação inicial dos itens da escala.

Na segunda etapa, foi realizado um grupo focal com oito participantes, buscando compreender suas percepções sobre resiliência financeira. Foram utilizadas perguntas abertas para estimular a interação e explorar opiniões, experiências e sentimentos relacionados ao tema. Durante a discussão, os participantes refletiram sobre o significado de resiliência financeira, relataram como lidam com situações financeiras difíceis e descreveram o suporte social e financeiro que buscam em momentos de estresse econômico. As contribuições obtidas nessa etapa foram fundamentais para a definição das dimensões da escala. O Quadro 3 apresenta um resumo das dimensões propostas e das principais percepções expressas pelos participantes do grupo focal.

Quadro 3 - Percepção do grupo focal sobre Resiliência financeira.

Resiliência financeira	"Buscar maneiras criativas de alterar minha situação financeira."
	"Mudar o estilo de vida frente a situações financeiras difíceis."
	"Ter força emocional para superar dificuldades financeiras."
	"Permanecer firme diante das dificuldades financeiras."
Adaptação financeira	"Se adaptar às perdas financeiras."
	"Lidar com qualquer dificuldade financeira que aconteça."
	"Ter confiança para superar novos problemas financeiros, com base no passado."
	"Ter força ao lidar com o estresse financeiro."
	"Não desanimar facilmente pelo fracasso financeiro."
Apoio Social financeiro	"Ter ajuda da família."
	"Poder falar dos meus problemas com minha família."

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos resultados do grupo focal e na literatura sobre resiliência financeira, foram elaborados os itens correspondentes a cada dimensão, visando operacionalizar a escala e submetê-la à validação por especialistas. Esse processo contou com a participação de seis profissionais da área, sendo três com experiência na construção de escalas e três especialistas no tema da pesquisa (Devellis; Thorpe, 2021).

Na validação, os especialistas avaliaram cada item segundo três critérios: pertinência (1 — Deve ser removido, 2 — Deve ser mantido após reformulação, 3 — Deve ser mantido como está), relevância (1 — Pouco relevante, 2 — Relevante, 3 — Muito relevante) e clareza da linguagem (1 — Linguagem não adequada, 2 — Linguagem adequada). Todos os itens da ERESF foram desenvolvidos utilizando uma escala *Likert* de cinco pontos (1 — Discordo totalmente, 2 — Discordo, 3 — Não concordo nem discordo, 4 — Concordo, 5 — Concordo totalmente). Os especialistas analisaram um total de 25 questões e sugeriram ajustes pontuais para aprimorar a redação e a clareza dos enunciados.

Entre as sugestões, destacou-se a recomendação de especificar termos subjetivos, como na questão que utilizava a palavra "rapidamente". Um dos especialistas sugeriu indicar, entre parênteses, qual intervalo temporal seria considerado como "rápido", para reduzir ambiguidades na interpretação. Além disso, foi sugerida a exclusão da questão "Eu me recupero rapidamente dos contratemplos financeiros que acontecem na minha vida", por ser considerada repetitiva em relação a outras já incluídas no instrumento preliminar. Essas observações foram acolhidas e incorporadas na versão ajustada da escala. Ressalta-se que o construto Apoio social financeiro não seguiu as etapas de

validação por especialistas e análise de conteúdo por se tratar de questões já validadas na literatura.

A análise da validade de conteúdo foi realizada com base na avaliação de juízes com experiência no tema resiliência, assegurando que os itens selecionados fossem coerentes com os objetivos da pesquisa. Os resultados dessa análise encontram-se sistematizados na Tabela 18, demonstrando a concordância entre os avaliadores quanto à pertinência dos itens que compõem o instrumento.

Tabela 18 - Coeficiente de Validade de Conteúdo.

Dimensão	Item Avaliado	Coeficiente de Validade de Conteúdo		
		Relevância	Pertinência	Clareza
Resiliência financeira	4	0,93	0,94	0,94
	5	0,93	0,94	0,94
	6	0,93	1,00	1,00
	7	0,89	0,89	0,94
	8	0,93	1,00	1,00
	9	0,90	0,89	0,94
	10	0,89	1,00	1,00
	11	0,88	0,89	0,93
	12	0,93	1,00	1,00
Adaptação financeira	13	0,93	1,00	1,00
	14	0,93	1,00	1,00
	15	0,93	0,94	0,94
	16	0,89	1,00	1,00
	17	0,90	0,94	0,94
	18	0,89	0,89	0,94
	19	0,90	0,89	0,93
	20	0,93	1,00	1,00
	21	0,90	0,89	0,94
	22	0,93	1,00	1,00
	23	0,93	1,00	1,00
	24	0,93	0,93	0,94
	25	0,86	0,89	0,94
	27	0,93	1,00	1,00
	28	0,88	0,86	0,94

Fonte: Elaborada pela autora.

O coeficiente médio de validade de conteúdo para relevância foi de 0,909, com valores dos itens variando entre 0,88 e 0,93. Quanto à pertinência, o CVC médio foi de 0,949, com valores dos itens na faixa entre 0,86 e 1,00. Quanto à clareza, o valor médio do CVC foi de 0,969, com valores dos itens variando de 0,93 a 1,00. Esses resultados fornecem evidências consistentes de validade de conteúdo da escala proposta.

A terceira etapa do estudo correspondeu à realização do pré-teste, conduzido na cidade de Nova Palma/RS. Embora não fizesse parte da amostra principal, o município também foi impactado pelo mesmo evento no período analisado. A escolha desse local permitiu a inclusão de indivíduos cujas vivências eram pertinentes ao objeto de estudo.

O pré-teste foi aplicado a 16 participantes selecionados por conveniência, em consonância com a recomendação metodológica proposta por Boateng *et al.*, (2018). Os participantes avaliaram as questões do instrumento e responderam integralmente ao questionário. Não foram identificados erros, e as questões foram consideradas claras. Além disso, não houve sugestões para a inclusão de novos itens. As contribuições registradas restringiram-se a correções de espaçamentos e aprimoramento da pontuação.

Após a conclusão das etapas para a construção da ERESF, revisão da literatura, grupo focal, validação por especialistas e pré-teste, o instrumento final foi elaborado, consolidando os itens validados e refinados ao longo do processo. O instrumento definitivo, apresentado no Quadro 4, representa a versão final do instrumento para aplicação na etapa principal da pesquisa.

Quadro 4 - Instrumento de pesquisa aplicado à amostra principal.

(continua)

Construtos	Itens	Questões
<b>Resiliência financeira</b>	Q4	Eu me recupero rapidamente (cerca de 3 meses) após situações financeiras difíceis.
	Q5	Eu me recupero facilmente quando acontece uma situação financeira difícil.
	Q6	Normalmente tenho poucos problemas para superar dificuldades financeiras.
	Q7	Tenho força emocional para superar dificuldades financeiras.
	Q8	Eu me recupero emocionalmente rápido (cerca de 3 meses) das dificuldades financeiras.
	Q9	Eu permaneço firme diante das dificuldades financeiras.
<b>Adaptação financeira</b>	Q10	Eu busco fontes alternativas de renda para adequar minha situação financeira.
	Q11	Eu procuro ativamente maneiras de recompor as perdas financeiras que encontro na vida.
	Q12	Eu mudo meu estilo de vida frente a situações financeiras difíceis.
	Q13	Sou capaz de me adaptar às perdas financeiras.
	Q14	Não perco a esperança quando minhas dificuldades financeiras estão elevadas.
	Q15	Eu não desanimo facilmente pelo fracasso financeiro.
	Q16	Sou persistente frente às dificuldades financeiras.
	Q17	Acredito que posso controlar minha reação emocional a situações financeiras difíceis.
	Q18	Acredito que posso crescer pessoalmente lidando com situações financeiras difíceis.
	Q19	Sou capaz de lidar com qualquer dificuldade financeira que aconteça.
	Q20	Minhas experiências passadas me dão confiança para superar novos problemas financeiros.
	Q21	Sei para onde recorrer em busca de ajuda financeira.
Q22	Me considero uma pessoa forte financeiramente.	

	Q23	Tenho facilidade em passar por situações financeiras estressantes.
	Q24	Eu me fortaleço pessoalmente ao lidar com o estresse financeiro.
	Q25	Estou pronto para contratempos financeiros inesperados.
<b>Apoio social financeiro</b>	Q26	Sinto-me apoiado(a) financeiramente pelos meus amigos.
	Q27	Há uma pessoa especial que se encontra próximo quando necessito.
	Q28	Há uma pessoa especial com quem posso compartilhar as minhas alegrias e tristezas.
	Q29	A minha família tenta ajudar-me verdadeiramente.
	Q30	Tenho a ajuda emocional e o apoio que necessito da minha família.
	Q31	Tenho uma pessoa que é verdadeiramente uma fonte de conforto para mim.
<b>Apoio social financeiro</b>	Q32	Os meus amigos realmente procuram ajudar-me.
	Q33	Posso contar com os meus amigos quando algo corre mal.
	Q34	Posso falar dos meus problemas com a minha família.
	Q35	Tenho amigos com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas.
	Q36	Há uma pessoa especial na minha vida que se preocupa com os meus sentimentos.
	Q37	A minha família está disponível para me ajudar a tomar decisões.
	Q38	Posso falar dos meus problemas com os meus amigos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo em vista que a dimensão Apoio social financeiro foi utilizada uma escala previamente validada pela literatura, optou-se por incluir, adicionalmente, o item “Sinto-me apoiado (a) financeiramente pelos meus amigos”, em função das contribuições emergentes dos participantes do grupo focal, que destacaram a importância do apoio financeiro de amigos em situações de dificuldade.

Com o instrumento final da ERESF consolidado, o próximo passo consistiu na aplicação do instrumento à amostra principal, permitindo avaliar a resiliência financeira dos participantes. A seguir, serão descritos os procedimentos exploratórios utilizados para a análise dos dados e a validação das dimensões da escala.

#### 4.2.1 Procedimentos exploratórios

Na fase exploratória, utilizou-se uma primeira amostra composta por 300 respondentes, sendo a análise fatorial conduzida separadamente para cada dimensão. Com base na definição teórica e estrutural do modelo, procedeu-se à avaliação da qualidade dos dados para a realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE). Na dimensão Resiliência financeira, a adequação dos dados foi verificada por meio do teste de esfericidade de Bartlett, que apresentou valor estatisticamente significativo para o construto (sig. < 0,001), indicando que a matriz de correlações não é identidade e que os dados possuem correlações suficientes para a aplicação da análise fatorial. Complementarmente, a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) revelou um valor de 0,638 para Resiliência Financeira, demonstrando que os dados são

fatoráveis e apresentam boa adequação para a análise fatorial. A Tabela 19 apresenta os resultados obtidos para essa etapa da AFE.

Tabela 19 - Carga fatorial, variância explicada, análise paralela, índice H, Alfa de Cronbach e ômega de McDonald para a ERESF.

Dimensão	Itens	Carga do fator	Variância explicada (%)	Análise Paralela (percentual estimado 95%)	Índice H	Alfa e Ômega
Resiliência Financeira	Item 4	0,861	68,21	42,864	0,907	$\alpha = 0,894$
	Item 5	0,785				$\omega = 0,905$
	Item 6	0,741				
	Item 7	0,749				
	Item 8	0,822				
	Item 9	0,636				

Fonte: Elaborada pela autora.

Após a implementação ótima da análise paralela, constatou-se que a escala de resiliência financeira apresenta uma estrutura unidimensional, conforme sugerido pelo modelo teórico. O índice H, utilizado para avaliar a confiabilidade dos fatores, apresentou valor elevado (acima de 0,800), reforçando a robustez do construto e indicando sua potencial replicabilidade em pesquisas futuras. A variância explicada foi de 68,21%, um percentual superior ao estimado pela análise paralela, o que indica a adequação do modelo fatorial. A consistência interna da dimensão foi confirmada pelos coeficientes alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) e ômega de McDonald ( $\omega$ ), ambos superiores a 0,700, o que indica alta confiabilidade das medidas.

#### 4.2.2 Procedimentos confirmatórios

Diante da adequação da dimensão na fase exploratória, procedeu-se à Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com o objetivo de avaliar a qualidade do ajuste do modelo proposto. Para essa etapa, utilizou-se a segunda amostra, composta por 464 respondentes. Como o modelo inicial não apresentou um ajuste satisfatório, foi adotada uma estratégia de melhoria do modelo, baseada principalmente na remoção de variáveis com cargas fatoriais baixas, a fim de melhorar a adequação do modelo aos dados. A Tabela 20 apresenta os índices de ajuste referentes aos modelos inicial e final da medida de resiliência financeira.

Tabela 20 - Índices de ajuste para a ERESF.

Índices	Limite	Escala RESF	
		M.I.	M.F.
x <sup>2</sup> (value)	---	406,056	4,148
x <sup>2</sup> (probability)	>0,05	0,000	0,126
x <sup>2</sup> /degrees of freedom	< 5	45,117	2,074
GFI - Goodness of Fit	> 0,95	0,754	0,996
CFI - Comparative Fit Index	> 0,95	0,725	0,998
NFI - Normed Fit Index	> 0,95	0,722	0,995
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,95	0,542	0,993
RMSR - Root Mean Square Residual	< 0,08	0,179	0,008
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,06	0,309	0,048
Confiabilidade Composta	> 0,7	0,833	0,851
Variância Média Extraída (AVE)	> 0,5	0,472	0,598

Fonte: Elaborada pela autora.

Para o construto Resiliência financeira, o modelo inicial, que incluía todas as variáveis da escala original, mostrou-se impreciso. A razão Qui-quadrado/graus de liberdade ultrapassou o limite recomendado e alguns índices de ajuste (GFI, CFI, NFI e TLI) ficaram abaixo dos valores sugeridos, indicando que os modelos necessitavam de um processo de melhoria. Os valores obtidos para o RMSEA e o RMSR indicaram um ajuste inadequado, reforçando a importância de ajustes adicionais para aprimorar a representatividade do modelo em relação aos dados observados.

Para aprimorar a adequação dos modelos, adotou-se uma estratégia de refinamento baseada na exclusão dos itens cujas cargas fatoriais foram inferiores a 0,7. Com base nesse critério, as questões Q7 e Q9 foram removidas. Além da melhoria no ajuste global, verificou-se que a confiabilidade composta do construto permaneceu acima de 0,7, enquanto a variância média extraída (AVE) superou o valor de 0,5, assegurando, respectivamente, a consistência interna e a validade convergente das escalas. Dessa forma, as questões remanescentes após o processo confirmatório apresentam evidências satisfatórias de validade e confiabilidade para a mensuração dos construtos analisados.

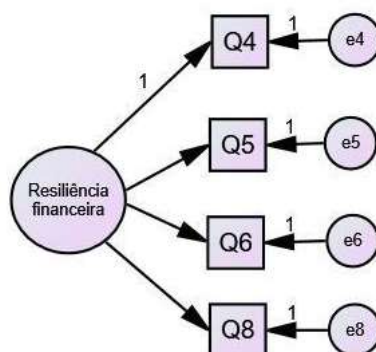
Após essa etapa, o modelo final da dimensão Resiliência financeira atendeu aos critérios de ajuste absoluto, indicando validade convergente. Os resíduos padronizados permaneceram abaixo de 2,58 (Hair *et al.*, 2014), o que também confirma a unidimensionalidade do construto.

A razão qui-quadrado/graus de liberdade apresentou-se dentro dos limites recomendados, assim como os índices GFI, CFI, NFI e TLI, que demonstraram ajustes adequados do modelo. Observa-se que os valores de CFI e TLI foram acima de 0,95 e os valores do índice de ajuste residual RMSEA foi inferior a 0,06. Os valores da

confiabilidade composta e do alfa de Cronbach confirmaram a consistência interna do construto avaliado.

A Figura 8 ilustra o modelo final que compõe a ERESF, com os coeficientes padronizados e os níveis de significância das relações estimadas.

Figura 8 - Modelo final da ERESF.



Fonte: Elaborada pela autora.

Das seis questões inicialmente propostas, quatro permaneceram na escala (Quadro 5). Esses itens estão associados à capacidade do indivíduo de se recuperar diante de adversidades financeiras, abrangendo tanto aspectos relacionados ao tempo estimado de recuperação quanto à dimensão emocional envolvida nesse processo. As questões refletem a forma como os respondentes percebem sua própria habilidade para enfrentar dificuldades financeiras, revelando uma tendência à auto percepção de resiliência diante de eventos adversos.

Quadro 5- Questões que permaneceram na escala.

Itens	Questões
Q4	Eu me recupero rapidamente (cerca de 3 meses) após situações financeiras difíceis.
Q5	Eu me recupero facilmente quando acontece uma situação financeira difícil.
Q6	Normalmente tenho poucos problemas para superar dificuldades financeiras.
Q8	Eu me recupero emocionalmente rápido (cerca de 3 meses) das dificuldades financeiras.

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.2.3 Metodologia de aplicação

Para facilitar a aplicação da escala desenvolvida foi estabelecida a metodologia de aplicação baseada nas etapas descritas a seguir.

Passo 1: Inicialmente, com as respostas obtidas no questionário ERESF, as questões foram codificadas conforme o Quadro 6. Por exemplo, na questão 1, se o respondente marcou a opção "Discordo totalmente", a pontuação para essa questão será

numerada como 1. Essa codificação foi realizada para todas as questões do questionário, atribuindo os valores de acordo com a opção selecionada pelo respondente.

Quadro 6 - Codificação das questões da ERESF.

Construto	Acrônimo	Questões	Códigos
Resiliência financeira	RF	4, 5 ,6 e 8	Discordo totalmente = 1; Discordo = 2; Não concordo nem discordo = 3; Concordo = 4; Concordo totalmente = 5.

Fonte: Elaborado pela autora.

Passo 2: Após a codificação das respostas, utiliza-se a equação para calcular a resiliência financeira. A equação é a seguinte:

$$ERESF = 0,281 * Q4 + 0,299 * Q5 + 0,257 * Q6 + 0,163 * Q8$$

Onde Q representa as questões do questionário. Essa equação considera os valores das respostas às questões Q4, Q5, Q6 e Q8, com coeficientes ponderados que indicam a influência de cada questão no cálculo final da resiliência financeira.

Passo 3: A ERESF é calculada pela multiplicação dos coeficientes atribuídos às questões e as respostas codificadas dos participantes. Esse procedimento gera um valor numérico que representa a percepção individual da resiliência financeira, considerando os fatores avaliados nas questões selecionadas. O resultado obtido pela soma ponderada dessas questões define a posição do respondente dentro da classificação de resiliência financeira.

Passo 4: A partir dos valores obtidos da etapa anterior, é possível classificar o nível de resiliência financeira dos indivíduos. A classificação segue os critérios estabelecidos na Tabela 21, na qual os valores calculados indicam diferentes níveis de resiliência, categorizados como "Muito baixa", "Baixa", "Alta" ou "Muito alta". Essa classificação permite identificar o grau de resiliência financeira dos indivíduos diante de situações adversas, como desastres climáticos.

Tabela 21 - Classificação do nível de Resiliência financeira dos cidadãos.

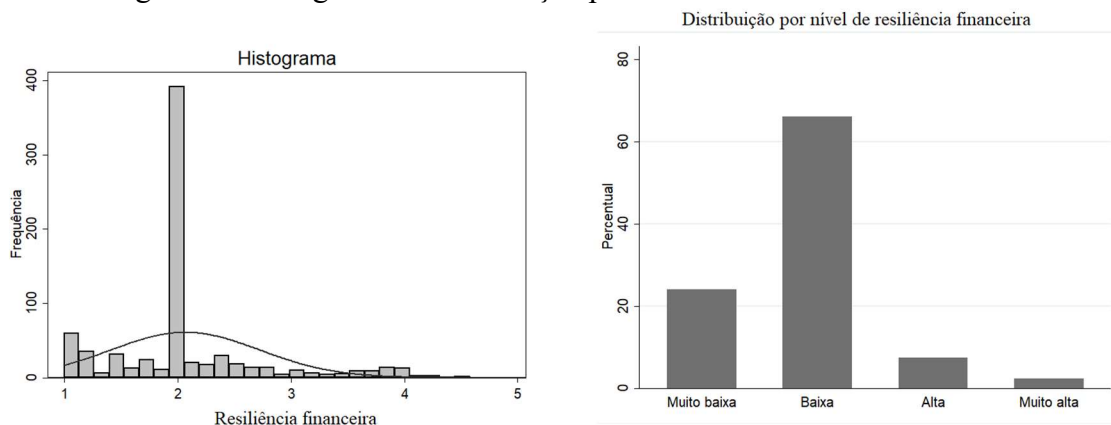
Nível de Percepção	Valores	Interpretação
Muito baixa	1,00 a 1,99	Os entrevistados selecionaram para a maior parte dos itens discordo totalmente ou discordo, indicando uma percepção muito baixa de RESF.
Baixa	2,00 a 2,99	Os entrevistados selecionaram para a maior parte dos itens discordo ou não concordo nem discordo, indicando uma percepção baixa de RESF.
Alta	3,00 a 3,99	Os entrevistados selecionaram para a maior parte dos itens não concordo nem discordo ou concordo, indicando uma percepção alta de RESF.
Muito alta	>3,99	Os entrevistados selecionaram para a maior parte dos itens concordo ou concordo totalmente, indicando uma percepção muito alta de RESF.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os itens da escala foram desenvolvidos e apresentados neste estudo com a premissa de aplicação auto administrada, permitindo que os participantes respondam de forma independente, sem a necessidade de um intermediário. Essa abordagem facilita a coleta de dados, garantindo a autonomia do participante e a confiabilidade das respostas.

Com base nas respostas obtidas por meio da aplicação da escala, foi possível calcular a variável resiliência financeira, que apresentou média de 2,06 e desvio padrão de 0,66. Esses valores indicam baixa dispersão dos dados em torno da média e sugere que as percepções dos participantes são relativamente homogêneas. O histograma (Figura 9) confirma essa concentração, evidenciando a predominância de respostas próximas ao valor médio.

Figura 9 - Histograma e Distribuição por nível de resiliência financeira.



Fonte: Elaborada pela autora.

Entre os itens que compõem a medida, o que apresentou maior média foi: “Eu me recupero emocionalmente rápido (cerca de 3 meses) das dificuldades financeiras” (Q8 = 2,30). Em contraste, os itens com as menores médias foram: “Normalmente tenho poucos problemas para superar dificuldades financeiras” (Q6 = 2,06), “Eu me recupero rapidamente (cerca de 3 meses) após situações financeiras difíceis” (Q4 = 2,02) e “Eu me recupero facilmente quando acontece uma situação financeira difícil” (Q5 = 1,97). Esses resultados indicam que, embora os respondentes percebam alguma capacidade emocional de recuperação, ainda enfrentam desafios práticos no enfrentamento e superação de situações financeiras adversas.

Ao observar a distribuição por níveis de resiliência financeira, verifica-se uma predominância significativa nos estratos mais baixos. A maioria dos indivíduos enquadrar-se na categoria resiliência financeira baixa (66,10%) ou muito baixa (24,08%), totalizando 90,18% da amostra. Os dados apresentados na Figura 9 mostram uma condição de vulnerabilidade generalizada diante de adversidades financeiras. Apenas

7,46% dos participantes demonstraram resiliência financeira alta, e um grupo ainda mais reduzido (2,36%) foi classificado com resiliência muito alta.

A distribuição assimétrica dos dados revela que, embora alguns indivíduos apresentem maior capacidade de recuperação, eles constituem uma fração reduzida da população estudada. Esse resultado é coerente com o perfil da amostra, composta por indivíduos que estavam há vários meses em situação de abrigo, o que indica uma condição prolongada de vulnerabilidade e dificuldades financeiras severas. Nesse sentido, a escala demonstrou sensibilidade para captar essa realidade, evidenciando níveis mais baixos de resiliência financeira entre os participantes. Tais achados reforçam a necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam o fortalecimento da resiliência financeira, com atenção especial aos grupos em maior situação de fragilidade social e econômica.

### **4.3 Validação dos Antecedentes da resiliência financeira: Adaptação financeira e Apoio social financeiro**

Devido à falta de evidências de validade das dimensões adaptação financeira e apoio social financeiro no contexto específico de enchentes em países subdesenvolvidos, optou-se por realizar testes de validação exploratórios e confirmatórios também para os antecedentes. Para isso, utilizou-se a mesma amostra aplicada na análise da resiliência financeira, sendo 300 respondentes na Análise Fatorial Exploratória (AFE) e 464 na Análise Fatorial Confirmatória (AFC).

#### **4.3.1 Procedimentos exploratórios de validação**

A medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) revelou índices elevados para ambos os construtos: Adaptação financeira (KMO = 0,915) e Apoio social financeiro (KMO = 0,887). Esses valores indicam que os dados são fatoráveis e apresentam boa adequação para a realização da AFE das respectivas dimensões. A Tabela 22 apresenta os resultados da Análise Fatorial Exploratória (AFE) para os antecedentes da resiliência financeira: Adaptação financeira e Apoio social financeiro.

Tabela 22 - Cargas fatoriais, variância explicada, análise paralela, índice H, Alfa de Cronbach e ômega de McDonald para a as dimensões Adaptação financeira e Apoio social financeiro.

Dimensão	Itens	Carga do fator	Variância explicada (%)	Análise Paralela (percentual estimado 95%)	Índice H	Alfa e Ômega
Adaptação Financeira	Item 10	0,526	56,703	14,2955	0,96	$\alpha = 0,9439$ $\omega = 0,9513$
	Item 11	0,663				
	Item 12	0,606				
	Item 13	0,711				
	Item 14	0,836				
	Item 15	0,870				
	Item 16	0,864				
	Item 17	0,869				
	Item 18	0,896				
	Item 19	0,764				
	Item 20	0,876				
	Item 21	0,628				
	Item 22	0,454				
	Item 23	0,643				
	Item 24	0,819				
Item 25	0,431					
Apoio social financeiro	Item 27	0,626	61,57	19,318	0,958	$\alpha = 0,940$ $\omega = 0,940$
	Item 28	0,783				
	Item 29	0,862				
	Item 30	0,811				
	Item 31	0,930				
	Item 32	0,597				
	Item 33	0,680				
	Item 34	0,835				
	Item 35	0,797				
	Item 36	0,709				
	Item 37	0,849				
	Item 38	0,585				

Fonte: Elaborada pela autora.

Após a implementação ótima da análise paralela, verificou-se que a escala é composta por duas dimensões que antecedem a resiliência financeira, em conformidade com o modelo teórico. Os índices H, utilizados para avaliar a confiabilidade dos fatores, apresentaram valores elevados, todos acima de 0,800, o que reforça a robustez dos construtos e a possibilidade de replicação dos fatores em pesquisas futuras.

A variância explicada foi de 56,70% para o construto Adaptação financeira e 51,57% para Apoio social financeiro, percentuais superiores aos estimados pela análise

paralela, o que reforça a adequação do modelo fatorial. A consistência interna das dimensões foi confirmada pelos coeficientes alfa de Cronbach e ômega de McDonald, ambos superiores a 0,700, indicando elevada confiabilidade das medidas.

#### 4.3.2 Procedimentos confirmatórios de validação

A análise dos índices de ajuste para os modelos de Adaptação financeira e Apoio social financeiro revelou melhorias significativas após o processo de refinamento, conforme apresentado na Tabela 23.

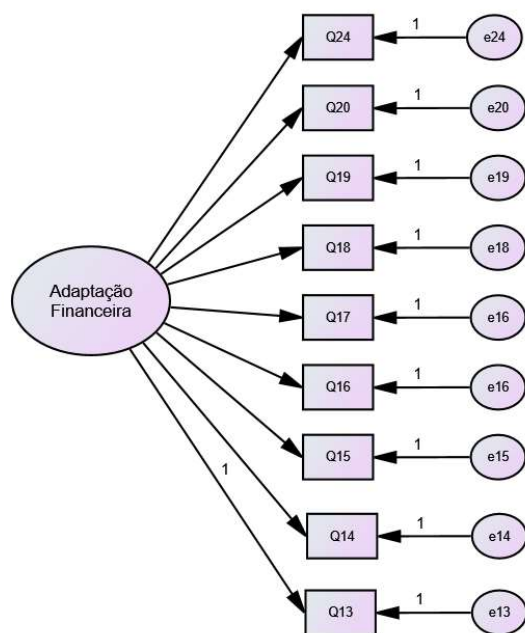
Tabela 23 - Índices de ajuste para os antecedentes Adaptação financeira e apoio social financeiro.

Índices	Limite	Adaptação financeira		Apoio Social Financeiro	
		M.I.	M.F.	M.I.	M.F.
$\chi^2$ (value)	---	1438,66	29,55	2172,06	17,08
$\chi^2$ (probability)	>0,05	0,00	0,02	0,00	0,01
$\chi^2$ /degrees of freedom	< 5	13,83	1,85	33,42	2,85
GFI - Goodness of Fit	> 0,95	0,70	0,99	0,54	0,99
CFI - Comparative Fit Index	> 0,95	0,77	1,00	0,63	1,00
NFI - Normed Fit Index	> 0,95	0,76	0,99	0,63	1,00
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,95	0,74	0,99	0,56	0,99
RMSR - Root Mean Square Residual	< 0,08	0,09	0,02	0,14	0,01
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,06	0,17	0,04	0,27	0,06
Confiabilidade Composta	> 0,7	0,92	0,95	0,93	0,93
Variância Média Extraída (AVE)	> 0,5	0,47	0,68	0,58	0,63

Fonte: Elaborada pela autora.

No modelo inicial da dimensão Adaptação financeira, os índices não atingiram os parâmetros recomendados, mostrando inadequação do modelo. A razão qui-quadrado/graus de liberdade, o RMSEA e o RMSR apresentaram valores fora do ideal, e os índices de ajuste também ficaram aquém do esperado (GFI = 0,70; CFI = 0,77; NFI = 0,76; TLI = 0,74). Após a exclusão dos itens com cargas fatoriais menores que 0,5 (Q10, Q11, Q12, Q21, Q22, Q23 e Q25), o modelo final apresentou melhorias substanciais. Os indicadores de ajuste passaram a atender aos critérios desejados, com razão qui-quadrado/graus de liberdade, RMSEA e RMSR adequados, e os índices GFI, CFI, NFI e TLI superando 0,99, o que indica um excelente ajuste do modelo. A confiabilidade composta manteve-se elevada (0,95) e a variância média extraída (AVE = 0,68) confirmou a validade convergente da dimensão. A Figura 10 ilustra o modelo final do antecedente Adaptação financeira, após a exclusão dos itens com cargas fatoriais insatisfatórias.

Figura 10 - Modelo final do antecedente Adaptação financeira.



Fonte: Elaborada pela autora.

O construto contempla nove itens (Q13 a Q20 e Q24). Esse resultado corrobora os índices de ajuste obtidos, que demonstraram um excelente desempenho do modelo, tanto em termos de confiabilidade quanto de validade convergente.

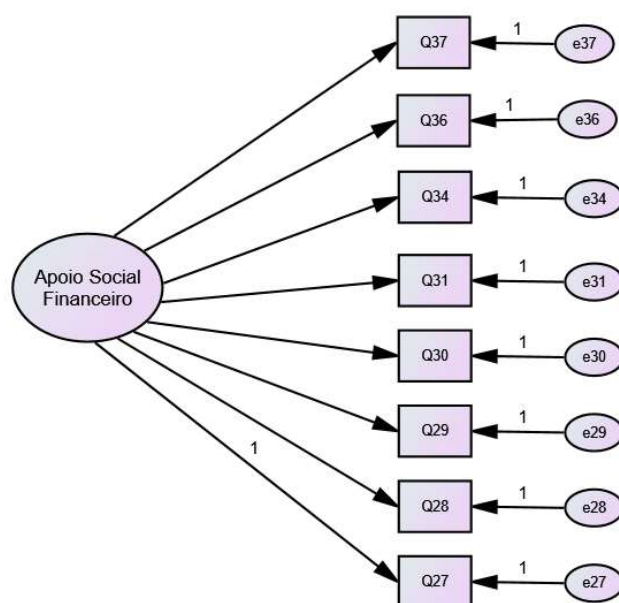
O conjunto composto por nove questões reflete aspectos emocionais, comportamentais e cognitivos relacionados à capacidade dos indivíduos de enfrentarem adversidades financeiras. Essas questões exploram como as pessoas percebem sua habilidade de se adaptar a perdas econômicas, manter a esperança, lidar com o fracasso, persistir diante de dificuldades e controlar as emoções em situações de pressão financeira. Além disso, abordam o potencial de crescimento pessoal diante de desafios, a autoconfiança derivada de experiências anteriores e o fortalecimento perante o estresse. Esses elementos são essenciais para capturar a complexidade da adaptação financeira, que vai além da simples reorganização de gastos, incorporando também as dimensões subjetivas de como o indivíduo interpreta, reage e se posiciona frente às instabilidades financeiras.

De forma semelhante ao construto anterior, o modelo inicial da dimensão Apoio social financeiro apresentou resultados insatisfatórios. A razão qui-quadrado/graus de liberdade, o RMSEA e o RMSR estavam fora dos parâmetros recomendados, e os índices de ajuste GFI (0,54), CFI (0,63), NFI (0,63) e TLI (0,56) indicaram inadequação do modelo, sinalizando a necessidade de ajustes. Diante desses resultados, foram excluídas

as questões Q32, Q33, Q35 e Q38, por apresentarem cargas fatoriais insatisfatórias. Após as modificações, o modelo final atingiu excelente qualidade de ajuste, com razão qui-quadrado/graus de liberdade de 2,85, RMSEA de 0,06 e RMSR de 0,01. Os demais índices ultrapassaram o limite de 0,99, confirmando a adequação do modelo. A confiabilidade composta (0,93) e a AVE (0,63) também sustentam a consistência interna e a validade convergente da escala de Apoio Social Financeiro.

A Figura 11 apresenta o modelo final do antecedente Apoio social financeiro, com os itens que permaneceram na análise fatorial confirmatória, evidenciando sua estrutura bem ajustada.

Figura 11 - Modelo final do antecedente Apoio social financeiro.



Fonte: Elaborada pela autora.

O construto Apoio social financeiro ficou composto por oito itens, os quais demonstraram cargas fatoriais satisfatórias e significativa contribuição para a explicação do construto. A estrutura resultante reflete de forma consistente a percepção dos respondentes sobre o apoio financeiro recebido de pessoas próximas em situações de dificuldade.

Esse conjunto captura aspectos afetivos e funcionais do apoio social, como a presença reconfortante, a ajuda na tomada de decisões e a demonstração de preocupação genuína com o bem-estar emocional. Tais elementos são fundamentais para a construção da segurança psicológica e da confiança necessárias diante de adversidades financeiras, pois fornece sustentação emocional e prática que favorece a estabilidade quanto a capacidade de recuperação. Dessa forma, o suporte social financeiro não apenas mitiga

os efeitos do estresse financeiro, mas também fortalece a adaptação e o enfrentamento dos cidadãos em situações economicamente desafiadoras. Esses resultados indicam que a dimensão apresenta propriedades psicométricas adequadas, sendo uma medida válida e confiável para avaliar o apoio social no contexto da resiliência financeira.

#### 4.4 Modelo integrado

A estrutura final da ERESF é composta pela dimensão central da resiliência financeira e por seus dois antecedentes: adaptação financeira e apoio social financeiro (Tabela 24).

Tabela 24 - Índices de ajuste para a ERESF.

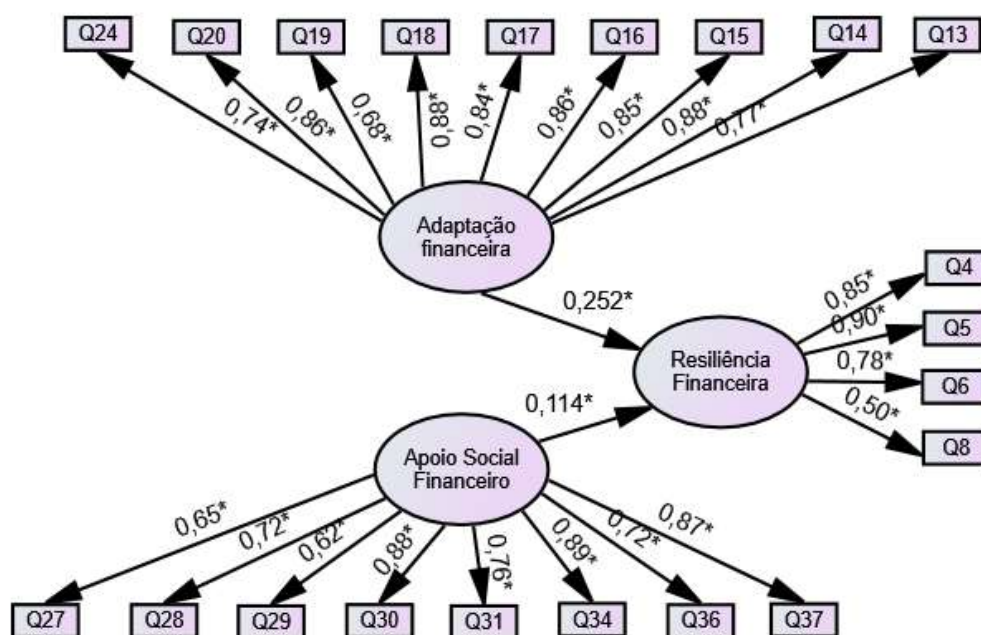
Índices	Limite	ERESF	
		M.I.	M.F.
x2 (value)	---	491,659	493,121
x2 (probability)	>0,05	0,000	0,000
x2/degrees of freedom	< 5	3,054	3,044
GFI - Goodness of Fit	> 0,95	0,911	0,911
CFI - Comparative Fit Index	> 0,95	0,964	0,964
NFI - Normed Fit Index	> 0,95	0,947	0,947
TLI - Tucker-Lewis Index	> 0,95	0,953	0,953
RMSR - Root Mean Square Residual	< 0,08	0,054	0,059
RMSEA - R. M. S Error of Approximation	< 0,06	0,067	0,066

Fonte: Elaborada pela autora.

O modelo final da Escala de Resiliência Financeira apresentou evidências sólidas de qualidade de ajuste e validade psicométrica. A razão qui-quadrado/graus de liberdade foi de 3,04, dentro dos parâmetros recomendados para modelos bem ajustados. Os índices CFI (0,964) e TLI (0,953) indicam excelente ajuste comparativo, reforçando a adequação do modelo à estrutura teórica proposta. O RMSR (0,059) e a confiabilidade composta (0,831) demonstram a consistência interna das respostas, enquanto a variância média extraída (AVE = 0,598) confirma a validade convergente da escala.

Esses resultados atestam a solidez do modelo e a capacidade de mensurar, de forma confiável, os fatores que influenciam a resiliência financeira entre os respondentes. A Figura 12 apresenta o modelo integrado da ERESF, composta pela dimensão principal: resiliência financeira e seus antecedentes: adaptação financeira e apoio social financeiro.

Figura 12 - Modelo integrado da ERESF.



Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados apresentados na Figura 12 indicam que o construto resiliência financeira, juntamente com seus antecedentes adaptação financeira e apoio social financeiro, contribuem de forma positiva e significativa para a formação da escala. As dimensões e seus antecedentes apresentam coeficientes superiores a 0,7, indicando um alto impacto e demonstrando-se relevantes para medir a resiliência financeira dos cidadãos em desastres climáticos. Os índices de ajuste obtidos estão dentro dos limites recomendados (Tabela 24), confirmando que o modelo atende aos critérios de validade propostos. Esses resultados indicam que a ERESF é uma escala adequada para avaliar a resiliência financeira diante de desastres climáticos.

A ilustração evidencia as relações entre os fatores latentes e os itens observáveis que compõem cada uma dessas dimensões, bem como os caminhos de influência entre os antecedentes e a variável central da resiliência financeira. O modelo demonstra a integração das variáveis e a estrutura teórica proposta, confirmada por meio da análise fatorial confirmatória. A disposição dos elementos e suas respectivas cargas indicam a coerência interna da escala e sua capacidade de mensurar, de forma abrangente, os aspectos que contribuem para a resiliência financeira dos cidadãos em desastres climáticos.

Dos 35 itens inicialmente propostos, 21 permaneceram na escala, evidenciando o processo de refinamento do instrumento e a retenção dos itens mais representativos para

a mensuração dos construtos envolvidos. Esse refinamento destaca a importância de selecionar os itens que melhor refletem os conceitos centrais da resiliência financeira, garantindo que a ERESF seja um instrumento preciso e eficaz.

A Figura 11 apresenta o modelo integrado da ERESF, mostrando as relações entre o construto central resiliência financeira e seus dois antecedentes: adaptação financeira e apoio social financeiro. No modelo, observa-se que tanto a adaptação financeira quanto o apoio social financeiro exercem influência positiva e significativa sobre a resiliência financeira, com coeficientes de 0,25 e 0,11, respectivamente. Esses resultados indicam que a capacidade individual de se ajustar a mudanças financeiras e a existência de uma rede de apoio social para lidar com adversidades econômicas são fatores essenciais para o fortalecimento da resiliência financeira dos cidadãos.

A adaptação financeira, enquanto antecedente, apresenta cargas fatoriais elevadas em seus indicadores observáveis, refletindo sua robustez interna e a importância da capacidade de reorganizar comportamentos e estratégias diante de cenários financeiros adversos. A elevada magnitude de suas cargas sugere que indivíduos que conseguem adaptar-se financeiramente estão mais preparados para resistir e se recuperar frente a eventos de impacto econômico, como os desastres climáticos.

O apoio social financeiro, por sua vez, também demonstra forte relação com seus indicadores, reforçando a ideia de que o suporte proveniente de redes sociais desempenha um papel relevante no enfrentamento de dificuldades financeiras. Embora o coeficiente de influência sobre a resiliência financeira seja menor que o da adaptação financeira, ele ainda é significativo, indicando que o apoio social atua como um elemento complementar e fortalecedor da capacidade de resiliência.

Adicionalmente, as cargas fatoriais associadas ao construto resiliência financeira revelam sua consistência interna e a validade da estrutura proposta. Os caminhos representados no modelo mostram a integração teórica entre as dimensões, consolidando a ERESF como um instrumento capaz de captar, de forma simples e precisa, os principais fatores que sustentam a resiliência financeira dos indivíduos em situações de adversidade. Assim, o modelo integrado não apenas confirma a relevância dos antecedentes adaptação financeira e apoio social financeiro, mas também evidencia a complexidade e a interdependência dos fatores que constituem a resiliência financeira, justificando sua inclusão e papel no fortalecimento da capacidade de enfrentamento dos cidadãos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resiliência financeira tem sido reconhecida como um conceito promissor para novas aplicações teóricas e práticas (Liu; Chen, 2025) em diversas áreas, como finanças do consumidor, estudos sobre resiliência, finanças familiares, bem-estar financeiro e promoção da saúde (Liu; Chen, 2023; Xiao; Kumar, 2023). Além disso, sua relevância se destaca para a compreensão das dinâmicas econômicas enfrentadas por indivíduos em situações de vulnerabilidade, especialmente diante de choques externos, como desastres climáticos (Scalingi, 2012).

A partir desta perspectiva, este estudo propôs a criação e validação de uma escala para avaliar a resiliência financeira dos cidadãos, sendo, até onde se tem conhecimento, a primeira iniciativa desse tipo aplicada ao contexto brasileiro e a uma situação real de desastre climático. A partir de uma revisão sistemática da literatura, foram identificados os principais construtos associados ao tema, destacaram-se a adaptação financeira e o apoio social financeiro como antecedentes relevantes da resiliência financeira dos cidadãos.

A escala desenvolvida apresentou excelentes indicadores psicométricos, com Alfa de Cronbach de 0,894 e Ômega de McDonald de 0,905, além de variância explicada de 68,21%, o que evidencia sua consistência interna e potencial de aplicação em diferentes contextos. Os cidadãos foram classificados em diferentes níveis de resiliência financeira: “Muito baixa”, “Baixa”, “Alta” ou “Muito alta”. Essa categorização permitiu a compreensão do grau de resiliência financeira, contribuindo para diagnósticos mais precisos e intervenções mais direcionadas.

Os achados evidenciam que a resiliência financeira não se restringe a indicadores tradicionais de segurança, como posse de imóvel ou recebimento de apoio, mas sim à combinação de estabilidade econômica e autonomia na capacidade de se recuperar. Isso reforça a noção apresentada por Salignac *et al.*, (2019), de que a resiliência financeira é um conceito de natureza multidimensional. Além de recursos financeiros imediatos, elementos como planejamento, rede de apoio social, acesso a serviços e capacidade de adaptação diante de situações adversas mostraram-se fundamentais para a superação dos impactos das enchentes. Dessa forma, a compreensão da resiliência financeira deve considerar não apenas fatores objetivos, como renda ou bens materiais, mas também aspectos subjetivos e contextuais, como a percepção de controle, o preparo para emergências e a habilidade de tomar decisões informadas em momentos de crise.

Alicerçado nesse entendimento e considerando os resultados deste trabalho, é possível confirmar a hipótese 1, de que níveis mais elevados de adaptação financeira promovem maior resiliência financeira dos cidadãos. Indivíduos mais adaptáveis lidam melhor com os impactos financeiros em situações adversas, o que está em consonância com a literatura. Pessoas flexíveis ajustam seu padrão de vida, seja reduzindo despesas ou buscando novas fontes de renda (Araújo, 2024). Da mesma forma, estratégias adaptativas contribuem para mitigar o estresse financeiro (Dawood; Shili, 2023). A capacidade de manter o equilíbrio diante das dificuldades envolve não apenas reações imediatas, mas também a busca ativa por soluções sustentáveis (Luthar; Cicchetti; Becker, 2000). Esses achados reforçam a importância da adaptação financeira como um antecedente da resiliência financeira.

Os resultados também confirmam a hipótese 2, ao apontarem que níveis mais elevados de apoio social financeiro contribuem para maior resiliência financeira dos cidadãos. A presença de redes de apoio, sejam familiares, comunitárias ou institucionais, favorece a superação de adversidades econômicas. Em momentos críticos, o papel dos vínculos sociais é determinante (Demirguc-Kunt *et al.*, 2015; Seccombe, 2002). Esse apoio vai além do aspecto emocional, incluindo orientação, motivação e auxílio financeiro direto (Angsten Clark *et al.*, 2024). O suporte comunitário e governamental é especialmente relevante para grupos mais vulneráveis (Jayasinghe; Selvanathan; Selvanathan, 2020; Orthner; Jones-Sanpei; Williamson, 2004). Ademais, redes sociais fortalecem tanto a inclusão quanto a resiliência financeira (Kulshreshtha *et al.*, 2023). Assim, essas evidências consolidam o papel do apoio social financeiro como antecedente para enfrentar choques econômicos e preservar a estabilidade.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa sistematiza e adapta elementos de diferentes abordagens existentes sobre resiliência financeira, em especial as formulações de Salignac *et al.*, (2019), que enfatizam a importância da capacidade de acessar e utilizar recursos internos e externos durante adversidades. Ao adotar uma visão ampliada e multidimensional do conceito, o estudo articula dimensões relacionadas a aspectos objetivos, subjetivos e comportamentais, o que dialoga com estudos prévios como os de Liu; Chen (2023) e de Sakyi-Nyarko; Ahmad; Green (2022), que defendem a complexidade do fenômeno e a necessidade de abordagens integrativas.

Do ponto de vista prático, os resultados obtidos com a aplicação da escala demonstraram sua pertinência ao identificar diferentes níveis de resiliência entre os

respondentes impactados pelas enchentes no estado do Rio Grande do Sul. A constatação de que fatores como acesso a poupança, apoio comunitário e atitudes de enfrentamento influenciam significativamente a resiliência financeira corrobora a literatura existente (Tahir; Shahid; Richards, 2022; Essel-Gaisey *et al.*, 2023), ao mesmo tempo que fornece elementos empíricos específicos da realidade brasileira, ainda pouco explorada nesse campo.

No ponto de vista social, esta pesquisa destaca que diferentes formas de apoio contribuem significativamente para o fortalecimento da resiliência financeira após desastres climáticos. A atuação de organizações não governamentais, associações comunitárias, grupos voluntários e outras redes de apoio social, devidamente preparadas para atuar em situações de emergência, constitui um fator decisivo. No caso analisado, observou-se uma ampla mobilização social em prol das pessoas atingidas, o que reforça a importância dessas iniciativas como uma resposta ao evento climático.

A experiência demonstra que, diante da intensificação dos eventos climáticos extremos, torna-se cada vez mais urgente que tais instituições estejam organizadas e capacitadas para prestar apoio eficaz em contextos de crise. Para isso, é essencial o estabelecimento de planos de ação voltados para situações de risco, preferencialmente articulados com parcerias entre os setores público e privado.

Entretanto, o apoio ideal não se restringe ao período emergencial. A recuperação financeira das populações afetadas exige, muitas vezes, suporte contínuo, incluindo auxílio na recolocação profissional, na reorganização da vida financeira e no desenvolvimento de um novo planejamento de longo prazo. Nesse sentido, ações de educação financeira voltadas aos atingidos são fundamentais para promover uma reestruturação financeira sustentável e alcançar o bem-estar financeiro ao longo do tempo.

A principal limitação da pesquisa reside na amostragem por conveniência, restrita a indivíduos afetados por um desastre climático específico. Tal delimitação, embora relevante para o objetivo do estudo, restringe a generalização dos resultados para outras populações e contextos. Além disso, a coleta de dados foi realizada em um único momento após o evento, o que não permite observar a evolução da resiliência financeira ao longo do tempo.

Diante disso, sugere-se que futuras pesquisas realizem estudos longitudinais, incluindo diferentes tipos de eventos adversos e populações diversas, de modo a testar a robustez da escala desenvolvida e a compreender como a resiliência financeira se

manifesta e se transforma em diferentes contextos. Também seria relevante investigar intervenções específicas, como políticas públicas de educação financeira ou redes de apoio comunitário, e seus efeitos sobre a construção e o fortalecimento da resiliência financeira dos indivíduos. Por fim, a proposta metodológica apresentada representa um avanço no campo dos estudos sobre finanças pessoais em contextos de crise, fornecendo uma base empírica e conceitual para compreender, avaliar e, futuramente, promover a resiliência financeira em cenários de crescente instabilidade ambiental e econômica.

## REFERÊNCIAS

ABUSHAMMALA, Sami N.M. The Impact of the COVID-19 Pandemic on Household Financial Well-being. **Global Business and Finance Review**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 67–82, 2022.

ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; COLUCI, Marina Zambon Orpinelli. Content validity in the development and adaptation processes of measurement instruments. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3061, 2011.

ANGSTEN CLARK, Anne *et al.* Beyond individual responsibility - Towards a relational understanding of financial resilience through participatory research and design. **Journal of Social Policy**, [s. l.], p. 1–18, 2024.

ARAÚJO, Luciana. O que é resiliência financeira? *Época Negócios*, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/seu-planejamento-financeiro/coluna/2024/02/o-que-e-resiliencia-financeira.ghtml>. Acesso em: 22 nov. de 2024.

ARAÚJO, Luciana. O que é resiliência financeira? *Planejar*, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://www.planejar.org.br/o-que-e-resiliencia-financeira>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ASÚN, Rodrigo A.; RDZ-NAVARRO, Karina; ALVARADO, Jesús M. Developing Multidimensional Likert Scales Using Item Factor Analysis. **Sociological Methods & Research**, [s. l.], v. 45, n. 1, p. 109–133, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0049124114566716>.

BABIARZ, Patryk; ROBB, Cliff A. Financial Literacy and Emergency Saving. **Journal of Family and Economic Issues**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 40–50, 2014.

BARBERA, Carmela *et al.* Governmental financial resilience under austerity in Austria, England and Italy: How do local governments cope with financial shocks?. **Public Administration**, [s. l.], v. 95, n. 3, p. 670–697, 2017.

BELAYETH HUSSAIN, A. H.M. *et al.* Does financial inclusion increase financial resilience? Evidence from Bangladesh. **Development in Practice**, [s. l.], v. 29, n. 6, p. 798–807, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09614524.2019.1607256>.

BIALOWOLSKI, Piotr; CWYNAR, Andrzej; WEZIAK-BIALOWOLSKA, Dorota. The role of financial literacy for financial resilience in middle-age and older adulthood. **International Journal of Bank Marketing**, [s. l.], v. 40, n. 7, p. 1718–1748, 2022.

BIONDI, Yuri. Accounting and the formation of share market prices over time: a mathematical institutional economic analysis through simulation and experiment. **Applied Economics**, [s. l.], v. 47, n. 34–35, p. 3651–3672, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00036846.2015.1021461>.

BOATENG, Godfred O. *et al.* Best Practices for Developing and Validating Scales for Health, Social, and Behavioral Research: A Primer. **Frontiers in Public Health**, [s. l.], v. 6, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpubh.2018.00149/full>.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLINASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: Discutindo as origens. **Paideia**, [s. l.], v. 21, n. 49, p. 263–271, 2011.

BRASIL, Camila Viana *et al.* Financial Resilience, Financial Ignorance, and their impact on financial well-being during the COVID-19 pandemic: evidence from Brazil. **International Review of Economics**, [s. l.], n. 0123456789, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12232-023-00443-6>.

BRASSETT, James; HOLMES, Christopher. Building resilient finance?: Uncertainty, complexity, and resistance. **British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 370–388, 2016.

BUFE, Sam *et al.* Financial Shocks and Financial Well-Being: What Builds Resiliency in Lower-Income Households?. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 161, n. 1, p. 379–407, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-021-02828-y>.

BUTLER, C. D.; HANIGAN, I. C. Anthropogenic climate change and health in the Global South. **International Journal of Tuberculosis and Lung Disease**, [s. l.], v. 23, n. 12, p. 1243–1252, 2019.

CHAGAS, A.T.R. O questionário na pesquisa científica. [s. l.], v. 1, n. 1, p. 25, 2000. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38538199/questionarios-libre.pdf?1440207654=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO\\_QUESTIONARIO\\_NA\\_PESQUISA\\_CIENTIFICA\\_An.pdf&Expires=1712448121&Signature=IjToVGrLRuRUhSjM9KSECSlgRP6pl7KwYChWNV0uwSZpoPkL](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38538199/questionarios-libre.pdf?1440207654=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_QUESTIONARIO_NA_PESQUISA_CIENTIFICA_An.pdf&Expires=1712448121&Signature=IjToVGrLRuRUhSjM9KSECSlgRP6pl7KwYChWNV0uwSZpoPkL).

CHEN, Xiaohui; HE, Yiqing. The Impact of Financial Resilience and Steady Growth on High-Quality Economic Development—Based on a Heterogeneous Intermediary Effect Analysis. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 14, n. 22, 2022.

CHEN, Xinguang; WANG, Yan; YAN, Yaqiong. The Essential Resilience Scale: Instrument Development and Prediction of Perceived Health and Behaviour. **Stress and Health**, [s. l.], v. 32, n. 5, p. 533–542, 2016.

CHIPUNZA, Kudakwashe Joshua; FANTA, Ashenafi Beyene. Quality financial inclusion and financial vulnerability. **International Journal of Consumer Studies**, [s. l.], v. 47, n. 2, p. 784–800, 2023.

CIULLO, Alessio *et al.* Increasing countries' financial resilience through global catastrophe risk pooling. **Nature Communications**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 1–9, 2023.

COLLIER, Benjamin L. *et al.* Insuring large stakes: A normative and descriptive analysis of households' flood insurance coverage. **Journal of Risk and Insurance**, [s. l.], v. 89, n. 2, p. 273–310, 2022.

CONNOR, Kathryn M.; DAVIDSON, Jonathan R.T. **Development of a new Resilience scale: The Connor-Davidson Resilience scale (CD-RISC)**. [S. l.: s. n.], 2003.

COYLE, Hilary; FERRY, Laurence. Financial resilience! A comparative study of three lower tier authorities in England. **Financial Accountability and Management**, [s. l.], v. 38, n. 4, p. 686–702, 2022.

CRESWELL, John W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Second Edied. [S. l.: s. n.], 2016.

DAWOOD, Tahseen Jumaah; SHILI, Faten Zoghlami. Financial Flexibility ans its impact on achieving financial recovery, study for a sample of Iraqi Commercial Banks. **Revista Iberoamericana de Psicologia del ejercicio y el deporte**, [s. l.], v. 18, n. 1886–8576, p. 409–412, 2023.

DE ALMEIDA, Filipa *et al.* Financial scarcity and cognitive performance: A meta-analysis. **Journal of Economic Psychology**, [s. l.], v. 101, p. 102702, 2024. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0167487024000102>.

DE BENEDICTO, Samuel Carvalho *et al.* Metodologia qualitativa e quantitativa nos estudos em administração e organizações: lições da história da ciência. **Revista de Ciências da Administração**, [s. l.], p. 39–60, 2011.

DEB, Partha; OKTEN, Cagla; OSILI, Una Okonkwo. Giving to family versus giving to the community within and across generations. **Journal of Population Economics**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 963–987, 2010.

DEMERTZIS, Maria; DOMÍNGUEZ-JIMÉNEZ, Marta; LUSARDI, Annamaria.

The financial fragility of European households in the time of COVID-19. **ECONIS - Online Catalogue of the ZBW**, [s. l.], v. 15, n. July, p. 1–16, 2020. Disponível em: <https://www.bruegel.org/wp-content/uploads/2020/07/PC-15-2020-final.pdf>.

DEMIRGUC-KUNT, Asli *et al.* The Global Findex Database 2014: Measuring Financial Inclusion around the World. World Bank Policy Research Working Paper. **Policy Research Working Paper**, [s. l.], v. 7255, n. April, 2015. Disponível em: [http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2015/04/15/090224b082dca3aa/1\\_0/Rendered/PDF/The0Global0Fin0ion0around0the0world.pdf#page=3%5Cnhttp://elibrary.worldbank.org/doi/book/10.1596/1813-9450-7255](http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2015/04/15/090224b082dca3aa/1_0/Rendered/PDF/The0Global0Fin0ion0around0the0world.pdf#page=3%5Cnhttp://elibrary.worldbank.org/doi/book/10.1596/1813-9450-7255).

DEMIRGÜÇ-KUNT, Asli *et al.* The Global Findex Database 2017: Measuring Financial Inclusion and Opportunities to Expand Access to and Use of Financial Services. **World Bank Economic Review**, [s. l.], v. 34, n. 2018, p. S2–S8, 2020.

DEVELLIS, Robert F.; THORPE, Carolyn T. **Scale development: Theory and applications**. Sage publications, 2021.

DUTRA, Vanessa R *et al.* Ajuda emergencial governamental e segurança financeira percebida em COVID-19 : evidências de uma amostra de mulheres vulneráveis no Brasil. **Government aid & perceived financial security**, [s. l.], p. 1059–1082, 2023.

ELSHAMY, Raghda A.; ELADL, Afaf M.; ZAITOUN, Mona F. Climatic changes: knowledge and adaptation behavior to heat-related illness among solid waste disposal workers. **Journal of the Egyptian Public Health Association**, [s. l.], v. 99, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s42506-024-00155-x>.

ESSEL-GAISEY, Felix *et al.* The road to recovery: Financial resilience and mental health in post-apartheid South Africa. **SSM - Population Health**, [s. l.], v. 23, n. June, p. 101455, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2023.101455>.

FERNÁNDEZ-OLIT, Beatriz; PAREDES-GÁZQUEZ, Juan Diego; DE LA CUESTA-GONZÁLEZ, Marta. Are Social and Financial Exclusion Two Sides of the Same Coin? An Analysis of the Financial Integration of Vulnerable People. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 135, n. 1, p. 245–268, 2018.

FERRANDO, Pere J.; LORENZO-SEVA, Urbano. Assessing the Quality and Appropriateness of Factor Solutions and Factor Score Estimates in Exploratory Item Factor Analysis. **Educational and Psychological Measurement**, [s. l.], v. 78, n. 5, p. 762–780, 2018. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0013164417719308>.

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. Stress processes and depressive symptomatology. **Journal of Abnormal Psychology**, [s. l.], v. 95, n. 2, p. 107–113, 1986. Disponível em: <https://doi.apa.org/doi/10.1037/0021-843X.95.2.107>.

FONTES, Arlete Portella; AZZI, Roberta Gurgel. Crenças de autoeficácia e resiliência: apontamentos da literatura sociocognitiva. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 105–114, 2012. Disponível em: <https://login.ezproxy.net.ucf.edu/login?auth=shibb&url=http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssci&AN=edssci.S0103.166X2012000100012&site=eds-live&scope=site>.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. [S. l.: s. n.], 2002.

GOSS, Michael *et al.* Climate change is increasing the likelihood of extreme autumn wildfire conditions across California. **Environmental Research Letters**, [s. l.], v. 15, n. 9, 2020.

GOYAL, Kirti *et al.* Financial distress and COVID-19: evidence from working individuals in India. **Qualitative Research in Financial Markets**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 503–528, 2021.

GREIG, Bruce; NUTHALL, Peter; OLD, Kevin. Resilience and finances on Aotearoa New Zealand farms: Evidence from a random survey on the sources and uses of debt. **New Zealand Geographer**, [s. l.], v. 75, n. 1, p. 21–33, 2019.

HAIR, J. F. *et al.* Multivariate data analysis: Pearson new international edition; essex pearson educ. **Ltd.: Harlow, UK**, v. 1, 2014.

HALL, Crystal C. Promoting Savings for Financial Resilience: Expanding the Psychological Perspective. **Current Directions in Psychological Science**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 49–54, 2021.

HAMID, Fazelina Sahul; LOKE, Yiing Jia; CHIN, Phaik Nie. Determinants of financial resilience: insights from an emerging economy. **Journal of Social and Economic Development**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 479–499, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40847-023-00239-y>.

HAYES, Andrew F.; COUTTS, Jacob J. Use Omega Rather than Cronbach's Alpha for Estimating Reliability. But.... **Communication Methods and Measures**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 1–24, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19312458.2020.1718629>.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. *Climate Change 2023: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. [Core Writing Team, H. Lee e J. Romero (eds.)]. IPCC, Genebra, Suíça, 2023. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

JAYASINGHE, Maneka; SELVANATHAN, Eliyathamby A.; SELVANATHAN, Saroja. The Financial Resilience and Life Satisfaction Nexus of Indigenous Australians\*. **Economic Papers**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 336–352, 2020.

KASS-HANNA, Josephine; LYONS, Angela C.; LIU, Fan. Building financial resilience through financial and digital literacy in South Asia and Sub-Saharan Africa. **Emerging Markets Review**, [s. l.], v. 51, n. PA, p. 100846, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ememar.2021.100846>.

KIJOWSJKI, F *et al.* FINANCIAL RESILIENCE AMONG DOCTORS IN TRAINING AND THE COVID19 PANDEMIC. **IRISH MEDICAL JOURNAL**, [s. l.], 2021.

KIM, Kyoung Tae; CHO, Soo Hyun; XIAO, Jing Jian. Is Ignorance Bliss? Use of Alternative Financial Services, Financial Knowledge, and Financial Anxiety. **Journal of Family and Economic Issues**, [s. l.], v. 44, n. 4, p. 956–967, 2023.

KLINE, Rex B. **Principles and practice of structural equation modeling**. Guilford publications, 2023.

KOCALEVENT, Rüya Daniela *et al.* Resilient coping in the general population: Standardization of the brief resilient coping scale (BRCS). **Health and Quality of Life Outcomes**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 1–8, 2017.

KULSHRESHTHA, Amrita *et al.* Income shock and financial well-being in the COVID-19 pandemic: financial resilience and psychological resilience as mediators. **International Journal of Bank Marketing**, [s. l.], v. 41, n. 5, p. 1037–1058, 2023.

LARSEN, V *et al.* Behavioral consequences of income and expense shocks. **Journal of behavioral and experimental economics**, [s. l.], p. 1–35, 2023.

LIEBENBERG, Linda; UNGAR, Michael; VAN D.V.JVER, Fons. Validation of the Child and Youth Resilience Measure-28 (CYRM-28) Among Canadian Youth. **Research on Social Work Practice**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 219–226, 2012.

LIU, Zewei; CHEN, Ji Kang. Financial Resilience in China: Conceptual Framework, Risk and Protective Factors, and Empirical Evidence. **Journal of Family**

**and Economic Issues**, [s. l.], n. 0123456789, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10834-023-09943-7>.

LIU, Zewei; CHEN, Ji-Kang. Socioeconomic Determinants and Health Outcomes of Financial Resilience Patterns. **Family & Community Health**, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 97–107, 2025. Disponível em: <https://journals.lww.com/10.1097/FCH.0000000000000426>.

LOMAX, Richard G. **A beginner's guide to structural equation modeling**. psychology press, 2004.

LORENZO-SEVA, Urbano; FERRANDO, Pere J. Robust Promin: A method for diagonally weighted factor rotation. **Liberabit: Revista Peruana de Psicología**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 99–106, 2019. Disponível em: <http://ojs3.revistaliberabit.com/index.php/Liberabit/article/view/236>.

LUSARDI, Annamaria; HASLER, Andrea; YAKOBOSKI, Paul J. Building up financial literacy and financial resilience. **Mind and Society**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 181–187, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11299-020-00246-0>.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 5–44, 2014. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/10.1257/jel.52.1.5>.

LUTHAR, Suniya S.; CICCETTI, Dante; BECKER, Bronwyn. The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. **Child Development**, [s. l.], v. 71, n. 3, p. 543–562, 2000. Disponível em: <https://srdc.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.00164>.

MABROUK, Fatma *et al.* Empowering Women through Digital Financial Inclusion: Comparative Study before and after COVID-19. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 15, n. 12, 2023.

MCKNIGHT, A. **Financial Resilience among EU households**. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://www.sipotra.it/wp-content/uploads/2020/01/Financial-Resilience-among-EU-households.pdf>.

MITCHELL, Olivia S.; CLARK, Robert L.; LUSARDI, Annamaria. Income trajectories in later life: Longitudinal evidence from the Health and Retirement Study. **Journal of the Economics of Ageing**, [s. l.], v. 22, n. February, p. 100371, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jeoa.2022.100371>.

MOHAN, Preeya; STROBL, Eric. The impact of tropical storms on tax revenue. **Journal of International Development**, [s. l.], v. 33, n. 3, p. 472–489, 2021.

MOHD DAUD, Siti Nurazira *et al.* Adapting to the gig economy: Determinants of financial resilience among “Giggers”. **Economic Analysis and Policy**, [s. l.], v. 81, n. August 2023, p. 756–771, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eap.2024.01.002>.

MUELLER, Ralph O.; HANCOCK, Gregory R. Structural equation modeling. In: **The reviewer’s guide to quantitative methods in the social sciences**. Routledge, 2018. p. 445-456.

MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR, Eldar. Chapter 16. Decision Making and Policy in Contexts of Poverty. In: **THE BEHAVIORAL FOUNDATIONS OF PUBLIC POLICY**. [S. l.]: Princeton University Press, 2013. p. 281–298. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9781400845347-020/html>.

MUNDI, Hardeep Singh; VASHISHT, Shailja. Cognitive abilities and financial resilience: evidence from an emerging market. **International Journal of Bank Marketing**, [s. l.], v. 41, n. 5, p. 1010–1036, 2023.

NGUYEN, Minh Hoang *et al.* Mindsponge-Based Reasoning of Households’ Financial Resilience during the COVID-19 Crisis. **Journal of Risk and Financial Management**, [s. l.], v. 15, n. 11, 2022.

OKTEN, Cagla; OSILI, Una Okonkwo. Social networks and credit access in Indonesia. **World Development**, [s. l.], v. 32, n. 7, p. 1225–1246, 2004.

**ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT**. G20/OECD-INFE report on supporting financial resilience and transformation through digital financial literacy. Paris: OECD, 2021. Disponível em: <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/G20-OECD-INFE-report-supporting-resilience-through-digital-financial-literacy.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ORTHNER, Dennis K.; JONES-SANPEI, Hinckley; WILLIAMSON, Sabrina. The Resilience and Strengths of Low-Income Families. **Family Relations**, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 159–167, 2004.

OUATTARA, Bazoumana; STROBL, Eric. The fiscal implications of hurricane strikes in the Caribbean. **Ecological Economics**, [s. l.], v. 85, p. 105–115, 2013.

PELLICANO, Elizabeth; HALL, Gabrielle; YING CAI, Ru. Autistic adults’ experiences of financial wellbeing: Part II. **Autism**, [s. l.], 2023.

PLATT, Stephen; BROWN, Daniel; HUGHES, Martin. Measuring resilience and recovery. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, [s. l.], v. 19, n. January,

p. 447–460, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijdr.2016.05.006>.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano. The content validity index: Are you sure you know what's being reported? critique and recommendations. **Research in Nursing & Health**, [s. l.], v. 29, n. 5, p. 489–497, 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/nur.20147>.

POMEROY, Robert *et al.* Financial inclusion to build economic resilience in small-scale fisheries. **Marine Policy**, [s. l.], v. 118, n. September 2019, p. 103982, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2020.103982>.

**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD)**. PNUD no Brasil. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/pnud-no-brasil>. Acesso em: 10 maio 2025.

RAKHIMOVA, Nelya. Aging with financial insecurity: social resilience and adaptation in urban areas of the United States. **Natural Resources Forum**, [s. l.], v. 42, n. 4, p. 227–242, 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. [S. l.: s. n.], 1999.

RUTTER, Michael. Resilience in the Face of Adversity. **British Journal of Psychiatry**, [s. l.], v. 147, n. 6, p. 598–611, 1985. Disponível em: [https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0007125000208775/type/journal\\_article](https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0007125000208775/type/journal_article).

SAKYI-NYARKO, Carlos; AHMAD, Ahmad Hassan; GREEN, Christopher J. The Gender-Differential Effect of Financial Inclusion on Household Financial Resilience. **Journal of Development Studies**, [s. l.], v. 58, n. 4, p. 692–712, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00220388.2021.2013467>.

SALIGNAC, Fanny *et al.* Conceptualizing and Measuring Financial Resilience: A Multidimensional Framework. **Social Indicators Research**, [s. l.], v. 145, n. 1, p. 17–38, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-019-02100-4>.

SALIGNAC, Fanny; HANOTEAU, Julien; RAMIA, Ioana. **Financial Resilience: A Way Forward Towards Economic Development in Developing Countries**. [S. l.]: Springer Netherlands, 2022-. ISSN 15730921.v. 160 Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-021-02793-6>.

SALIGNAC, Fanny; MUIR, Kristy; WONG, Jade. Are you really Financially Excluded if you Choose not to be Included? Insights from Social Exclusion, Resilience

and Ecological Systems. **Journal of Social Policy**, [s. l.], v. 45, n. 2, p. 269–286, 2015.

SCALINGI, Paula L. **Disaster Resilience**. Washington, D.C.: National Academies Press, 2012-. ISSN 00263982.v. 98 Disponível em: <https://www.nap.edu/catalog/13457>.

SECCOMBE, Karen. “Beating the odds” versus “changing the odds”: Poverty, resilience, and family policy. **Journal of Marriage and Family**, [s. l.], v. 64, n. 2, p. 384–394, 2002.

SILINSKAS, Gintautas; AHONEN, Arto K.; WILSKA, Terhi Anna. School and family environments promote adolescents’ financial confidence: Indirect paths to financial literacy skills in Finnish PISA 2018. **Journal of Consumer Affairs**, [s. l.], v. 57, n. 1, p. 593–618, 2023.

SIMONSE, Olaf *et al.* Economic predictors of the subjective experience of financial stress. **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, [s. l.], v. 42, n. December 2022, p. 100933, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2024.100933>.

SMAIL, Dawn *et al.* A mixed-methods study using a nonclinical sample to measure feasibility of ostrich community: A web-based cognitive behavioral therapy program for individuals with debt and associated stress. **JMIR Mental Health**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 1–13, 2017.

SMITH, Bruce W. *et al.* The brief resilience scale: Assessing the ability to bounce back. **International Journal of Behavioral Medicine**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 194–200, 2008.

STEVENSON, Clifford *et al.* Weathering the Economic Storm Together: Family Identification Predicts Future Well-Being During COVID-19 via Enhanced Financial Resilience. **Journal of Family Psychology**, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 337–345, 2022.

SUH, Ellie. Can’t save or won’t save: financial resilience and discretionary retirement saving among British adults in their thirties and forties. **Ageing and Society**, [s. l.], v. 42, n. 12, p. 2940–2967, 2022.

SUN, Lan *et al.* Financial Shocks, Financial Stress and Financial Resilience of Australian Households during COVID-19. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 14, n. 7, p. 1–13, 2022.

SURMINSKI, Swenja; ORAMAS-DORTA, Delioma. Flood insurance schemes and climate adaptation in developing countries. **International Journal of Disaster Risk**

**Reduction**, [s. l.], v. 7, p. 154–164, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijdr.2013.10.005>.

TAHIR, Muhammad S.; SHAHID, Ahmad Usman; RICHARDS, Daniel W. The role of impulsivity and financial satisfaction in a moderated mediation model of consumer financial resilience and life satisfaction. **International Journal of Bank Marketing**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 773–790, 2022.

TEMPLE, Jeromey B.; WILLIAMS, Ruth. Financial well-being of older Australians with multiple health conditions. **Australasian Journal on Ageing**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 127–134, 2018.

TESSELAAR, Max *et al.* Regional inequalities in flood insurance affordability and uptake under climate change. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 12, n. 20, p. 1–30, 2020.

TIMMERMAN, Marieke E.; LORENZO-SEVA, Urbano. Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. **Psychological Methods**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 209–220, 2011. Disponível em: <https://doi.apa.org/doi/10.1037/a0023353>.

TINTA, Abdoulganiour Alame; OUÉDRAOGO, Idrissa Mohamed; AL-HASSAN, Ramatu Mahama. The micro determinants of financial inclusion and financial resilience in Africa. **African Development Review**, [s. l.], n. May, p. 293–306, 2022.

**UNITED NATIONS**. UN International Strategy for Disaster Reduction (UNISDR). Department of Economic and Social Affairs, Sustainable Development. Disponível em: <https://sdgs.un.org/statements/un-international-strategy-disaster-reduction-unisdr-8377>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VAN DER SCHOOR, Yke *et al.* What’s important to me is to get people moving.’ Fostering social resilience in people with severe debt problems. **European Journal of Social Work**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 592–604, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691457.2021.1997930>.

VAN DIJK, Wilco W.; VAN DER WERF, Minou M.B.; VAN DILLEN, Lotte F. The Psychological Inventory of Financial Scarcity (PIFS): A psychometric evaluation. **Journal of Behavioral and Experimental Economics**, [s. l.], v. 101, n. June 2021, p. 101930, 2022.

VENTUS, Daniel; SÖDERBERG, Patrik. Are In-the-Moment Resilience Processes Predicted by Questionnaire-Based Measures of Resilience?. **Assessment**, [s.

*l.*], 2024.

XIAO, Jing Jian; KUMAR, Satish. Guest editorial: Consumer financial resilience. **International Journal of Bank Marketing**, [*s. l.*], v. 41, n. 5, p. 989–991, 2023. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJBM-07-2023-618/full/html>.

YADAV, Priti; SHAIKH, Imlak. Measuring financial resilience with consumer sentiment data from India. **International Journal of Bank Marketing**, [*s. l.*], v. 41, n. 5, p. 1083–1103, 2023.

YAO, Rui; XU, Yilan; ZHANG, Jie. Financial resilience of two-worker households from a health perspective. **Journal of Consumer Affairs**, [*s. l.*], v. 57, n. 3, p. 1258–1280, 2023.

YAO, Rui; ZHANG, Jie. Employment status and financial resilience during the COVID-19 pandemic. **International Journal of Bank Marketing**, [*s. l.*], v. 41, n. 5, p. 992–1009, 2023.

YEO, Jeong Hee; LEE, Yoon G. Understanding the Association Between Perceived Financial Well-Being and Life Satisfaction Among Older Adults: Does Social Capital Play a Role?. **Journal of Family and Economic Issues**, [*s. l.*], v. 40, n. 4, p. 592–608, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10834-019-09634-2>.

ZEKA, Bomikazi; ALHASSAN, Abdul Latif. Gender disparities in financial resilience: insights from South Africa. **International Journal of Bank Marketing**, [*s. l.*], 2023.

ZOKAITYTE, Asta. The UK's Money Advice Service: Edu-Regulating Consumer Decision-Making. **Economic Notes**, [*s. l.*], v. 47, n. 2–3, p. 387–412, 2018.

## APÊNDICE A - INFORMAÇÕES BASE DE DADOS

Nº	Ano	Título	Autores	DOI
1	2014	FLOOD INSURANCE SCHEMES AND CLIMATE ADAPTATION IN DEVELOPING COUNTRIES	SURMINSKI S; ORAMAS-DORTA D	10.1016/j.ijdr.2013.10.005
2	2015	ARE YOU REALLY FINANCIALLY EXCLUDED IF YOU CHOOSE NOT TO BE INCLUDED INSIGHTS FROM SOCIAL EXCLUSION RESILIENCE AND ECOLOGICAL SYSTEMS	SALIGNAC F; MUIR K; WONG J	10.1017/S0047279415000677
3	2015	ACCOUNTING AND THE FORMATION OF SHARE MARKET PRICES OVER TIME A MATHEMATICAL INSTITUTIONAL ECONOMIC ANALYSIS THROUGH SIMULATION AND EXPERIMENT	BIONDI Y	10.1080/00036846.2015.1021461
4	2016	BUILDING RESILIENT FINANCE UNCERTAINTY COMPLEXITY AND RESISTANCE	BRASSETT J; HOLMES C	10.1177/1369148115615028
5	2017	A MIXEDMETHODS STUDY USING A NONCLINICAL SAMPLE TO MEASURE FEASIBILITY OF OSTRICH COMMUNITY A WEBBASED COGNITIVE BEHAVIORAL THERAPY PROGRAM FOR INDIVIDUALS WITH DEBT AND ASSOCIATED STRESS	SMAIL D; ELISON S; DUBROW-MARSHALL L; THOMPSON C	10.2196/mental.6809
6	2017	GOVERNMENTAL FINANCIAL RESILIENCE UNDER AUSTERITY IN AUSTRIA ENGLAND AND ITALY HOW DO LOCAL GOVERNMENTS COPE WITH FINANCIAL SHOCKS	BARBERA C; JONES M; KORAC S; SALITERER I; STECCOLINI I	10.1111/padm.12350
7	2018	FINANCIAL WELLBEING OF OLDER AUSTRALIANS WITH MULTIPLE HEALTH CONDITIONS	TEMPLE J; WILLIAMS R	10.1111/ajag.12497
8	2018	THE UKS MONEY ADVICE SERVICE EDUREGULATING CONSUMER DECISIONMAKING STRUGGLING TO MAKE ENDS MEET USING FINANCIAL DIARIES TO EXAMINE FINANCIAL LITERACY AMONG LOWINCOME CANADIANS	ZOKAITYTE J; FIKKERT A; GONSKE J	10.1111/ecno.12109 10.1080/10875549.2013.804480
9	2019	RESILIENCE AND FINANCES ON AOTEAROA NEW ZEALAND FARMS EVIDENCE FROM A RANDOM SURVEY ON THE SOURCES AND USES OF DEBT	GREIG B; NUTHALL P; OLD K	10.1111/nzg.12207
10	2019	DOES FINANCIAL INCLUSION INCREASE FINANCIAL RESILIENCE EVIDENCE FROM BANGLADESH	BELAYETH H A; ENDUT N; DAS S; CHOWDHURY M; HAQUE N; SULTANA S; AHMED K	10.1080/09614524.2019.1607256
11	2019	CONCEPTUALIZING AND MEASURING FINANCIAL RESILIENCE A MULTIDIMENSIONAL FRAMEWORK	SALIGNAC F; MARJOLIN A; REEVE R; MUIR K	10.1007/s11205-019-02100-4

12	2020	THE GLOBAL FINDEX DATABASE 2017 MEASURING FINANCIAL INCLUSION AND OPPORTUNITIES TO EXPAND ACCESS TO AND USE OF FINANCIAL SERVICES	DEMIRGUC-KUNT A; KLAPPER L; SINGER D; ANSAR S; HESS J	10.1093/wber/lhz013
13	2020	THE FINANCIAL RESILIENCE AND LIFE SATISFACTION NEXUS OF INDIGENOUS AUSTRALIANS	JAYASINGHE M; SELVANATHAN E; SELVANATHAN S	10.1111/1759-3441.12296
14	2020	FINANCIAL INCLUSION TO BUILD ECONOMIC RESILIENCE IN SMALLSCALE FISHERIES	POMEROY R; ARANGO C; LOMBOY C; BOX S	10.1016/j.marpol.2020.103982
15	2020	THE NEOLIBERAL PRODUCTION OF DESERVING AND UNDESERVING POOR A CRITIQUE OF THE AUSTRALIAN EXPERIENCE OF MICROFINANCE	MACKENZIE C; LOUTH J	10.1017/S1474746419000125
16	2020	FAMILY IDENTIFICATION FACILITATES COPING WITH FINANCIAL STRESS A SOCIAL IDENTITY APPROACH TO FAMILY FINANCIAL RESILIENCE	STEVENSON C; COSTA S; WAKEFIELD J; KELLEZI B; STACK R	10.1016/j.joep.2020.102271
17	2020	REGIONAL INEQUALITIES IN FLOOD INSURANCE AFFORDABILITY AND UPTAKE UNDER CLIMATE CHANGE	TESSELAAR M; WOUTER B W; HAER T; HUDSON P; TIGGELOVEN T; AERTS J	10.3390/su12208734
18	2021	FINANCIAL DISTRESS AND COVID19 EVIDENCE FROM WORKING INDIVIDUALS IN INDIA	GOYAL K; KUMAR S; RAO P; COLOMBAGE S; SHARMA A	10.1108/QRFM-08-2020-0159
19	2021	PROMOTING SAVINGS FOR FINANCIAL RESILIENCE EXPANDING THE PSYCHOLOGICAL PERSPECTIVE	HALL C	10.1177/0963721420979603
20	2021	COPING WITH COVID19 THE ROLE OF ACCOUNTING IN SHAPING CHARITIES FINANCIAL RESILIENCE	KOBER R; THAMBAR P	10.1108/AAAJ-09-2020-4919
21	2021	THE IMPACTS OF COVID19 PANDEMIC EXTERNAL SHOCK OF DISRUPTION EDUCATION AND FINANCIAL STRESS COHESION	MAHMUDAH F; PUTRA E; WARDANA B	10.51709/19951272/Summer-2/3
22	2021	BUILDING UP FINANCIAL LITERACY AND FINANCIAL RESILIENCE	LUSARDI A; HASLER A; YAKOBOSKI P	10.1007/s11299-020-00246-0
23	2021	FINANCIAL RESILIENCE AMONG DOCTORS IN TRAINING AND THE COVID19 PANDEMIC	KIJOWSKI F; MOORE S; IQBAL S; CRONIN J; MILEWSKI L; WOODS N; O'REILLY S	
24	2022	THE ROLE OF FINANCIAL LITERACY FOR FINANCIAL RESILIENCE IN MIDDLEAGE AND OLDER ADULTHOOD	BIALOWOLSKI P; CWYNAR A	10.1108/IJBM-10-2021-0453

			WEZIAK-BIALOWOLSKA D	
25	2022	MINDSPONGEBASED REASONING OF HOUSEHOLDS FINANCIAL RESILIENCE DURING THE COVID19 CRISIS	NGUYEN M;KHUC Q; LA V; LE T; NGUYEN Q; JIN R; NGUYEN P; VUONG Q	10.3390/jrfm15110542
26	2022	CRISIS RESILIENCE AND CIVIC ENGAGEMENT PANDEMICERA CENSUS COMPLETION	DENNY E	10.1017/S1537592721002024
27	2022	THE INFLUENCE OF FINANCIAL LITERACY ON FINANCIAL RESILIENCE NEW EVIDENCE FROM EUROPE DURING THE COVID19 CRISIS	ERDEM D; ROJAHN J	10.1108/MF-09-2021-0442
28	2022	FINANCIAL RESILIENCE A COMPARATIVE STUDY OF THREE LOWER TIER AUTHORITIES IN ENGLAND	COYLE H; FERRY L	10.1111/faam.12344
29	2022	CAN'T SAVE OR WONT SAVE FINANCIAL RESILIENCE AND DISCRETIONARY RETIREMENT SAVING AMONG BRITISH ADULTS IN THEIR THIRTIES AND FORTIES	SUH E	10.1017/S0144686X21000337
30	2022	THE IMPACT OF FINANCIAL RESILIENCE AND STEADY GROWTH ON HIGHQUALITY ECONOMIC DEVELOPMENTBASED ON A HETEROGENEOUS INTERMEDIARY EFFECT ANALYSIS	CHEN X; HE Y	10.3390/su142214748
31	2022	FINANCIAL RESILIENCE A WAY FORWARD TOWARDS ECONOMIC DEVELOPMENT IN DEVELOPING COUNTRIES	SALIGNAC F; HANOTEAU J; RAMIA I	10.1007/s11205-021-02793-6
32	2022	THE MICRO DETERMINANTS OF FINANCIAL INCLUSION AND FINANCIAL RESILIENCE IN AFRICA	TINTA AA; OUEDRAOGO RM	10.1111/1467-8268.12636
33	2022	FINANCIAL SHOCKS FINANCIAL STRESS AND FINANCIAL RESILIENCE OF AUSTRALIAN HOUSEHOLDS DURING COVID19	SUN L; SMALL G; HUANG Y; GER T	10.3390/su14073736
34	2022	INSURING LARGE STAKES A NORMATIVE AND DESCRIPTIVE ANALYSIS OF HOUSEHOLDS FLOOD INSURANCE COVERAGE	COLLIER B; SCHWARTZ D; KUNREUTHER H; MICHEL-KERJAN E	10.1111/jori.12363
35	2022	THE GENDERDIFFERENTIAL EFFECT OF FINANCIAL INCLUSION ON HOUSEHOLD FINANCIAL RESILIENCE	SAKYI-NYARKO C; AHMAD A; GREEN C	10.1080/00220388.2021.2013467
36	2022	INCOME TRAJECTORIES IN LATER LIFE LONGITUDINAL EVIDENCE FROM THE HEALTH AND RETIREMENT STUDY	MITCHELL O; CLARK R; LUSARDI A	10.1016/j.jjeoa.2022.100371
37	2022	AN INTUITIVE FUZZY APPROACH FOR EVALUATING FINANCIAL RESILIENCY OF SUPPLY CHAIN	SAHEBI I; TOUFIGHI S; KARAKAYA G; GHORBANI S	10.1007/s12597-021-00563-z

38	2022	WEATHERING THE ECONOMIC STORM TOGETHER FAMILY IDENTIFICATION PREDICTS FUTURE WELLBEING DURING COVID19 VIA ENHANCED FINANCIAL RESILIENCE	STEVENSON C; WAKEFIELD J; BOWE M; KELLEZI B; JONES B; MCNAMARA N	10.1037/fam0000951
39	2022	WHATS IMPORTANT TO ME IS TO GET PEOPLE MOVING FOSTERING SOCIAL RESILIENCE IN PEOPLE WITH SEVERE DEBT PROBLEMS WAT IK BELANGRIJK VIND IS OM MENSEN IN BEWEGING TE KRIJGEN SOCIALE VEERKRACHT BEVORDEREN BIJ MENSEN MET ERNSTIGE SCHULDENPROBLEMEN	VAN D S Y; DUYNDAM J; WITTE T; MACHIELSE A	10.1080/13691457.2021.1997930
40	2022	BUILDING FINANCIAL RESILIENCE THROUGH FINANCIAL AND DIGITAL LITERACY IN SOUTH ASIA AND SUBSAHARAN AFRICA	KASS-HANNA J; LYONS A; LIU F	10.1016/j.ememar.2021.100846
41	2022	THE ROLE OF IMPULSIVITY AND FINANCIAL SATISFACTION IN A MODERATED MEDIATION MODEL OF CONSUMER FINANCIAL RESILIENCE AND LIFE SATISFACTION	TAHIR M; SHAHID A; RICHARDS D	10.1108/IJBM-09-2021-0407
42	2022	FINANCIAL IMBALANCES AND THEIR IMPACT ON THE DEVELOPMENT OF UKRAINIAN REGIONS IN ECONOMIC INSTABILITY	VOZNYAK H; MULSKA O; PATYTSKA K; RADELYTSKY Y	10.55643/fcapter.1.42.2022.3706
43	2022	AN ANALYSIS OF WAQF ZAKAT QAR AND TAKAFUL AS ISLAMIC SOCIAL FINANCE INSTRUMENTS JURISTIC VIEWS	MAHADIN	
44	2022	THE DEBT RELIEF NOTICE ITS EFFECTIVENESS IN IMPROVING THE FINANCIAL WELLBEING OF OVERINDEBTED INDIVIDUALS AND ITS IMPACT ON SOCIAL MOBILITY	BOYLE M	10.1017/S147474642200032X
45	2022	IDENTIFYING AND CLASSIFYING THE CONTRIBUTING FACTORS TO FINANCIAL RESILIENCE	ZAHEDI J; SALEHI M; MORADI M	10.1108/FS-10-2020-0102
46	2022	THE IMPACT OF THE COVID19 PANDEMIC ON HOUSEHOLD FINANCIAL WELLBEING	ABUSHAMMALA S	10.17549/gbfr.2022.27.4.67
47	2023	MULTIDIMENSIONAL RESILIENCE FLOOD RECOVERY ON PRIVATE LAND	JUNGER L; DAVIDS P; STÄGLEHNER G; HARTMANN T	10.1016/j.ijdr.2023.103993
48	2023	INCREASING COUNTRIES FINANCIAL RESILIENCE THROUGH GLOBAL CATASTROPHE RISK POOLING	CIULLO A; STROBL E; MEILER S; MARTIUS O; BRESCH D	10.1038/s41467-023-36539-4
49	2023	FINANCIAL RESILIENCE IN CHINA CONCEPTUAL FRAMEWORK RISK AND PROTECTIVE FACTORS AND EMPIRICAL EVIDENCE	LIU Z; CHEN J	10.1007/s10834-023-09943-7

50	2023	DETERMINANTS OF FINANCIAL RESILIENCE INSIGHTS FROM AN EMERGING ECONOMY	HAMID F; LOKE Y; CHIN P	10.1007/s40847-023-00239-y
51	2023	AUTISTIC ADULTS EXPERIENCES OF FINANCIAL WELLBEING PART II	PELLICANO E; HALL G; YING C R	10.1177/13623613231191594
52	2023	THE MEDIATING ROLE OF FINANCIAL MANAGEMENT SKILLS EXAMINING THE IMPACT OF EGOVERNMENT ADOPTION AND SOCIAL SUPPORT ON FINANCIAL RESILIENCE	LUSTRILANANG P; SUWARNO S; AMYAR F; FRISKAR	10.5267/j.dsl.2023.7.005
53	2023	BEHAVIORAL CONSEQUENCES OF INCOME AND EXPENSE SHOCKS	LARSEN V; CARRIAGA R; WETHING H; ZHAO J; HALL C	10.1016/j.soccc.2023.102067
54	2023	FINANCIAL RESILIENCE OF TWO WORKER HOUSEHOLDS FROM A HEALTH PERSPECTIVE	YAO R; XU Y; ZHANG J	10.1111/joca.12525
55	2023	THE ROAD TO RECOVERY FINANCIAL RESILIENCE AND MENTAL HEALTH IN POSTAPARTHEID SOUTH AFRICA	ESSEL-GAISEY F; OKYERE M; FORSON R; CHIANG T	10.1016/j.ssmph.2023.101455
56	2023	GOVERNMENT EMERGENCY AID AND PERCEIVED FINANCIAL SECURITY IN COVID19 EVIDENCE FROM A SAMPLE OF VULNERABLE WOMEN IN BRAZIL	RABELO D V; MENDONÇA F S; MENDES V K; BUNDE A	10.1108/IJBM-07-2022-0333
57	2023	EMPOWERING WOMEN THROUGH DIGITAL FINANCIAL INCLUSION COMPARATIVE STUDY BEFORE AND AFTER COVID19	MABROUK F; BOUSRIH J; ELHAJ M; BINSUWADAN J; ALOFAYSAN H	10.3390/su15129154
58	2023	QUALITY FINANCIAL INCLUSION AND FINANCIAL VULNERABILITY	CHIPUNZA K; FANTA A	10.1111/ijcs.12871
59	2023	GENDER DISPARITIES IN FINANCIAL RESILIENCE INSIGHTS FROM SOUTH AFRICA	ZEKA B; ALHASSAN A	10.1108/IJBM-01-2023-0053
60	2023	A COMPREHENSIVE APPROACH TO MEASURING FINANCIAL VULNERABILITY AND LITERACY UNVEILING CONNECTIONS	FERNÁNDEZ-LÁPEZ S; ÁLVAREZ-ESPIAÑO M; REY-ARES L	10.1177/21582440231208927
61	2023	COGNITIVE ABILITIES AND FINANCIAL RESILIENCE EVIDENCE FROM AN EMERGING MARKET	MUNDI H; VASHISHT S	10.1108/IJBM-05-2022-0216
62	2023	MEASURING FINANCIAL RESILIENCE WITH CONSUMER SENTIMENT DATA FROM INDIA	YADAV P; SHAIKH I	10.1108/IJBM-07-2022-0325
63	2023	INCOME SHOCK AND FINANCIAL WELLBEING IN THE COVID19 PANDEMIC FINANCIAL RESILIENCE AND PSYCHOLOGICAL RESILIENCE AS MEDIATORS	KULSHRESHTHA A; RAJU S; MUKTINENI D	10.1108/IJBM-08-2022-0342
64	2023	ECONOMIC GROWTH OF UKRAINIAN REGIONS AND DETERMINANTS OF FINANCIAL RESILIENCE MODELING THE CAUSAL NEXUS	MULSKA O; STORONYANSKA I; PATYTSKA K;	10.21511/ppm.21(4).2023.31

			IVANIUK U; VOZNYAK H	
65	2023	EMPLOYMENT STATUS AND FINANCIAL RESILIENCE DURING THE COVID19 PANDEMIC	YAO R; ZHANG J	10.1108/IJBM-08-2022-0371
66	2023	FINANCIAL DETERMINANTS OF ENSURING THE RESILIENCE OF UKRAINIAN REGIONS	VOZNYAK H; MULSKA O; KAPLENKO H; SOROKOVYI D; PATYTSKA K	10.21511/IMFI.20(4).2023.08
67	2024	BEYOND INDIVIDUAL RESPONSIBILITY TOWARDS A RELATIONAL UNDERSTANDING OF FINANCIAL RESILIENCE THROUGH PARTICIPATORY RESEARCH AND DESIGN	ANGSTEN C A; DAVIES S; OWEN R; WILLIAMS K	10.1017/S0047279423000685
68	2024	ADAPTING TO THE GIG ECONOMY DETERMINANTS OF FINANCIAL RESILIENCE AMONG GIGGERS	MOHD D S; OSMAN Z; SAMSUDIN S; PHANG I	10.1016/j.eap.2024.01.002
69	2024	FINANCIAL RESILIENCE FINANCIAL IGNORANCE AND THEIR IMPACT ON FINANCIAL WELLBEING DURING THE COVID19 PANDEMIC EVIDENCE FROM BRAZIL	BRASIL C; BRESSAN A; VIEIRA K; MATHEIS T	10.1007/s12232-023-00443-6

## APÊNDICE B - APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO

Artigo	Objetivo	Resultado
1	Examinar as conexões entre a transferência financeira de riscos e a redução de riscos e avaliar o papel da transferência de riscos, incluindo o uso de seguros, como uma ferramenta para aumentar a resiliência financeira contra eventos climáticos severos, como inundações.	Embora a transferência de riscos, incluindo seguros, seja reconhecida como uma ferramenta para aumentar a resiliência financeira contra eventos climáticos severos em países de baixa e média renda, há uma lacuna significativa na compreensão de seu funcionamento nesse contexto. O estudo revela que o potencial de usar a transferência de riscos para redução de riscos ainda não foi plenamente explorado. Apenas alguns esquemas mostram uma ligação operacional entre a transferência de riscos e a redução de riscos, enquanto a eficácia e a implementação no terreno permanecem incertas.
2	Este artigo conceitual baseia-se em quadros da teoria da exclusão social, da resiliência e dos sistemas ecológicos para criticar a definição atual de exclusão financeira e introduzir um conceito alternativo.	Apresenta a necessidade de uma abordagem mais holística que combine noções de exclusão social, capacidade financeira, modelos mentais, resiliência e sistemas ecológicos. Juntos, estes conceitos fornecem uma perspectiva significativa para analisar e compreender melhor a exclusão financeira e podem potencialmente transformar a forma como a exclusão financeira está a ser abordada nos países desenvolvidos.
3	Desenvolver um modelo de agentes heterogêneos (HAM) para analisar o papel da contabilidade na formação dos preços de mercado de ações ao longo do tempo. O modelo permite avaliar a eficácia relativa de diferentes regimes contábeis na promoção da estabilidade e resiliência do mercado financeiro, levando em consideração o contexto socioeconômico que influencia a formação dos preços das ações ao longo do tempo.	As informações contábeis e seu framework são importantes para prevenir exuberância de mercado, excessiva volatilidade e a formação de bolhas nos preços das ações ao longo do tempo.
4	Desenvolver uma análise crítica do conceito de resiliência, como ele se expandiu e foi associado às finanças.	O setor financeiro está em processo de exploração do potencial do pensamento de resiliência, buscando gerar modelos de complexidade e construir redes financeiras adaptáveis diante de crises. No entanto, os autores rejeitam tanto a simplificação gerencial dessa transição quanto a perspectiva crítica totalizante que a enxerga como apenas uma extensão do governo neoliberal. Em vez disso, eles enfatizam a importância de explorar as contingências e fragilidades da resiliência, visando compreender as dimensões produtivas da chamada 'agência performativa' de Butler.

5	Avaliar se o programa de terapia cognitivo-comportamental online, conhecido como Programa Ostrich Community, é apropriado e aceitável para uma amostra não clínica, além de examinar os impactos em termos de saúde mental e bem-estar decorrentes do uso desse programa.	Os participantes relataram satisfação com o programa e notaram que era fácil de usar. Houve também uma melhora significativa no bem-estar, ansiedade e estresse após a conclusão do programa.
6	Utilizar o conceito de resiliência para investigar as capacidades organizacionais que são implementadas e/ou construídas pelos governos locais para responder a choques (que afetam as condições financeiras), examinando suas combinações e interações com as condições ambientais. Este estudo visa explorar as múltiplas facetas da resiliência financeira, ou seja, a capacidade dos governos para antecipar, absorver e reagir a choques que afetam suas finanças ao longo do tempo.	A análise fornece provas de como as capacidades de antecipação e de resposta, bem como a vulnerabilidade financeira percebida, contribuem para explicar os padrões emergentes de resiliência financeira. As conclusões mostram que a interação destas dimensões deu origem a diferentes padrões de resiliência financeira: auto regulação, adaptação constrangida ou reativa, fatalismo satisfeito ou impotente.
7	Examinamos o bem-estar financeiro dos australianos mais velhos com múltiplas condições de saúde e deficiências.	Em comparação com os australianos mais velhos sem problemas de saúde, os respondentes com múltiplos problemas de saúde tinham rendimentos e bens mais baixos e uma maior propensão para manter dívidas de consumo. Eles corriam um risco maior de dificuldades de fluxo de caixa, despoupança para fazer face às despesas do dia-a-dia e exclusão de fornecedores financeiros. No entanto, a maioria das pessoas com múltiplas condições de saúde adotou comportamentos financeiramente resilientes.
8	Examinar como a educação financeira afeta a tomada de decisão do consumidor, focando especificamente nas atividades do Money Advice Service, uma instituição inovadora de orientação financeira criada pelo governo do Reino Unido para desenvolver e fortalecer as habilidades de alfabetização financeira dos consumidores.	As decisões financeiras dos consumidores são profundamente influenciadas por uma variedade de fatores, como gênero, status econômico, etnia, localização geográfica, idade, saúde e educação. Além dos vieses comportamentais e heurísticas, o contexto socioeconômico e sociocultural desempenha um papel crucial na formação de comportamentos financeiros. A resiliência financeira e as escolhas, como poupar, orçar e planejar o futuro, estão diretamente ligadas às circunstâncias específicas do consumidor. Portanto, intervenções educativas regulatórias podem não ser suficientes a menos que considerem seriamente o contexto mais amplo em que os consumidores vivem.
9	Verificar se os agricultores da Nova Zelândia têm se endividado além do prudente.	Os agricultores estão em um estado positivo e robusto em relação aos níveis de dívida e sistemas de pagamento. A resiliência financeira das fazendas na Nova Zelândia está em um nível razoável.
10	Explora o impacto da inclusão financeira na resiliência financeira no Bangladesh, utilizando dados do Banco Mundial sobre inclusões financeiras globais.	Constata que os respondentes com contas financeiras são mais resilientes do que aqueles sem contas. As chances de serem financeiramente resilientes são cerca de 1,4 vezes maiores para os correntistas do que para os seus homólogos. Houve também uma relação significativa entre gênero e resiliência financeira; os homens são 1,4 vezes mais resilientes que as mulheres.
11	Identificar como a resiliência financeira pode ajudar as pessoas a lidar com as adversidades financeiras e como podemos medi-la.	Propõe uma abordagem multidimensional da resiliência financeira, definindo-a como a capacidade do indivíduo de acessar e utilizar recursos internos e externos adequados, aceitáveis e acessíveis em momentos de adversidade financeira. O framework de resiliência financeira

		abrange quatro componentes: (1) recursos econômicos; (2) produtos e serviços financeiros; (3) conhecimento e comportamento financeiros; e (4) capital social. O estudo revela que mais de 2 milhões de adultos na Austrália enfrentaram considerável vulnerabilidade financeira em 2015, destacando associações entre resiliência financeira e variáveis como otimismo, situação de emprego e idade, entre outras.
12	Medir inclusão financeira na África, usando os dados Findex.	A disparidade na titularidade de contas entre os gêneros foi identificada como relevante, destacando uma desigualdade percebida entre homens e mulheres no acesso a serviços financeiros. Adicionalmente, observou-se que a adoção de tecnologia digital emerge como uma estratégia eficaz para promover a inclusão financeira. Além disso, constatou-se que aproximadamente metade da população adulta global manifestou a prática de economizar dinheiro no ano anterior.
13	Examinar a associação entre resiliência financeira e satisfação com a vida dos indígenas australianos usando dados da Pesquisa Social Nacional dos Aborígenes e das Ilhas do Estreito de Torres (2014/2015).	Os resultados revelam que a falta de dinheiro para viver e os problemas de acesso aos serviços financeiros têm implicações negativas significativas na satisfação com a vida dos indígenas australianos. A capacidade de arrecadar dinheiro em situações de emergência, conexões sociais e apoio comunitário em tempos de crise contribuem para uma maior satisfação com a vida.
14	Discutir e apresentar recomendações para melhorar a inclusão financeira das famílias de pescadores de pequena escala, a fim de terem acesso a produtos e serviços financeiros úteis e acessíveis e para construir e fortalecer a resiliência econômica das famílias.	Os resultados da pesquisa indicam que existem diversas barreiras à inclusão financeira para as pequenas famílias de pescadores, incluindo limitada capacidade e alfabetização financeira, falta de ativos para garantias, distância geográfica de instituições financeiras e ausência de identificação formal. A inclusão financeira é identificada como um meio de reduzir as vulnerabilidades dessas famílias e melhorar a resiliência econômica.
15	Criticar o crescimento dos programas de capacidade financeira apoiados pelo governo na Austrália.	O microcrédito proporciona uma via para a sobrevivência à pobreza, reduzindo as tensões associadas aos choques financeiros através da suavização do consumo, mas é questionável até que ponto o microcrédito contribui para combater a pobreza e a desigualdade. No atual contexto político e econômico australiano, o acesso ao microcrédito sem interesse gerido por ONG do setor comunitário pode ser visto como um processo de financeirização que compensa os efeitos da diminuição do bem-estar fornecido pelo Estado.
16	Medir o impacto das dificuldades econômicas sobre o bem-estar das famílias, especificamente através dos seus efeitos sobre a saúde mental dos membros da família.	A identificação familiar é um preditor positivo significativo de bem-estar, e que essa relação é mediada pelo apoio familiar. Quanto mais as pessoas sentem um sentimento de identificação com a sua família, mais elas se sentem capazes de administrar sua situação financeira. O bem-estar previu positivamente a gestão financeira, o que apoia a natureza recíproca do Modelo de Stress Familiar: sentir-se bem pode fortalecer a resiliência das pessoas face aos estressores financeiros, tornando-as mais capazes de lidar com a sua situação financeira atual.

17	Investigar a possibilidade de um ponto de viragem socioeconômico nos sistemas formais de seguro contra inundações na Europa, causado pela diminuição da procura de cobertura.	Há uma crescente inacessibilidade e uma diminuição da procura de seguros contra inundações em todos os cenários até 2080. Num cenário de alterações climáticas elevadas, as simulações mostram a ocorrência de um ponto de viragem socioeconômico em várias regiões, onde a utilização de seguros quase desaparece. Um ponto de viragem e as desigualdades relacionadas na capacidade de utilizar o seguro contra inundações como instrumento de adaptação podem ser mitigados através da introdução de reformas nos acordos de seguro contra inundações.
18	Explorar o impacto da COVID-19 nas finanças dos indivíduos na Índia.	Constata uma queda no rendimento e uma capacidade limitada para lidar com as atuais condições económicas. O questionário destaca poupanças e seguros inadequados, um fraco planeamento da reforma, empréstimos pendentes e investimentos sub diversificados, inibindo a resiliência financeira mesmo entre o grupo de rendimentos mais elevados. Particularmente, os estratos de rendimentos mais baixos, as mulheres e as pessoas com baixo nível de escolaridade são os mais vulneráveis financeiramente
19	Discutir exemplos de intervenções que tentaram aumentar a poupança e expor algumas oportunidades que não foram profundamente exploradas por meio da psicologia.	O campo da ciência comportamental aplicada deve abraçar a realidade de que as intervenções comportamentais mais eficazes para melhorar o comportamento de poupança não são tão generalizados e abrangentes quanto se imaginou.
20	Explorar o papel da contabilidade na formação da resiliência financeira de organizações beneficentes durante a crise da COVID-19.	Os resultados destacam a importância da contabilidade, tanto em práticas calculativas quanto no "discurso contábil", na construção da resiliência financeira. A contabilidade operou como uma ferramenta comunicativa, facilitando a adaptação da organização à crise e permitindo a consideração de ações futuras. As descobertas também ressaltam a importância de recursos excedentes, como reservas financeiras, na promoção da resiliência financeira, atuando como amortecedores organizacionais.
21	Determinar o efeito da: (1) resiliência financeira no modelo de aprendizagem em casa; (2) auto eficácia parental no modelo de aprendizagem em casa; (3) modelo de aprendizagem em casa sobre inovação educacional; (4) resiliência financeira na inovação na educação; e (5) auto eficácia parental na inovação educacional dos pais.	(1) A resiliência financeira tem um efeito positivo no modelo de aprendizagem em casa. (2) A auto eficácia parental tem um efeito positivo no modelo de aprendizagem em casa. (3) O modelo de aprendizagem em casa tem um efeito positivo na inovação educacional. (4) A resiliência financeira tem um efeito positivo na inovação na educação. (5) A auto eficácia parental tem um efeito positivo na inovação educacional.
22	Utilizar dados do Índice TIAA Institute - GFLEC Personal Finance (P-Fin) de 2020 para mostrar que muitas famílias americanas eram financeiramente frágeis muito antes de a pandemia da COVID-19 atingir a economia dos EUA.	Mesmo os empregados, aqueles com menos conhecimentos financeiros já correm o risco de entrar em dificuldades financeiras e isso pode ter consequências tanto a curto como a longo prazo. As pessoas já demonstravam falta de resiliência financeira antes da crise (covid). Um passo importante na construção de uma sociedade mais resiliente é tornar a alfabetização financeira uma realidade para todos.
23	Examinar a resiliência financeira dos médicos na linha da frente da pandemia da COVID-19 quando a morte ou incapacidade relacionada com a profissão era uma realidade potencial. A nossa análise considerou o	Descobertas indicam ansiedade significativa em relação à resiliência financeira nas semanas seguintes ao bloqueio relacionado ao COVID. Baixos níveis de conhecimento financeiro e de capital social e, conseqüentemente, de resiliência. O estudo indica um baixo nível de preparação

	agregado familiar do médico como unidade de análise e a doença ou morte devido à COVID-19 como a perturbação do rendimento.	financeira entre os médicos em formação, com a maioria dos médicos abaixo do limiar para serem considerados financeiramente seguros, não tendo conhecimento dos apoios disponíveis e preocupados com os seus dependentes.
24	Estudar o papel da alfabetização financeira para a resiliência financeira entre adultos de meia-idade e idosos.	A alfabetização financeira desempenha um papel protetor para a resiliência financeira. Entre os indivíduos com idades compreendidas entre os 65 e os 74 anos, a associação entre a alfabetização financeira e a resiliência financeira é mais fraca do que entre os adultos de meia-idade (50-64) e entre os mais velhos (75+).
25	Examinar os efeitos da alfabetização financeira e da acessibilidade à informação financeira sobre a resiliência financeira das famílias vietnamitas através da lente de uma perspectiva de processamento de informação.	Os agregados familiares dos respondentes com melhores conhecimentos financeiros e competências de investimento têm menos probabilidades de serem afetados financeiramente durante o pico da crise da COVID-19, mas o efeito das competências de investimento é pouco fiável. A acessibilidade à informação financeira através de fontes informais (ter um membro do agregado familiar a trabalhar no sector financeiro) e de fontes formais (participar num curso financeiro) está positivamente associada ao conhecimento financeiro e às competências de investimento dos entrevistados.
26	Testar como as variações nos choques de rendimento decorrentes da paralisação e as fontes de resiliência financeira predizem disparidades na conclusão do censo, um ato cívico concebido para minimizar as barreiras à participação.	Os resultados indicam que, sem eventos disruptivos, a conclusão do censo está correlacionada positivamente com a riqueza, predominância de população branca, densidade populacional e conectividade à internet, enquanto condados mais antigos e com mais mulheres têm taxas mais altas. Uma percentagem mais alta de graduados universitários está associada a taxas mais baixas. Durante a pandemia, a pesquisa de desemprego e indicadores de insegurança económica mostraram uma correlação negativa com as taxas de conclusão do censo em junho de 2020. Conclui-se que, em áreas economicamente inseguras com altas buscas por desemprego, as taxas de resposta ao censo são pelo menos 15 pontos percentuais mais baixas.
27	Examina a importância da alfabetização financeira na explicação da resiliência financeira em quatro países da Europa continental durante a crise da doença do coronavírus 2019 (COVID-19), ao mesmo tempo que controla um vasto conjunto de determinantes adicionais.	A resiliência financeira aumenta com a alfabetização financeira, que consistentemente se posiciona no meio em termos de importância entre todas as variáveis explicativas. A alfabetização financeira é um dos poucos determinantes da resiliência financeira que podem ser ativamente moldados. Para aumentar a preparação para crises futuras, uma combinação de educação financeira, regulamentação e incentivos pode ajudar a aumentar a alfabetização financeira e, conseqüentemente, a resiliência financeira.
28	Examina se as autoridades de nível inferior se comportam da mesma maneira que suas contrapartes de nível superior no que diz respeito à resiliência financeira a choques na Inglaterra.	A pesquisa examinou a resiliência financeira de três autoridades de nível inferior no governo local inglês, concentrando-se nos mecanismos de "rebotar para trás" e "rebotar para frente". Os efeitos significativos da austeridade foram evidentes, impactando as reservas dessas autoridades, prevendo seu esgotamento em cinco anos. Embora tenham adotado estratégias para "rebotar para trás", como reestruturações, a capacidade de inovar e adotar abordagens de "rebotar para frente" foi limitada, refletindo desafios de recursos e complexidades nas parcerias. A pesquisa destaca a urgência de revisões nas estruturas de financiamento do governo local para garantir a

		continuidade dos serviços nas autoridades de nível inferior, ressaltando a importância de uma equalização na prestação de serviços locais.
29	Examinar a atividade de poupança para a aposentadoria fora dos regimes de poupança de pensões do Estado e do local de trabalho entre adultos britânicos com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos, com base na premissa de que os indivíduos são cada vez mais encorajados a poupar para a sua aposentadoria na nova estrutura da política de pensões na Grã-Bretanha.	A poupança discricionária para a reforma dos jovens adultos é o resultado de uma interação complexa entre fatores internos e externos. A resiliência financeira, que indica o comportamento financeiro e o bem-estar atuais, é considerada o preditor mais forte para identificar um poupador de reforma discricionário, mas está intimamente ligada ao rendimento dos indivíduos e à propriedade de casa própria. O estudo constatou que apenas um em cada dez adultos com idades entre 30 e 49 anos relatou ter reservado dinheiro para a aposentadoria nos dois anos anteriores a 2012/2014.
30	Objetivo principal avaliar a viabilidade de direcionar a economia da China de um crescimento rápido para um desenvolvimento econômico de alta qualidade. Utilizando dados de painel das 31 províncias e cidades entre 2009 e 2020, o estudo busca estabelecer um indicador abrangente, para medir o nível de desenvolvimento econômico de alta qualidade e a resiliência financeira em cada região. O artigo explora a relação entre a resiliência financeira, o crescimento estável e o desenvolvimento econômico de alta qualidade, considerando características heterogêneas regionais, estágios de desenvolvimento e estruturas industriais.	A resiliência financeira desempenha um papel crucial no fomento ao desenvolvimento econômico de alta qualidade na China. Além disso, o crescimento estável atua como um intermediário benéfico na relação entre a resiliência financeira e o desenvolvimento econômico de alta qualidade. Há também evidências de que esses impactos variam significativamente de acordo com características regionais, estágios de desenvolvimento e estruturas industriais. Dessa forma, fortalecer a resiliência financeira e promover um crescimento estável são considerados essenciais para impulsionar a economia chinesa em direção ao desenvolvimento econômico de alta qualidade.
31	Compreender melhor a resiliência financeira no contexto de um país em desenvolvimento e como ela pode ajudar a aliviar ainda mais a pobreza e impulsionar o desenvolvimento econômico.	A maioria dos respondentes experimentou algum nível de vulnerabilidade financeira. O nível global de resiliência financeira foi de 2,71 (vulnerabilidade baixa), compreendendo níveis moderados de recursos econômicos (2,51), produtos e serviços financeiros (2,77) e capital social (2,94). Os agregados familiares chefiados por uma mulher apresentavam um nível de resiliência financeira inferior aos chefiados por um homem. Os entrevistados que nunca foram casados também estavam representados nas categorias de resiliência financeira baixa e muito baixa. O ciclo de vida, a resiliência financeira pareceu seguir uma forma de U invertido. Os respondentes nas zonas rurais tinham níveis mais baixos de resiliência financeira do que os das zonas urbanas. Níveis mais elevados de rendimento familiar per capita foram associados a níveis moderados e elevados de resiliência financeira. O emprego foi um fator-chave de proteção para a resiliência financeira. O chefe de família com uma deficiência física grave tinha maior probabilidade de colocar os agregados familiares em níveis muito baixos e baixos de resiliência financeira em comparação com os agregados familiares chefiados por homólogos saudáveis.
32	Identificar os microdeterminantes da inclusão financeira na África.	A probabilidade de manter uma conta tradicional (numa instituição financeira), aumenta com a idade, nível de rendimento e educação. Além disso, ser casado, ter emprego e viver em áreas urbanas aumenta a probabilidade de ter uma conta tradicional. As contas tradicionais são mais utilizadas pelos homens. Os mais jovens, solteiros e que vivem em zonas rurais utilizam mais contas móveis, que são muito menos restritivas e mais fáceis de aceder. A alfabetização

		financeira e a inovação são determinantes significativos da inclusão. Embora o casamento seja caracterizado por um aumento de responsabilidades e encargos, aumenta a resiliência financeira.
33	Apresentar uma análise do impacto da pandemia da COVID-19 nas finanças das famílias australianas e entender como a pandemia teve repercussões significativas nas finanças e nos comportamentos das famílias em relação as metas de poupança e gastos.	Os choques financeiros atingiram fortemente as famílias de baixa renda e as famílias monoparentais com filhos dependentes, assim como enfrentaram mais dificuldades financeiras materiais e estresse financeiro. Essas tiveram um bom desempenho no cumprimento de um orçamento, mas estavam em uma posição fraca em termos de poupança regular. Nas famílias em geral, tinham uma taxa relativamente baixa de busca de informações financeiras, aconselhamento ou orientação de um profissional. O governo precisa criar mais políticas para incentivar as famílias a acumular poupança e promover o hábito de poupar ao longo da vida.
34	Examinar a cobertura de seguro de mais de 100.000 domicílios nos Estados Unidos, especificamente concentrando-se nos limites de cobertura oferecidos pelo National Flood Insurance Program.	A pesquisa revela que, contrariamente aos modelos padrão da União Europeia que indicam que os consumidores devem selecionar limites de cobertura baixos para maximizar seu bem-estar, os titulares de mais de 100.000 apólices de seguro contra inundações tendem a escolher limites de cobertura mais altos do que o ótimo identificado pelos modelos da União Europeia. A análise mostra que as práticas do National Flood Insurance Program (NFIP) de subsidiar taxas para um grupo de segurados de maior risco são compensadas pelos prêmios mais altos pagos pelos consumidores examinados. Os resultados indicam que as decisões dos consumidores sobre os limites de cobertura são difíceis de explicar com modelos da União Europeia, sugerindo que distorções na ponderação de probabilidades podem influenciar significativamente as escolhas de seguros.
35	Aplicar o método de kernel propensity score matching difference-in-differences para examinar os efeitos diferenciais de gênero da inclusão financeira na resiliência financeira domiciliar em Gana. O estudo avalia os impactos da inclusão financeira, medidos por índices padronizados, na resiliência financeira das famílias.	O resultado da pesquisa indica que a inclusão financeira desempenha um papel significativo na contribuição para a resiliência financeira domiciliar em Gana, independentemente do gênero e da localidade (rural/urbana). Independentemente das medidas utilizadas ou do gênero do indivíduo, a inclusão financeira tem um impacto mais expressivo na resiliência financeira para aqueles em áreas rurais em comparação com os que estão em áreas urbanas. A capacidade de poupar mostrou-se mais eficaz na melhoria da resiliência do que possuir uma conta formal ou uma conta de dinheiro móvel, indicando que a capacidade de poupar é um componente chave da inclusão financeira para promover a resiliência.
36	Acompanhar os participantes da pesquisa, de baixa renda, no estudo longitudinal de saúde e aposentadoria durante 23 anos, para observar como sua situação financeira se desenvolveu à medida que envelheciam.	Os rendimentos reais dos indivíduos no quartil de base mais baixo permaneceram relativamente estáveis entre 1992 e 2016, à medida que o corte tinha idades entre os 51 e os 61 anos e entre os 74 e os 85 anos. As pessoas nos quartis mais elevados permaneciam inicialmente relativamente abastadas à medida que envelheciam. Negros, os hispânicos, as pessoas com filhos menores, as pessoas com problemas de saúde e as pessoas sem seguro de saúde privado/fornecido pelo empregador também tinham maior probabilidade de estar no quartil de rendimento monetário mais baixo quando observado na linha de base. Outro grupo sistematicamente em risco eram os participantes que viviam no sul dos EUA.

37	Identificar e classificar os critérios para mensuração da resiliência financeira da cadeia de suprimentos utilizando o Método Fuzzy Del-phi híbrido (FDM) e a técnica fuzzy intuitiva DEMATEL com valores intervalares (IVIF-DEMATEL).	Os resultados destacam critérios influentes, como visibilidade, consciência de riscos, capacidade tecnológica, cultura de gestão de riscos, redundância e gerenciamento de demanda. Além disso, foram identificados indicadores desfavoráveis, incluindo flexibilidade, velocidade, pesquisa, desenvolvimento, força financeira, adaptabilidade e confiança. A pesquisa fornece uma ordem de importância para esses critérios específicos, o que contribui para a compreensão dos elementos-chave relacionados à resiliência financeira na cadeia de suprimentos.
38	Estabelecer se e como a identificação familiar pode prever o bem-estar, determinando se estas relações são mediadas pela eficácia financeira familiar e pelo stress financeiro ao longo do tempo.	A identificação da família correlacionou-se positivamente com a eficácia financeira da família. A eficácia financeira da família correlacionou-se negativamente com dificuldades financeiras. As dificuldades financeiras correlacionaram-se negativamente com o bem-estar 1 mês depois. O stress financeiro prevê negativamente o bem-estar dos membros da família ao longo do tempo. Uma família “unida” pode ter um efeito transformador sobre as consequências corrosivas e isolantes das dificuldades econômicas.
39	Explorar o significado e as práticas de promoção da resiliência social em pessoas com graves problemas de endividamento, a partir da perspectiva de assistentes sociais, conselheiros sobre dívidas e voluntários que trabalham numa comunidade urbana desfavorecida em Roterdão, nos Países Baixos.	Os problemas de dívida podem levar a um estado de inércia nas pessoas; uma incapacidade de se mover, agir ou mudar de direção em uma determinada situação. Os assistentes sociais tentam promover a resiliência social gerando uma forma de movimento neste estado inerte e acompanhando as pessoas à medida que estas resolvem os seus problemas de dívida ao seu próprio ritmo e no seu ambiente local. Essa empreitada envolve três práticas interativas: assumir a liderança, ativar e conectar.
40	Investigar a relação entre medidas multidimensionais de alfabetização financeira e digital e comportamentos financeiros na construção de resiliência, incluindo poupança, empréstimos e risco gerenciamento.	Tanto a alfabetização financeira como a digital são fatores chave para construir a inclusão e a resiliência financeira.
41	Explora as associações diretas e indiretas entre resiliência financeira e satisfação com a vida, utilizando a moderação do comportamento não impulsivo e a mediação da satisfação financeira.	Os autores encontram a mediação completa da relação entre resiliência financeira e satisfação com a vida pela satisfação financeira. Além disso, este estudo conclui que tanto a resiliência financeira como o comportamento não impulsivo contribuem positivamente para a satisfação financeira, que está positivamente associada à satisfação com a vida.
42	Analisar as tendências e fatores que contribuem para os desequilíbrios financeiros nas regiões, especialmente em um contexto de instabilidade econômica, além de fundamentar as consequências desses desequilíbrios para o crescimento econômico.	Os resultados indicam que diferentes regiões apresentam níveis variados de desequilíbrios financeiros, destacando a importância de fatores como a capacidade do governo de garantir receitas adequadas, equilíbrio orçamentário, qualidade do planejamento e execução orçamentária, e a relação entre programas orçamentários e prioridades estratégicas de desenvolvimento regional. O estudo também destaca as causas desses desequilíbrios, incluindo questões relacionadas à capacidade de investimento, políticas regionais, produção e emprego.
43	Discutir como as propriedades waqf , zakÿt e qarÿ , que são instrumentos de financiamento social islâmico (ISF), podem ser usadas para ajudar diferentes categorias de indivíduos e grupos de baixa renda a alcançarem	As microfinanças baseadas no Waqf, no zakÿt e no qarÿ levam ao empoderamento econômico e visam a transformação social dos pobres e garantem a justiça social que eventualmente alcançará Maqÿyid al-Sharÿyah.

	capacitação financeira e ampliem seu bem-estar financeiro. Além disso, este artigo explica como os produtos e serviços takýful podem prevenir a ansiedade financeira e reforçar a resiliência financeira de indivíduos e grupos de baixos rendimentos contra choques imprevisíveis.	
44	Relatar parte de um estudo mais amplo que examinou a introdução da Lei de Insolvência Pessoal de 2012 (conforme alterada) na Irlanda e a eficácia do Aviso de Alívio da Dívida (DRN) na melhoria do bem-estar financeiro de indivíduos sobre endividados.	Revelaram uma redução nas dificuldades financeiras dos participantes após a obtenção de um DRN (aviso de alívio de dívida), o que por sua vez permitiu um maior controle sobre as finanças do dia-a-dia. Melhor saúde, maior desenvoltura e melhorias no estilo de vida também foram identificadas quando as dificuldades financeiras dos participantes foram reduzidas. No entanto, os participantes foram incapazes de alcançar resiliência financeira a longo prazo e, portanto, não conseguiram alcançar um elevado bem-estar financeiro.
45	Identificar, classificar e hierarquizar os fatores que contribuem para a resiliência financeira.	Os resultados apontam que, no nível de mercado, a estabilidade na produção e vendas, o acesso a uma cadeia de suprimentos confiável, a gestão da variabilidade ambiental, aspectos regionais e o suporte social do governo são fatores significativos. Já no nível organizacional, a flexibilidade, detecção de riscos, benefícios de renda e câmbio, inovação, tamanho da empresa e expansividade a parceiros são determinantes para a gestão organizacional. Fatores relacionados à equipe, como eficiência dos funcionários, participação acionária e cultura de aprendizado organizacional, foram identificados como importantes para a resiliência financeira.
46	Investigar o impacto da COVID-19 no bem-estar financeiro de domicílios já fragilizados em meio a desigualdades políticas e econômicas na Faixa de Gaza. O estudo explora se existem diferenças estatísticas no impacto da COVID-19 devido a variáveis demográficas, utilizando a Teoria da Função de Consumo de Friedman como referencial.	O resultado da pesquisa indica que a pandemia de COVID-19 teve um impacto negativo no bem-estar financeiro dos domicílios na Faixa de Gaza, que já eram vulneráveis devido a desigualdades políticas e econômicas. Os domicílios afetados demonstraram falta de resiliência financeira, agravada pelos efeitos combinados da pandemia e do cerco em curso. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos escores médios de bem-estar financeiro devido ao gênero antes e durante a pandemia, mas houve diferenças estatisticamente significativas relacionadas ao nível de educação, número de membros do domicílio, status de empregabilidade e número de provedores do domicílio.
47	Examinar a resiliência multidimensional no contexto da recuperação após inundações em propriedades privadas.	Os resultados revelam que as dimensões física, social e financeira da resiliência fazem parte do processo de recuperação. Essas dimensões podem ter impactos conflitantes entre si, exigindo um equilíbrio entre elas, e foram identificadas dependências, onde o aumento de uma dimensão de resiliência depende de outras. O estudo destaca a necessidade de coordenação entre as partes interessadas para lidar com as inter-relações complexas entre essas dimensões de resiliência.
48	Abordar o impacto de eventos climáticos extremos nas economias nacionais, destacando a dependência de países de baixa e média renda em relação à ajuda financeira estrangeira para a recuperação após esses eventos. Diante da lentidão e incerteza associadas à ajuda externa, o estudo	O estudo destaca a importância da formação de pools soberanos de riscos de catástrofes para fortalecer a resiliência financeira de países diante de eventos climáticos extremos. Utilizando uma abordagem que busca maximizar a diversificação de riscos, o estudo compara pooling regional e global. Os resultados indicam que o pooling global sempre oferece uma maior

	explora a eficácia de instrumentos financeiros mais resilientes, como pools soberanos de riscos de catástrofes, na gestão dessas situações.	diversificação de riscos, distribui melhor a participação de países nos riscos do pool e aumenta o número de países beneficiados pelo pooling.
49	Visa preencher a lacunas de pesquisa em conceituação, medição e contexto da resiliência financeira a nível micro quando riscos de desenvolvimento afetam indivíduos e famílias.	O estudo identificou que, na China em 2014-2015, cerca de um quinto das 3710 famílias da amostra enfrentavam vulnerabilidade financeira ou baixa resiliência financeira. Quinze determinantes socioeconômicos e demográficos foram significativamente associados à resiliência financeira, com exceção da região e do sexo. Alguns fatores de risco notáveis incluíam ter um registro de residência rural e uma combinação de fatores como habitar uma casa alugada no mercado sem acesso à internet, chefes de família divorciados ou viúvos, com má saúde, sem educação formal, desempregados e com baixa renda. O estudo destacou a importância do capital social, sugerindo que programas de bem-estar social direcionados a dinheiro ou relacionamentos poderiam fortalecer redes externas de segurança para adversidades financeiras. Além disso, enfatizou a necessidade de desenvolver um mercado financeiro maduro, ampliando o acesso a produtos financeiros adequados e serviços financeiros para melhorar o bem-estar financeiro.
50	Estudar o impacto do conhecimento financeiro, inclusão financeira e características sociodemográficas na resiliência financeira.	Na Malásia, constatamos que um maior conhecimento financeiro está associado à probabilidade de ser financeiramente resiliente. Uma maior inclusão financeira, em termos de possuir mais contas bancárias e produtos financeiros, está relacionada à probabilidade de ser financeiramente resiliente. Também observamos que a resiliência financeira varia conforme certas características sociodemográficas.
51	Investigar o bem-estar financeiro de pessoas autistas e compreender as experiências financeiras, identificando fatores que influenciam o bem-estar financeiro, com ênfase em questões como acesso a uma renda estável, suporte social, desafios no planejamento financeiro e a importância do dinheiro na vida.	No geral, os respondentes sentiram que o bem-estar financeiro significava ter dinheiro suficiente para fazer face às despesas, para poupar para despesas futuras inesperadas e para não ter de se preocupar com questões financeiras. Muitos participantes autistas, no entanto, sentiram que muitas vezes estavam fora de alcance. O emprego precário e o apoio governamental significavam que não tinham um rendimento estável suficiente para as despesas do dia-a-dia e uma rede de segurança para o inesperado.
52	Investiga o impacto da adoção do governo eletrônico e do apoio social na resiliência financeira dos indivíduos na Indonésia, com foco no papel mediador das competências de gestão financeira.	Indicam uma relação significativa entre a adoção do governo eletrônico e as competências de gestão financeira, sugerindo que a digitalização dos serviços governamentais contribui para melhorar a resiliência financeira. Além disso, constatou-se que o apoio social tem um impacto positivo nas competências de gestão financeira, apoiando a noção de que as redes sociais fornecem recursos e apoio ao bem-estar financeiro. Descobriu-se também que as competências de gestão financeira estão significativamente associadas à resiliência financeira, indicando que os indivíduos com fortes competências de gestão financeira estão mais bem equipados para se adaptarem às novas circunstâncias.
53	Explorar as consequências comportamentais de choques de renda e despesa, diferenciando o impacto psicológico desses eventos financeiros.	Choques de renda têm um impacto psicológico mais significativo do que choques de despesa, evocando mais estratégias de enfrentamento, sendo mais difíceis de lidar, mais impactantes na vida diária e percebidos como uma perda maior. Uma intervenção de autoafirmação foi eficaz

		em mitigar alguns desses efeitos negativos. A pesquisa destaca a importância de reconhecer as diferenças na percepção e resposta das pessoas a diferentes tipos de choques financeiros, proporcionando insights para melhorar a resiliência financeira e informar políticas públicas.
54	Analisar a resiliência financeira de domicílios em relação ao risco de renda do trabalho e ao risco de saúde, considerando diferentes condições de saúde dos membros.	A resiliência financeira de domicílios varia de acordo com condições de saúde específicas. Por exemplo, domicílios com pacientes de câncer mostraram maior resiliência financeira devido a alocações de portfólio mais eficientes, enquanto aqueles com membros obesos eram menos resilientes devido a menores economias e despesas mais elevadas.
55	Investigar a relação entre resiliência financeira e transtornos de saúde mental em lares na África do Sul, especialmente após o período pós-apartheid e em meio a dificuldades econômicas globais, como a pandemia de COVID-19.	O estudo encontrou uma associação negativa entre resiliência financeira e transtornos de saúde mental em lares sul-africanos. A resiliência financeira, medida em dimensões como recursos econômicos, financeiros, alfabetização financeira e capital social, está relacionada a uma redução de aproximadamente 37% na ocorrência de transtornos de saúde mental. Essa associação é consistente em vários subgrupos, incluindo diferentes grupos raciais, localizações urbanas e rurais, e entre homens e mulheres. Além disso, o estudo identificou que a satisfação com a vida e os gastos domésticos atuam como mediadores nessa relação, indicando que a resiliência financeira influencia positivamente o bem-estar mental, parcialmente por meio desses fatores.
56	Investigar a relação entre a satisfação com políticas públicas e a percepção de segurança financeira, com ênfase em uma política de renda emergencial no Brasil.	O Auxílio Emergencial no Brasil durante a pandemia aumentou a renda de mulheres chefes de família, sendo considerado suficiente por grande parte delas. No entanto, apesar da satisfação com o programa, as mulheres demonstram baixa resiliência financeira, com a maioria acreditando que sua situação financeira permanecerá a mesma ou piorará após a pandemia. A falta de reservas financeiras pré-pandemia e a dependência de empregos informais tornam essas mulheres mais vulneráveis.
57	Comparar o impacto da inclusão financeira digital no empoderamento econômico das mulheres antes e depois da epidemia de COVID-19 na Arábia Saudita.	Os resultados demonstram que as mulheres desempenham agora um papel econômico mais significativo na tomada de decisões do que antes da epidemia, porque têm acesso a uma variedade de serviços financeiros digitais que podem afetar as suas escolhas e decisões. Os resultados indicam que, especialmente após a pandemia, o uso de serviços financeiros digitais tornou-se mais crucial. O acesso a esses serviços, como pagamentos digitais, pode facilitar o acesso das mulheres a serviços financeiros.
58	Analisar a relação entre inclusão financeira e vulnerabilidade financeira em consumidores na África do Sul.	O estudo revela que, na África do Sul, apenas os 20% mais financeiramente incluídos experimentam uma redução significativa na vulnerabilidade financeira. Contrariando estudos anteriores, a pesquisa indica que, no contexto sul-africano, homens são mais vulneráveis do que mulheres, atribuído à digitalização dos benefícios sociais. Além disso, apenas os 40% mais ricos apresentam uma redução notável na vulnerabilidade, refletindo a alta desigualdade de renda. O emprego não demonstra influência significativa na vulnerabilidade, destacando que o nível de renda é crucial independentemente da fonte. Educação, estado civil e alfabetização financeira

		influenciam positivamente na redução da vulnerabilidade, enquanto beneficiários de auxílios sociais são mais vulneráveis, sugerindo desafios relacionados ao custo de vida.
59	Realizar uma análise de gênero sobre o comportamento de resiliência financeira na África do Sul.	O estudo realizado na África do Sul revela que a resiliência financeira em condições economicamente vulneráveis é geralmente baixa, com o seguro emergindo como o principal impulsor, seguido pelo planejamento de aposentadoria, poupança e crédito. Uma notável lacuna de gênero foi identificada, indicando que os homens apresentam um comportamento de resiliência financeira superior em comparação com as mulheres. Além disso, os resultados apontam que mulheres empregadas e aquelas com níveis mais elevados de educação demonstram maior resiliência financeira.
60	Analisar a relação entre a alfabetização financeira e vulnerabilidade financeira, criando uma medida abrangente de vulnerabilidade financeira e considerando diferentes dimensões da alfabetização financeira.	Os resultados indicam que o nível de vulnerabilidade financeira está negativamente relacionado com o conhecimento financeiro auto percebido, enquanto nenhuma relação estatisticamente significativa é encontrada em relação ao conhecimento financeiro objetivo.
61	Examinar a associação entre habilidades cognitivas e resiliência financeira entre pais solteiros da geração milênio. Este estudo investiga o papel das habilidades cognitivas na resiliência financeira, após o controle de variáveis demográficas-chave, como gênero, idade, obtenção de diploma universitário, status de emprego e residência com os pais.	Os autores encontram um impacto significativo das capacidades cognitivas dos pais solteiros na sua resiliência financeira. Este estudo também descobriu que o gênero, a idade, o diploma universitário, a situação profissional e a permanência com os pais influenciam a resiliência financeira dos pais solteiros. Descobriu-se que as mães solteiras apresentam níveis mais elevados de habilidades cognitivas e pontuações de resiliência financeira do que os pais solteiros.
62	Mede a resiliência financeira atual dos consumidores e as expectativas futuras no mercado emergente da Índia e a sua provável resposta às medidas políticas.	A resposta da situação atual dos consumidores é 3,50 vezes maior do que a de suas expectativas futuras. Isso sugere que um aumento na taxa de crédito-depósito e no limite de crédito afeta positivamente a Resiliência Financeira do Consumidor (CFR). Por outro lado, um maior número de contas bancárias, um indicador de inclusão financeira, afeta negativamente o bem-estar do consumidor, possivelmente devido à incapacidade do governo em fornecer suporte financeiro por meio de redes bancárias. Os pagamentos digitais (em valor) afetam positivamente a situação atual e as expectativas futuras dos consumidores.
63	Investigar a relação entre o choque de renda sofrido durante a pandemia de coronavírus e o subsequente bem-estar financeiro (BEF) de adultos indianos, mediado pela resiliência financeira (FR) e pela resiliência psicológica (RP).	O choque de renda esteve negativamente associado ao BEF. Os coeficientes de caminho estimados para FR e PR foram estatisticamente significativos e confirmaram um papel mediador. Entre as quatro dimensões da resiliência financeira, apenas os recursos econômicos foram associados positivamente ao BEF. A relação de mediação entre recursos econômicos e BEF foi maior que a RP.
64	Avaliar o nexos causal e o nível de sensibilidade dos componentes do crescimento econômico regional às mudanças nos determinantes da resiliência financeira.	Os resultados destacaram dinâmicas dominantes e diferenciadas entre as variáveis estudadas. Nas regiões líderes, foram identificadas relações causais significativas, como entre eficiência orçamentária, taxas de juros em empréstimos ao consumidor/imobiliários e desenvolvimento de pequenas e médias empresas. Regiões líderes mostraram maior flutuação em inovação e cooperação econômica estrangeira. Já regiões consideradas "outsiders" apresentaram relações

		causais com variáveis como empréstimos hipotecários, taxas de juros, índice de preços ao consumidor e investimento estrangeiro direto.
65	Examinar a associação entre situação de emprego e resiliência financeira durante a pandemia de COVID-19.	Descobriu-se que as famílias menos resilientes eram aquelas em que o trabalho do respondente foi afetado pela pandemia, o respondente não trabalhou devido a doença por COVID ou cuidados com alguém com COVID, e o respondente não trabalhou por medo do COVID. O estudo destacou implicações práticas para trabalhadores e profissionais financeiros, evidenciando a necessidade de preparação para desafios financeiros em tempos de crise de saúde pública.
66	Visa avaliar a resiliência financeira como um componente sistêmico para garantir o desenvolvimento econômico das regiões ucranianas.	O artigo revela que em 2021 as regiões com melhor resiliência financeira (regiões de Zhytomyrska, Dnipropetrovska, Kyivska, Lvivska, Odeska, Kharkivska, Cherkaska e Volynska) assumem posições de liderança em termos de desenvolvimento econômico e utilização mais eficiente dos recursos financeiros exógenos e endógenos do que as regiões com baixa resiliência financeira (regiões de Chernivetska, Vinnytska, Khmelnytska, Donetsk, Ternopilka e Ivano-Frankivska). O estudo prova que o aumento da resiliência financeira é um gatilho e uma base para garantir o crescimento econômico nas regiões, especialmente no contexto de choques macroeconômicos.
67	Contribuir para uma avaliação crítica da abordagem de "resiliência financeira" que tradicionalmente se concentra na responsabilidade individual e na capacidade financeira. Busca destacar a importância de considerar não apenas as ações individuais, mas também o contexto em que ocorrem.	Os resultados indicam que a resiliência financeira é influenciada por essas dimensões e varia entre diferentes geografias e demografias. A pesquisa destaca a necessidade de afastar-se da ênfase atual na capacidade e responsabilidade financeira individual, propondo que a resiliência financeira seja conceituada como uma prioridade transversal das políticas sociais. Além disso, observou-se que os participantes adotam diversas estratégias para enfrentar desafios econômicos, mas essas estratégias têm limites e custos, muitas vezes relacionados ao ambiente institucional externo percebido como além de seu controle.
68	Examinar o estado atual da resiliência financeira dos trabalhadores temporários da Malásia e identificar os seus componentes.	A pesquisa sobre a resiliência financeira dos trabalhadores temporários na Malásia revelou que mais da metade deles (52,4%) apresentaram baixa resiliência financeira. Fatores como falta de recursos econômicos, endividamento e dificuldades em acessar produtos financeiros e seguros contribuíram para essa baixa resiliência.
69	Apresentar uma medida de Resiliência Financeira para avaliar sua influência no bem-estar financeiro em meio à pandemia de COVID-19.	A resiliência financeira influencia significativamente a percepção do declínio do bem-estar financeiro. Níveis mais elevados de Ignorância Financeira também contribuem para uma redução da sensação de bem-estar financeiro.

## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

A resiliência financeira é de suma importância para a sociedade uma vez que esta representa um indicador de desenvolvimento. Nós, professores/pesquisadores da Universidade Federal do Pampa estamos realizando uma pesquisa sobre resiliência financeira dos cidadãos.

Prezado (a) participante, você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa que está sendo coordenada pela professora Vanessa Rabelo Dutra. O objetivo central do estudo é construir e validar uma medida de resiliência financeira dos cidadãos. Sua participação é voluntária e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar. A qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, da mesma forma que não haverá compensação financeira para a sua participação.

A sua participação na pesquisa consiste em responder perguntas de um questionário. Antes de responder as perguntas você deverá aceitar os termos da pesquisa, sendo a sua concordância manifestada de forma escrita no termo de consentimento. O tempo de duração da aplicação do questionário é estimado em 12 minutos. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar ao pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato apresentados neste Termo (via telefone ou através do e-mail [vanessadutra@unipampa.edu.br](mailto:vanessadutra@unipampa.edu.br)).

Os pesquisadores se comprometeram com o sigilo e a confidencialidade das informações, as quais não serão usadas para outras finalidades que não seja a pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados. As informações serão armazenadas, em arquivos digitais, mas somente os pesquisadores terão acesso. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, e com o fim deste prazo, será destruído.

A sua participação na pesquisa implica em riscos. A pesquisa pode gerar constrangimento por ser realizada em via pública e você pode estar em momento inoportuno. Visando reduzir e/ou sanar o risco, você pode solicitar aos pesquisadores que aguardem até que você tenha melhores condições de responder. Você pode sentir desconforto em responder questões ligadas à resiliência financeira. Assim, o pesquisador deixará à vontade para pensar, parar o questionário sem nenhuma pressão e sem motivação para retorno e desistência. Além disso, você não é obrigado a responder todas as questões. Se você se sentir lesado pela pesquisa, terá direito à assistência integral, imediata e gratuita, conforme a Resolução CNS no466/2012.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõe o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução no 466/2012 e na Resolução no 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Como benefício direto da pesquisa elenca-se a possibilidade de refletir, a partir das questões produzidas,

sobre o gerenciamento e conhecimento dos seus recursos financeiros. Como benefício indireto elenca-se a geração de um conjunto de dados que podem auxiliar a gestão pública na tomada de decisão para entender a resiliência financeira dos cidadãos.

No término da pesquisa, você receberá os resultados da pesquisa por mensagem de texto via telefone ou whatsapp, conforme escolher e informar o pesquisador. Este termo é redigido em duas vias, sendo que uma ficará de posse do pesquisador e a outra lhe será entregue. Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa.

O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 8025 E-Mail: cep@unipampa.edu.br

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592 Prédio Administrativo – Sala 7A - Caixa Postal 118

Uruguaiana – RS CEP 97500-970

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Vanessa Rabelo Dutra

Telefone: (55) 99977-0097 (podendo ligar inclusive a cobrar)

E-mail: vanessadutra@unipampa.edu.br

Sant’Ana do Livramento, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “**Resiliência financeira dos cidadãos: uma proposta de metodologia**” e concordo em participar.

Aceito participar da pesquisa.

Não aceito participar da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome do participante

\_\_\_\_\_  
Número de telefone para receber resultados





**50. Você teve despesas com alojamento temporário devido às enchentes?**50.1  Não.50.2  Sim, por menos de uma semana.50.3  Sim, por 1 a 4 semanas.50.4  Sim, por mais de 4 semanas.**51. Houve necessidade de gastos com medicamentos devido às enchentes?**51.1  Não.51.2  Sim, poucos gastos.51.3  Sim, gastos razoáveis.51.4  Sim, muitos gastos.**52. Houve necessidade de gastos com moradia devido às enchentes? Você pode escolher mais de uma alternativa.**52.1  Não.

Sim. Qual:

52.2  Limpeza.52.3  Pintura.52.4  Mobiliário.52.5  Reparos estruturais.52.6  Eletricidade.52.7  Encanamento.52.8  Desinfestação.52.9  Reparo no telhado.52.10  Substituição de pisos.52.11  Drenagem de água.52.12  Reforço das fundações.**53. Houve perda de vidas humanas em sua família devido às enchentes?**53.1  Não.53.2  Sim.**54. Você ou alguém da sua família enfrentou estados psicológicos de estresse ou ansiedade devido às enchentes?**54.1  Não.54.2  Sim, levemente.54.3  Sim, moderadamente.54.4  Sim, severamente.**55. Às enchentes causaram alguma perda de renda para a família?**55.1  Não.55.2  Sim, perda leve de renda (menos de 1 semana de trabalho).55.3  Sim, perda moderada de renda (1 a 4 semanas de trabalho).55.4  Sim, perda severa de renda (mais de 4 semanas de trabalho).

Como você pensa que estará sua SITUAÇÃO FINANCEIRA...	Melhor do que eu tinha antes das enchentes	Igual ao que eu tinha antes das enchentes	Pior a que eu tinha antes das enchentes	Muito pior do que eu tinha antes das enchentes	Não sei
56. ... daqui a 60 dias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
57. ... daqui a 6 meses.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**58. Houve alteração na sua situação financeira devido às enchentes?**58.1  Piorou58.2  Não se alterou.58.3  Melhorou.**59. Quanto tempo você acha que levará para voltar a situação financeira que você tinha antes das enchentes?**59.1  Minha situação financeira não se alterou ou melhorou.59.2  Levarei 1 mês.59.3  Levarei 2 meses.59.4  Levarei 3 meses.59.5  Levarei 4 meses.59.6  Levarei 5 meses ou mais.59.7  Acredito que não conseguirei retornar a situação financeira antes das enchentes.**60. Qual frase melhor descreve a situação financeira da sua família em relação ao dinheiro ganho a cada mês, ANTES das enchentes?**60.1  Geralmente, temos mais do que precisamos para pagar todas as contas mensais e podemos economizar ou comprar coisas extras.60.2  Pagamos todas as contas e ainda temos o suficiente para comprar coisas extras (por exemplo, presentes de aniversário).60.3  Pagamos todas as contas e, de vez em quando, sobra um pouco para comprar coisas extras.60.4  Pagamos as despesas mensais, mas não conseguimos comprar coisas extras.60.5  Geralmente, não conseguimos pagar todas as despesas mensais.**61. Qual frase melhor descreve a situação financeira da sua família em relação ao dinheiro ganho a cada mês, APÓS às enchentes?**61.1  Geralmente, temos mais do que precisamos para pagar todas as contas mensais e podemos economizar ou comprar coisas extras.61.2  Pagamos todas as contas e ainda temos o suficiente para comprar coisas extras (por exemplo, presentes de aniversário).61.3  Pagamos todas as contas e, de vez em quando, sobra um pouco para comprar coisas extras.61.4  Pagamos as despesas mensais, mas não conseguimos comprar coisas extras.61.5  Geralmente, não conseguimos pagar todas as despesas mensais.**62. Qual sua situação em relação ao gerenciamento de dívidas nos últimos 3 meses?**62.1  Não tenho dívidas.62.2  Não consegui pagar as dívidas.62.3  Consegui pagar algumas dívidas.62.4  Paguei as dívidas confortavelmente.62.5  Paguei as dívidas muito confortavelmente ou não tenho dívidas.**63. Qual o nível de suas economias antes das enchentes?**63.1  Não tinha reserva financeira antes das enchentes.63.2  Tinha alguma reserva e ainda não precisei usar.63.3  Tinha uma reserva, mas já estou usando.63.4  Tinha uma reserva, mas já usei toda.

**64. Qual sua capacidade de obter R\$4.000,00 em caso de emergência?**

- 64.1  Incapaz de obter.  
 64.2  Incerto ser capaz de obter.

- 64.3  Capaz de obter por meio de crédito convencional, amigos ou familiares.  
 64.4  Capaz de obter com economias próprias.

**65. Qual sua capacidade de cobrir as despesas com o sustento?**

- 65.1  Grande dificuldade em cobrir as despesas para me sustentar.  
 65.2  Alguma dificuldade em cobrir as despesas para me sustentar.

- 65.3  Fácil de cobrir as despesas para me sustentar.  
 65.4  Muito fácil de cobrir as despesas para me sustentar.

**66. Qual sua renda bruta familiar?**

- 66.1  Até R\$1.412,00.  
 66.2  De R\$1.413,00 a R\$4.236,00.  
 66.3  De R\$4.237,00 a R\$7.060,00.

- 66.4  De R\$7.061,00 a R\$21.180,00.  
 66.5  Mais de R\$21.181,00.

**67. Em uma escala de 0 a 10, marque o quão SATISFEITO você se considera em relação a INCLUSÃO no sistema financeiro.****68. Indique com que frequência você teve crédito negado no último ano.**

- 68.1  Não tive crédito negado.  
 68.2  Muito frequentemente.  
 68.3  Frequentemente.  
 68.4  Eventualmente.  
 68.5  Raramente.  
 68.6  Não solicitei crédito.

**69. Você possui algum tipo de seguro? Marque as opções que você possui.**

- 69.1  Não.  
 Sim. Quais:  
 69.2  Saúde.  
 69.3  Vida.  
 69.4  Residencial.  
 69.5  Automóvel.  
 69.6  Acidentes pessoais.  
 69.7  Enchentes.  
 69.8  Incêndio.  
 69.9  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Marque com um "X" conforme seu MODO DE PENSAR, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
70. Faça uma reserva de dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
71. Eu guardo parte da minha renda todo o mês.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
72. Eu guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo, como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
73. Eu passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
74. Nos últimos 12 meses tenho conseguido poupar dinheiro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**75. Gênero:**

- 75.1  Masculino.  
 75.2  Feminino.  
 75.3  Outros.

**76. Idade (em anos):** \_\_\_\_\_**77. Estado civil:**

- 77.1  Solteiro(a).  
 77.2  Casado(a).  
 77.3  Separado(a) ou Divorciado(a).  
 77.4  Em união estável.

**78. Você possui filhos?**

- 78.1  Não.  
 78.2  Sim. Quantos? \_\_\_\_\_.

**79. Qual a faixa etária de seus filhos? (caso possua mais de um filho, marque as alternativas pertinentes)**

- 79.1  Até 6 anos.  
 79.2  De 7 a 10 anos.  
 79.3  De 11 a 15 anos.  
 79.4  De 16 a 18 anos.  
 79.5  Maior que 18 anos.  
 79.6  Não se aplica.

**80. Você possui outros dependentes financeiramente?**

- 80.1  Não.  
 80.2  Sim. Quantos? \_\_\_\_\_.

**81. Raça:**

- 81.1  Amarela  
 81.2  Branca.  
 81.3  Indígena.  
 81.4  Parda.  
 81.5  Preta.  
 81.6  Sem declaração.

**82. Nível de escolaridade:**

- 82.1  Não concluí o Ensino Fundamental.  
 82.2  Ensino Fundamental completo.  
 82.3  Não concluí o Ensino Médio.  
 82.4  Ensino Médio completo.  
 82.5  Não concluí o Ensino Superior.  
 82.6  Ensino Superior completo.  
 82.7  Não concluí Pós-graduação.  
 82.8  Pós-graduação completa.

**83. Ocupação:**

- 83.1  Trabalhador formal.  
 83.2  Trabalhador informal.  
 83.3  Não trabalho.  
 83.4  Apenas estudante.  
 83.5  Aposentado.